

**Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção**

Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

**OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
E AS NOVAS TECNOLOGIAS –
É POSSÍVEL FUNCIONAR SEM “ENERGIA”?**

Dissertação de Mestrado

Florianópolis

2002

Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

**OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
E AS NOVAS TECNOLOGIAS –
É POSSÍVEL FUNCIONAR SEM “ENERGIA”?**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em
Engenharia de Produção.

Orientadora: Prof^a. Silvana Bernardes Rosa, Dra.

Florianópolis

2002

G934

Guerreiro, Kátia Bonfim de Carvalho.

Os profissionais da educação e as novas tecnologias – é possível funcionar sem “energia”? / Kátia Bonfim de Carvalho Guerreiro. – Florianópolis: Guerreiro, 2002.

xiii, 130p.

Orientadora: Silvana Bernardes Rosa
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Inovações educacionais. 2. Professores. 3. Burnout, síndrome de. 4. Educadores – Ilhéus (BA). I. Título.

CDD – 371.33

Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

**OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
E AS NOVAS TECNOLOGIAS –
É POSSÍVEL FUNCIONAR SEM “ENERGIA”?**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para
a obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de
Produção no Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção** da
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 07 de outubro de 2002.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silvana Bernardes Rosa, Dra. (Orientadora)

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Prof^a. Cristina Tramonte Vieira de Souza, Dra.

*“Infância, estação primeira do espírito,
com quem convivemos, que nos interroga a cada encontro
e nos pergunta se dela saímos ou se a ela voltamos (...).”*

Miguel G. Arroyo

A Denise, mãe e primeira professora,
pela herança de infância que tive,
inspiração para viver este ofício de mestre,
ainda que no século XXI.

Agradecimentos

Especialmente ao esposo Guerreiro
e à filhinha Camila,
pelo incentivo e compreensão.

A Deus, pela fé e esperança.

À Universidade Federal de Santa Catarina,
à Universidade Estadual de Santa Cruz e
ao Instituto Anísio Teixeira, pela credibilidade e parceria.

Aos professores e colegas de Curso,
pelo companheirismo na construção do conhecimento.

À Orientadora Silvana Bernardes Rosa,
pela cumplicidade e competência.

A Graciane, por ter caminhado ao meu lado
nos últimos nove meses.

A todos os profissionais e amigos que,
de uma forma ou de outra,
contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Os profissionais de Educação têm colocado todos os seus esforços em melhorar as condições materiais e de trabalho nas escolas, por aí vai um dos caminhos para torná-las mais educativas, para que cheguem a ser espaços mais humanos (...). O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil de ensinar sem condições, sem material e sem salário, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos. Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar – aprender a ser gente”.

Miguel G. Arroyo

Resumo

GUERREIRO, Kátia Bomfim de Carvalho. **Os Profissionais da Educação e as Novas Tecnologias – é possível funcionar sem “energia”?**. 2002. 130p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

A partir da questão “Os profissionais da educação e as novas tecnologias – É possível funcionar sem *energia*?”, a pesquisa objetivou conhecer as condições de trabalho dos profissionais da educação ao fazerem uso (ou não) dos Espaços Digitais de Aprendizagem em Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus (BA). A construção do referencial teórico teve como desafio convergir três temas: Educação – Trabalho – Tecnologia, tendo como recorte analítico a Síndrome de *Burnout*, caracterizada pela exaustão emocional, despersonalização e baixa realização no trabalho, cujos profissionais envolvidos sofrem um *déficit* de energia em sua economia psíquica. Buscou-se na pesquisa de campo verificar as características físico-ambientais dos Espaços Digitais de Aprendizagem que representam 5,6% das escolas da Rede, bem como 38% dos profissionais que trabalham nos referidos “Espaços”. Os instrumentos para coleta de dados utilizados foram questionários específicos para diretores, coordenadores e professores; pesquisa observacional de um Espaço Digital de Aprendizagem e entrevistas semi-estruturadas com especialistas nas áreas de saúde, educação e tecnologia. Embora esta seja uma pesquisa exploratória-descritiva, a mesma não se furta de alertar os profissionais de educação da susceptibilidade aos efeitos da Síndrome de *Burnout* na atividade que realizam. A própria demanda de trabalho e capital humano dirá da necessidade de, em futuras pesquisas, propor estudos e alternativas que possam qualificar o trabalho do educador, ressignificando sua relação com o uso das novas tecnologias, por uma produção mais humana, tanto na vida quanto no trabalho.

Palavras-Chave: Profissionais da Educação, Novas Tecnologias, Síndrome de Burnout

Abstract

GUERREIRO, Kátia Bomfim de Carvalho. **Os Profissionais da Educação e as Novas Tecnologias – é possível funcionar sem “energia”?**. 2002. 130p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Taking into consideration the subject “The professionals of education and the new technologies – “is it possible to make it work without *energy*?”. This research had as its objective, to know the working conditions of these professionals, concerning the usage (or not) of computer labs as a learning tool in the public schools of Ilhéus (BA). This abstract had as a challenge the converging of three topics: Education – Work – Technology, using Burnout’s syndrome as a reference, characterized by emotional distress, descharacterization and low achievement at work. In the field research, it was necessary to check the conditions of the space designated for computer labs, which represents 5,6% of the public schools as well as the working conditions of 38% of the professionals who work in this “area” the material used to come to this data was: specific questionnaires addressed to directors, coordinators and teachers; observing the work done in the labs and interviewing specialists in the area of health, education and technology. Although, this may be an exploratory research, it doesn’t omit the need of reminding these professionals, of the susceptibility of Burnout’s syndrome effects in the activities they are working on, the dispute for work and personnel, will tell the need in future researches, to propose studies and alternatives that may help qualify the work of the educator, giving another meaning to his use of new technologies, for a more humane production, may it be in life or at work.

Key-words: Professionals of education, New Technologies, Burnout’s Syndrome.

Sumário

Lista de Figuras.....	p. xi
Lista de Quadros.....	p. xii
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos.....	p. xiii
1 INTRODUÇÃO.....	p. 14
1.1 Razões da Escolha do Tema.....	p. 16
1.2 Problema Central da Pesquisa.....	p. 21
1.3 Objetivos.....	p. 23
1.4 A Metodologia e os Procedimentos de Pesquisa.....	p. 23
1.5 Estrutura do Trabalho.....	p. 25
2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS: UMA RELAÇÃO AMEAÇADA POR BURNOUT.....	p. 27
2.1 A Natureza do Trabalho do Profissional da Educação.....	p. 27
2.2 O Uso das Novas Tecnologias pelo Profissional da Educação.....	p. 31
2.3 Burnout e a Qualidade do Trabalho do Profissional da Educação.....	p. 37
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	p. 48
3.1 Pesquisa Exploratória.....	p. 48
3.2 Pesquisa Descritiva.....	p. 48
3.3 O Universo da Pesquisa.....	p. 49
3.4 Seleção da Amostra.....	p. 50
3.5 Caracterização do Uso do Espaço Digital de Aprendizagem (EDA) pelos Profissionais da Educação.....	p. 51
3.6 Análise e Discussão dos Resultados.....	p. 52
3.6.1 Pesquisa com os profissionais da educação nas escolas que possuem Espaço Digital de Aprendizagem.....	p. 52
4 CONCLUSÃO.....	p. 74
4.1 O Trabalho dos Profissionais da Educação nos Espaços Digitais de Aprendizagem.....	p. 74
4.2 Uso das Novas Tecnologias no Espaço Digital de Aprendizagem.....	p. 76
4.3 As Condições Físico-Ambientais e Laborais dos Espaços Digitais de Aprendizagem.....	p. 78
4.4 Profissionais da Educação Susceptíveis à Síndrome de Burnout.....	p. 81
4.5 Sugestões e Recomendações.....	p. 82
REFERÊNCIAS.....	p. 86
APÊNDICES.....	p. 91
APÊNDICE A – Questionários.....	p. 92
APÊNDICE B – Roteiros de Entrevista.....	p. 103
APÊNDICE C – Roteiro de Observação.....	p. 109
ANEXOS.....	p. 110
ANEXO A – Entrevistas	p. 111
ANEXO B – Observação.....	p. 127

Lista de Figuras

Figura 1: Percentual de pesquisados por categoria x sexo.....	p. 54
Figura 2: Percentual de pesquisados por faixa etária x categoria profissional..	p. 55
Figura 3: Percentual do uso de Novas Tecnologias por profissionais da Educação.....	p. 56
Figura 4: Tempo de exercício por categoria na área de Educação.....	p. 57
Figura 5: Pensamento imediato dos pesquisados em relação ao uso das Novas Tecnologias na Escola.....	p. 57
Figura 6: Número de profissionais da Educação por jornada de trabalho em horas.....	p. 59
Figura 7: Principais dificuldades no uso do Espaço Digital de Aprendizagem segundo os diretores.....	p. 60
Figura 8: Como as dificuldades no uso do EDA poderiam ser evitadas segundo os diretores.....	p. 60
Figura 9: Principais dificuldades encontradas no uso do EDA segundo os coordenadores.....	p. 61
Figura 10: Como os coordenadores enfrentam as dificuldades no uso do EDA.....	p. 61
Figura 11: Como os coordenadores imaginam que as dificuldades poderiam ser evitadas.....	p. 61
Figura 12: Dificuldades enfrentadas no uso do EDA segundo os professores.	p. 63
Figura 13: Soluções tomadas para resolver as dificuldades segundo os professores.....	p. 65
Figura 14: Medidas para sanar e/ou minimizar as dificuldades no uso do EDA segundo os professores.....	p. 65
Figura 15: Como os EDA auxiliam os professores segundo os coordenadores.....	p. 67
Figura 16: Responsáveis pelo preparo das atividades realizadas no EDA segundo os coordenadores.....	p. 68
Figura 17: Preferências quanto ao planejamento das atividades para o EDA segundo os professores.....	p. 68
Figura 18: Fator que diferencia a sala de aula normal e o EDA segundo os coordenadores.....	p. 69
Figura 19: Fator que diferencia a sala de aula normal e o EDA segundo os professores.....	p. 69
Figura 20: Avaliação da última atividade realizada no EDA segundo os professores.....	p. 71
Figura 21: Desejo de reutilizar o EDA para atividades segundo os professores.....	p. 72

Lista de Quadros

Quadro 1: Número de Escolas pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.....	p. 50
Quadro 2: Distribuição dos alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino em 2001, nas zonas rural e urbana.....	p. 50
Quadro 3: Distribuição dos alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino em 2001, nos turnos diurno e noturno.....	p. 50
Quadro 4: Número de Escolas da Rede Municipal de Ensino que possuem Espaços Digitais de Aprendizagem (EDA)	p. 51
Quadro 5: Perfil das Escolas que possuem Espaço Digital de Aprendizagem na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.....	p. 53
Quadro 6: Caracterização dos Espaços Digitais de Aprendizagem disponíveis nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.....	p. 63

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

Abreviaturas

Av.	= avenida
atual.	= atualizada
coord.	= coordenador
Dr.	= doutor
Dra.	= doutora
ed.	= edição
Nº	= número
org.	= organizador
p.	= página
R.	= rua
rev.	= revisada
Rod.	= rodovia
s/n.	= sem número

Siglas

BA	= Bahia
CNTE	= Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
EDA	= Espaço Digital de Aprendizagem
IME	= Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne
LPT	= Laboratório de Psicologia do Trabalho
NET	= Núcleo de Educação e Novas Tecnologias
OIT	= Organização Internacional do Trabalho
OMS	= Organização Mundial de Saúde
RJ	= Rio de Janeiro
SC	= Santa Catarina
SP	= São Paulo
UFRGS	= Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	= Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	= Universidade de Brasília
USP	= Universidade de São Paulo

Símbolos

%	= por cento
Km ²	= quilômetro quadrado
Km	= quilômetro
H	= hora
TV	= televisão
>	= maior que
<	= menor que

1 INTRODUÇÃO

A partir da experiência profissional vivenciada na rede municipal de ensino, na cidade de Ilhéus(BA), por quase dez anos, é possível perceber no cotidiano das escolas, profissionais da educação aparentemente desmotivados, descontentes, alheios às mudanças ocorridas na sociedade, como a inserção das novas tecnologias nas escolas.

Como afirma Arroyo (2000, p.13), é como se estivéssemos “diante de um velho e apagado retrato de família, que com o tempo perdeu as cores, apagaram-se detalhes e traços (...) a imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse (...)”.

Quem anda pelos corredores das escolas, certamente já viu rostos assim, exaustos, desanimados, tristes, desesperançados, por vezes, até irritados e agressivos, quando não, completamente indiferentes.

Tendo a educação e o trabalho como um referencial de prazer, de satisfação pelo ofício produzido dia-a-dia, não é difícil se questionar diante de tais observações cotidianas, onde está o sentido do trabalho do educador e o que o educador tem sentido do seu próprio trabalho.

Muitas podem ser as razões que justifiquem suas atitudes. Alguns até se arriscam a dizer que é o salário que não compensa, ou a extensa carga horária, a multiplicidade de funções, ou ainda, quem sabe, sejam as exigências da sociedade provocadas pelas mudanças dos últimos tempos. E dentre essas mudanças, temos a inserção das novas tecnologias impregnando o nosso cotidiano.

Hoje em dia, parece tarefa quase impossível para os educadores falar de educação, prática educativa, produção do conhecimento sem falar em novas tecnologias, avanço tecnológico.

Muitos autores e pesquisadores têm se dedicado a estudar sobre os efeitos da tecnologia para a educação; outros, sobre seus mitos e verdades; outros ainda, sobre suas possibilidades cognitivas de redesenhar os processos de aprendizagem.

Para Belloni (1999), a metáfora do “impacto” das novas tecnologias na educação, embora vista como inadequada por outros pesquisadores, é útil para difundir as tecnologias da informação e da comunicação nas instituições educacionais que absorvem lentamente essa mudança. Para a autora, a noção de impacto ganha significação nova a partir do momento em que se avança para além das

considerações técnicas “apocalípticas” ou “deslumbradas” e busca-se valorizar o mundo real dos sujeitos, enxergando-os como protagonistas de sua história e não apenas como “receptores” de mensagens e consumidores de produtos culturais.

Mesmo tendo-se conhecimento de que a tecnologia foi o diferencial que o ser humano encontrou para sobreviver e que sua utilização não é tão recente assim, é de se ficar perplexo com a rapidez com que as novas tecnologias inserem-se no cotidiano profissional e pessoal.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2001), revelam que a tecnologia é um dos principais fatores a causar sobrecarga de informações no ser humano, propiciando altos níveis de depressão e stress entre os trabalhadores. A entidade descobriu que um, em cada dez trabalhadores da Finlândia, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos, onde a pesquisa foi realizada, sofre de problemas de saúde mental, tais como depressão, ansiedade, stress ou “queima de neurônios” (Burnout), o que leva, em alguns casos, ao desemprego e à hospitalização.

Dentre as mudanças ocorridas com a evolução da tecnologia, dos meios de comunicação e informação, dos novos conceitos propostos por muitos autores e que têm permeado a educação, como a “possibilidade de um novo pensar” (LÉVY, 1993), “a valorização das outras dimensões do sujeito” além da razão (BABIN, 1989), a “noção de movimento” reavaliada por Virilio (1984), as “diferenças que devem ser levadas em conta no processo de produção do saber” defendidas por Toschi (1996), a “construção de uma cultura audiovisual” aludida por Pretto (1996); tem-se observado que, diferentemente de um tempo não muito longínquo, onde os conhecimentos adquiridos por uma pessoa no início de sua formação eram úteis e válidos durante um percurso profissional, hoje já não o são, devido ao fluxo intenso de produção de conhecimentos e informação maior do que a formação educacional e profissional pode dar conta.

Dessa forma, depara-se com um contexto educacional onde as relações do trabalhador em educação com as ferramentas do seu ofício tem sido desgastadas por um estado de “desinteresse”, apatia, falta de motivação, que não correspondem com os resultados esperados pela capacitação e o investimento feito na formação do profissional, dando origem a questões sobre o que tem afetado esse profissional, a qualidade do seu trabalho, a sua capacidade humana de educar outros seres. Questões estas que conduziram a pesquisa a resultados que consideram a faixa etária desses profissionais que estão entre os 36 e 45 anos, o tempo de trabalho

que permeia mais de 15 anos, a carga horária que oscila das 40 a 60h semanais só no trabalho sem contar com a jornada pessoal que envolvem os aspectos inerentes ao sexo feminino como família, atribuições pertinentes às mulheres numa sociedade que ainda é muito machista; e os aspectos da profissão de professor num campo de trabalho onde a formação, as concepções, as metodologias adotadas e construídas ao longo dos tempos são modificadas com uma certa lentidão e a internalização de mudanças e inovações requer mais do que desejo de mudar, requer uma outra formação, um investimento que vai além do financeiro e envolve o afetivo, a predisposição pessoal e humana do sujeito.

Estes, portanto, são aspectos relevantes levantados na pesquisa em questão que permitem relacionar o trabalho realizado pelos profissionais da educação com as novas tecnologias e a Síndrome de Burnout que têm afetado os trabalhadores da área educacional.

1.1 Razões da Escolha do Tema

O mundo do trabalho tem sofrido muitas transformações com o processo de globalização da economia, o aumento da sofisticação tecnológica, o ambiente de trabalho altamente competitivo, bem como, a perda do valor intrínseco do trabalho pela busca de recompensas extrínsecas.

Devido a todo esse avanço, as exigências de qualificação no trabalho aumentaram consideravelmente nos últimos anos, inclusive na área de educação, exigindo-se das instituições educacionais equipamentos mais sofisticados, com conceitos de tecnologia que possibilitem a reflexão e a apropriação do saber, essenciais à construção da sociedade do conhecimento e da informação.

Contudo, essas exigências têm trazido aos corredores das escolas uma outra imagem e percepção: equipamentos tecnológicos que vão desde o telefone, retroprojetor até o computador, esquecidos e empoeirados, pelo desuso ou danificação; salas de recursos ou laboratórios de informática educativa que não fazem parte da rotina de alunos e professores; cursos de capacitação que não formam uma cultura tecnológica e projetos pedagógicos mascarados de modernidade, ou seja, projetos que em sua essência mantêm os modelos

reprodutivistas e reducionistas e que nada têm de moderno. Por outro lado, pode-se encontrar profissionais de educação com sinais de exaustão física e emocional, com sentimentos de indiferença em relação ao outro (alunos, colegas, ambiente de trabalho, etc.), desanimados, desmotivados, sem perspectivas, comprometendo o nível de envolvimento pessoal e profissional no trabalho que realizam.

Lima (2000) ressalta que não tem sido tarefa simples para o trabalhador, principalmente o da educação, “migrar do mundo real para o mundo digital”, visto que estamos num momento de ruptura com o modelo sociocultural e de pensamento, onde o trabalho e as relações se reorganizam, a “linguagem digital e o espaço virtual” se expandem.

Dentro deste contexto de mudanças do trabalho humano, o profissional da educação não está excluído. Assim como em todos os outros setores do mercado, é exigido dele múltiplas competências, habilidades para trabalhar em equipe, capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas, assumir responsabilidades e aprender por si próprio; pois, são essas competências e habilidades que o habilitarão a desenvolver no meio educacional um trabalho que proporcione também à sua clientela a inserção no mundo do trabalho e na produção do conhecimento, desenvolvendo habilidades para que isso ocorra efetivamente.

Contudo, dentre os desafios apontados pelas demandas sociais, a relação dos profissionais de educação e o uso das novas tecnologias tem se destacado. Percebe-se que não basta equipar escolas com os mais sofisticados recursos tecnológicos; não basta conhecê-los, é preciso integrá-los na prática pedagógica como ferramentas a serviço da formação de indivíduos autônomos, gestores do próprio conhecimento.

Assim, diante de um contexto educacional conflituoso, permeado de profissionais “insatisfeitos”, “resistentes”, principalmente no que se refere às novas tecnologias, surgem indagações sobre o que tem afetado a qualidade da relação que se estabelece entre os profissionais da educação e o uso das novas tecnologias nos “Espaços Digitais de Aprendizagem” em algumas escolas da rede municipal de Ilhéus-BA, considerando-se que esses “espaços” foram criados e ressignificados com o intuito de “ampliar o conceito de informática educativa” substituindo o nome “Laboratório de Informática”.

Através da leitura de pesquisas realizadas sobre a saúde e qualidade do ofício do trabalhador, foi possível descobrir a “Síndrome de Burnout”, uma doença que tem afetado, entre outros profissionais, o trabalhador em educação, onde destaca-se o livro “Educação: carinho e trabalho”, o resultado de uma pesquisa de amplo espectro e abrangência sobre as condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores em educação do país. Um projeto realizado em parceria com o Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Essa pesquisa recebeu recentemente em Encontro de Educadores da América Latina, no Seminário de Pedagogia, o reconhecimento e o mérito de ser considerada referência internacional, popularizando a questão do “Burnout” (CODO, 1999, p.45).

O que chama a atenção no resultado dessa pesquisa é a descoberta de que 48% dos profissionais da educação no Brasil estão apresentando sintomas da “Síndrome de Burnout”, considerada como a “Síndrome dos queimados e sem gás”, ou como designa Codo (1999, p.13), a “Síndrome da desistência”.

“Burnout”, como afirma França (1999) é a expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaustão de energia. Tendo o termo sido usado pela primeira vez em 1974 por Freudenberg, para descrever um sentimento de fracasso e exaustão causada por excessivo desgaste de energia.

Maslach (1981) tornou-se a pioneira e ainda hoje se mantém como expoente nos estudos sobre “Burnout”, chegando a defini-la inicialmente como um processo em que ocorre a perda de criatividade seguida da reação de tédio e aborrecimento.

Segundo os estudos da pesquisa realizada no Brasil, a Síndrome afeta, principalmente, profissionais de ajuda que, pela característica do seu trabalho, precisam manter contato direto e constante com o outro. Entre estes, estão os profissionais da saúde, educação e segurança.

A Síndrome tem despertado o interesse de estudiosos como um dos grandes problemas sociais da nova economia, justamente quando o capital humano é considerado fator estratégico de desenvolvimento e as organizações se deparam com a insatisfação no trabalho, o absenteísmo, o abandono psicológico, a desmotivação, o esgotamento físico e emocional do trabalhador. Características que nós também podemos notar na nossa prática pedagógica.

Os estudos sobre Burnout não surgem casualmente, eles buscam compreender o trabalhador e seu trabalho, numa transição de século em que as mudanças são inevitáveis, como a chama de uma vela que vai se consumindo, lentamente vai se exaurindo a energia. É assim que se apresenta o profissional com Burnout, “sem energia, frustrado pelo não-afeto, pela incapacidade de atendimento em relação à demanda, pela perda do próprio sentido do trabalho” (CODO, 1999, p.17).

O interesse por esse campo tem aumentado a cada dia em virtude das mudanças ocasionadas pelo novo conceito de saúde que está de acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde) e, da decorrente melhoria na qualidade de vida. Pesquisadores e estudiosos vêm se debruçando sobre a questão do Burnout, como um dos grandes problemas psicossociais do momento, tendo em vista que suas conseqüências migram da esfera individual para a organizacional.

A fim de compreender o que isso significa, é apresentada uma revisão teórica elaborada por Farber (1991), onde ele explicita sobre quais perspectivas essa Síndrome vem sendo estudada e quem são seus respectivos representantes:

- Perspectiva Clínica: Herbert Freudenberger, em 1974, definiu Burnout como um estado de exaustão resultante do trabalho intenso, sem a preocupação de atender às necessidades do indivíduo;
- Perspectiva Social-Psicológica: Christina Maslach, identificou o ambiente de trabalho como causa do stress laboral. Para ela Burnout surge como uma reação à tensão emocional crônica gerada por contato direto e constante com outros seres humanos;
- Perspectiva Organizacional: Cary Cherniss, amplia o modelo social-psicológico enfatizando características organizacionais como geradoras de Burnout. Argumenta que os sintomas que compõem a Síndrome são mecanismos de resposta para um trabalho estressante, frustrante ou monótono;
- Perspectiva Social-Histórica: Seymour Sarason, em 1983, enfatiza o impacto da sociedade como determinante de Burnout mais que questões individuais ou organizacionais. Ressalta que a sociedade atual não favorece o comprometimento dos profissionais em atividades relacionadas ao outro.

Embora, ainda não se tenha consenso sobre a definição de Burnout, a que é proposta por Maslach (1981, p.100) e seus colaboradores tem sido a mais aceita e, também, a mais utilizada; que define a Síndrome como fenômeno multidimensional, abarcando três dimensões: a “exaustão emocional” – situação em que os

profissionais sentem que não podem dar mais de si mesmos afetivamente, caracterizando-se pelo esgotamento físico e emocional advindo do contato diário com os problemas – a “despersonalização” – onde o vínculo afetivo é substituído por um racional, levando os profissionais a desenvolverem sentimentos e atitudes negativas (cinismo, insensibilidade emocional, dissimulação, etc.) em relação aos clientes, colegas e organizações. É a “coisificação” da relação e a “falta de envolvimento pessoal no trabalho” – a tendência dos profissionais de se auto-avaliarem de forma negativa. Infelizes e insatisfeitos com seu desenvolvimento profissional, eles acabam comprometendo sua competência e êxito no trabalho que realizam.

Esta Síndrome afeta, principalmente, profissionais da área de serviços que trabalham diretamente com seus usuários; entre eles estão os profissionais da educação, saúde e segurança. Entretanto, Maslach e Leiter (1997), apontam que tendo em vista a exigência das relações interpessoais no trabalho com clientes, consumidores, colegas ou supervisores, é provável que existam profissões com maior ou menor risco de apresentar Burnout, mas que é improvável que exista uma profissão que não seja alvo dessa Síndrome.

Dessa forma, por considerar o trabalho em educação um ofício especificamente humano, que exige do profissional posturas, atitudes e competências coerentes com o processo de humanização do educando e não apenas um espaço para o uso da técnica por si só, é que se pode pensar na possibilidade de analisar até que ponto as mudanças tecnológicas têm contribuído para a realização deste ofício.

Além disso, é possível também considerar que o profissional não deve estar alheio às mudanças sociais vigentes, principalmente no que se refere ao seu trabalho, ao contrário, deve adequar-se a elas, analisando até que ponto as inovações tecnológicas, os investimentos feitos na escola, podem contribuir ou não para a qualidade de sua vida profissional e o desenvolvimento da sua ação humana, que não pode ser substituída por nenhuma máquina.

Assim, diante do quadro vislumbrado é que se considera relevante a realização desta pesquisa sobre a relação produzida pelos profissionais de educação com o uso das novas tecnologias, que enfatiza o seu estado de saúde física e emocional, sob a ótica da Síndrome de Burnout, permitindo compreender e analisar como essa Síndrome que acomete os profissionais da nova economia, pode estar afetando a produtividade do profissional de educação, especificamente no que se refere às

novas tecnologias, assinalando os problemas, conflitos, tensões, empecilhos que tais profissionais enfrentam ao fazer uso delas.

1.2 Problema Central da Pesquisa

Na prática docente é possível perceber o papel importante que as novas tecnologias têm a oferecer para o trabalho educacional na promoção do saber. É sabido que os educadores não podem estar alheios a isso, apesar do cotidiano dos corredores demonstrar o contrário: instituições educacionais equipadas com as mais avançadas formas e conceitos de tecnologia, desde o telefone até o computador.

Contudo, o que se apresenta são recursos empoeirados pelo desuso, danificados, sem manutenção, laboratórios de pesquisa fechados, salas de recursos audiovisuais e computadores que não fazem parte da rotina de professores e alunos; cursos de capacitação que não conseguem formar uma cultura tecnológica, projetos pedagógicos mascarados de modernidade que não saem do papel, entre outros aspectos que demonstram o pouco significado da tecnologia para o avanço da prática pedagógica.

No relato de alguns professores sobre “Histórias de Professores”, pesquisados por Kramer (1996, p.102, 114), podemos perceber que nem eles mesmos conseguem identificar o que os levam a desanimar, a não ver mais sentido no seu trabalho:

Se você não se sente bem, não dá. Você começa a bater com determinadas coisas, você não se sente bem, não há prazer de ir trabalhar, aí não dá.

Eu acho que hoje, o magistério, muita gente está abandonando é por desespero mesmo (...) você vai se desanimando. Agora estou realmente muito desanimada.

Esses e muitos outros relatos podem ser ouvidos no cotidiano das escolas, em cursos onde profissionais da educação estão reunidos, em conversas informais quando o assunto é educação, alunos ou professores.

Autores como Belloni (1999) chegam a afirmar que um dos motivos para tal desânimo é o uso das novas tecnologias que têm funcionado “como uma espécie de rolo compressor, levando os professores a se sentirem pressionados a desenvolver

atividades para as quais não se sentem preparados ou, a aderir, alegremente, sem muita reflexão (...) ou ainda, a sentirem-se culpados(!)”.

Entretanto, apesar das aparentes evidências de que as novas tecnologias têm desgastado o sentido do trabalho para o educador e de que, por conta do constante aperfeiçoamento técnico o profissional tem se desestimulado, isso não responde porque é tão comum ver esses mesmos profissionais se queixando, tensos, apáticos, exaustos, desmotivados.

Essa inquietude conduziu o estudo a diversas leituras e estudos referentes ao trabalho na educação, não especificamente às metodologias, estratégias, didáticas aplicadas e adotadas pelos profissionais da educação, mas ao ofício do educador enquanto atividade laborativa na produção do conhecimento.

Diante de tal descoberta e da confirmação de que algo maior do que o simples desinteresse, desmotivação estão afetando a saúde do educador é que se pergunta, se não há uma relação dessa Síndrome com o desinteresse, a indiferença, a exaustão dos profissionais de educação em algumas escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, ao lidarem com o uso das novas tecnologias.

Talvez não seja novo pensar sobre as novas tecnologias na educação. Novo pretende ser o olhar sobre o profissional da educação e sua relação com o uso dos recursos tecnológicos, sob a ótica da sua saúde, da possibilidade dele ser vitimado pela Síndrome de Burnout. Assim, o primeiro fator que torna a pesquisa relevante é a possibilidade de tornar conhecida essa Síndrome entre os profissionais da educação e, segundo, encontrar alternativas que evitem a resistência ao uso das novas tecnologias, logo, da produção do conhecimento.

Considerando a relevância da pesquisa e as observações realizadas, é que surgem as questões relacionadas ao trabalho do profissional em educação e o uso que o mesmo faz das novas tecnologias, orientando toda a pesquisa:

a) Os profissionais da educação são resistentes ao uso das novas tecnologias em seu ambiente de trabalho, especificamente nos Espaços Digitais de Aprendizagem, no ensino básico da Rede Municipal de Ilhéus?

b) Os Espaços Digitais de Aprendizagem oferecem condições de trabalho que proporcionem o interesse, a motivação, o empenho e a qualidade do trabalho dos profissionais da educação?

c) Existe treinamento técnico para os profissionais da educação se utilizarem das novas tecnologias nos Espaços Digitais de Aprendizagem?

1.3 Objetivos

Diante dos questionamentos acerca do uso das novas tecnologias pelos profissionais da educação, considerou-se relevante traçar objetivos que pudessem nortear a pesquisa de forma que ela se efetivasse consistentemente:

- GERAL:
- Conhecer e analisar o trabalho dos profissionais de educação realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, verificando se as condições físico-ambientais e laborais contribuem para que esses profissionais estejam mais susceptíveis à Síndrome de Burnout.
- ESPECÍFICOS:
- Verificar se os profissionais da educação das Escolas de Ensino Básico têm se utilizado das novas tecnologias no Espaço Digital de Aprendizagem para realização do seu trabalho.
- Verificar as condições físico-ambientais e laborais oferecidas aos profissionais de educação no Espaço Digital de Aprendizagem.

1.4 A Metodologia e os Procedimentos de Pesquisa

Mediante os questionamentos levantados, os objetivos propostos e as hipóteses consideradas para a realização e concretização da pesquisa no âmbito do trabalho dos profissionais da educação e do uso que os mesmos fazem das novas tecnologias, considerou-se como relevante que num primeiro momento se construísse o referencial teórico para fundamentar e sustentar o estudo pretendido.

Num primeiro momento, o estudo que se apresenta objetiva-se pelo conhecimento da relação entre as novas tecnologias e o trabalho em educação, onde se faz refletir sobre o ofício do profissional da educação, da forma como o mesmo impregna de sentido e sente o seu trabalho no cotidiano das escolas realizando sua prática docente e humana.

Num segundo momento reflete-se sobre o uso das novas tecnologias no meio educacional, como elas têm se inserido nas instituições educacionais, na prática docente e as implicações que têm trazido a esse campo da sociedade.

E, procurando compreender como o trabalho desse profissional da educação tem sido considerado pelas contingências do mundo moderno, o estudo apresenta a “Síndrome de Burnout”, o reconhecimento de uma doença que tem atingido 48% dos trabalhadores em educação, com o intuito de estabelecer relações entre o uso das novas tecnologias, o trabalho do educador e os aspectos concernentes a essa Síndrome.

Assim, a pesquisa inicialmente assume uma metodologia de caráter qualitativo, onde procura-se levantar dados através de pesquisas bibliográficas e entrevistas com profissionais especialistas das áreas de tecnologia, educação e saúde, com o propósito de obter informações e conhecimento quanto a atividade laborativa dos trabalhadores em educação, especificamente no que se refere ao uso das novas tecnologias em seu ambiente de trabalho e às condições laborais oferecidas nesse mesmo ambiente, de forma que pudessem responder aos questionamentos e hipóteses levantadas.

Além disso, objetivando verificar e analisar o uso das novas tecnologias pelos profissionais da educação, a pesquisa assume um caráter metodológico quantitativo, que de maneira descritiva busca por meio de questionários dirigidos a professores, diretores e coordenadores, e observação sistemática do cotidiano de um Espaço Digital de Aprendizagem, coletando dados que pudessem ser estatisticamente tratados e analisados conforme os objetivos propostos no estudo.

Após coletar os dados necessários, fez-se o tratamento dos mesmos, analisando e interpretando os resultados obtidos com os questionários, a observação e as entrevistas realizadas.

A pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, portanto, nortearam-se no sentido de buscar responder aos questionamentos levantados quanto ao trabalho dos educadores com as novas tecnologias disponíveis nas escolas, procurando (re)conhecer o que tem interferido nessa relação, contribuindo com a prática docente dos pesquisados.

Por outro lado, efetiva-se pela busca da compreensão de fatores que vão além do mero aspecto físico ou didático do espaço docente, mas dos que envolvem o contexto da prática educativa como a saúde física e mental do trabalhador e as

implicações provocadas pelas “inovações tecnológicas” inseridas no cotidiano escolar; considerando-se a relevância desses aspectos e de suas inter-relações, apesar do cerne dessa dissertação estar voltado para o uso das novas tecnologias nos Espaços Digitais de Aprendizagem realizado pelos profissionais de educação.

Contudo, considera-se que as questões da qualidade do trabalho docente e das condições que geram essa qualidade ou não devem ser vislumbradas por todos aqueles que se preocupam com a questão da ação humana no educar e que consideram o trabalho do educador com um ofício que se move muito mais por um investimento de vínculos afetivos do que por um investimento de técnicas.

1.5 Estrutura do Trabalho

No Capítulo II, apresenta-se a Revisão de Literatura com os pressupostos teóricos que fundamentam o estudo, as pesquisas, os eventos, os conceitos essenciais para compreensão da problemática estudada.

No Capítulo III apresenta-se a metodologia utilizada, sua caracterização, o universo da pesquisa, a seleção da amostra, bem como, o perfil dos pesquisados, a descrição dos dados coletados e a análise e discussão dos resultados obtidos.

No Capítulo IV, apresentam-se as considerações e conclusões acerca dos resultados obtidos, vislumbrando a importância do conhecimento para as pessoas, organizações e nações que precisam “aprender a aprender”, considerada por alguns autores como Moraes (1997), Delors (2000), entre outros, como a metodologia mais adequada a esse momento educacional e social, que vislumbra a promoção de desafios e estimulações que conduzem o sujeito à aquisição de sua “autonomia”, afim de que possa efetivamente construir o seu conhecimento, utilizando-se para isso das diversas habilidades que possui e que pode desenvolver.

Diferentemente da economia industrial, em que os recursos podiam ser medidos por maquinários e pela força do trabalho, o conhecimento pode ser reuplicável indefinidamente, multiplicando-se cada vez mais mediante pesquisas, estudos que proporcionem aos indivíduos a produção e o efetivo conhecimento a fim de promoverem mudanças significativas na realidade.

Em seguida são apresentados na Referência Bibliográfica os materiais bibliográficos citados e consultados durante a pesquisa; no Apêndice apresentam-se os instrumentos elaborados para coleta de dados, como os questionários, os roteiros das entrevistas e da pesquisa observacional efetuada; e no Anexo o conteúdo das entrevistas e da observação realizadas, que contribuíram efetivamente na fundamentação, justificação e no levantamento das considerações finais desta dissertação.

2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS: UMA RELAÇÃO AMEAÇADA POR “BURNOUT”

O mundo do trabalho tem sofrido mudanças significativas nos últimos tempos, provocadas pela evolução acelerada das novas tecnologias no contexto social, exigindo dos profissionais, entre eles o educador, qualificação, adequação aos novos tempos, aos novos conhecimentos e à produção de novos saberes científicos.

Dentro deste contexto, para o trabalhador dos novos tempos, tem sido cada vez mais difícil atender às demandas desse mundo moderno, adequar-se às transformações no modo de pensar, viver e produzir conhecimento, já que para isso seria preciso uma modernização completa em todos os aspectos de sua vida – profissional e pessoal – que pudesse atender aos seus desejos e necessidades. Isso conduz ao pensamento e reflexão a respeito de qual tem sido o sentido do trabalho humano, o sentido da vida do trabalhador em educação, no intuito de compreender e analisar a sua relação com as novas tecnologias e de como essa relação pode estar sendo afetada pelas mudanças dos últimos tempos, principalmente no que se refere à qualidade de vida e de saúde desse profissional.

Assim, no estudo que se segue são propostas reflexões sobre a natureza do trabalho do profissional em educação, procurando vislumbrar o sentido e a função desse trabalho experimentado e vivenciado por educadores em meio às mudanças da sociedade atual; a sua relação com o uso das novas tecnologias no ambiente de trabalho e a forma como essas novas tecnologias têm se inserido na esfera educacional. E, mais adiante, são apresentados os resultados de algumas pesquisas teóricas e práticas realizadas acerca da qualidade do trabalho do profissional em educação, tendo como eixo central a sua qualidade de vida, principalmente no que se refere à saúde física e mental.

2.1 A Natureza do Trabalho do Profissional da Educação

Quando se fala em educação é comum lançar os olhares para o fazer educativo, a escola, a prática docente, os alunos e outros elementos que fazem parte do

contexto educacional. Raramente tem-se como foco o fazer produtivo. E é sobre esse fazer produtivo do profissional da educação que pretende ser a reflexão desse estudo.

Na prática docente é possível observar como as mudanças no mundo contemporâneo tem afetado o sentido do trabalho do profissional em educação, o seu papel, os limites da sua ação, bem como, as competências que ele precisa ter para produzir um trabalho de qualidade.

Sem a intencionalidade de sugerir modelos pedagógicos, mas de trazer o magistério para o centro do movimento de “renovação educativa”, compreendida como a resignificação do papel fundamental da educação na produção de saberes, é que Arroyo (2000, p.9) refaz o percurso do professor e revela “imagens e auto-imagens” que foram construídas ao longo do tempo sobre este profissional e o seu trabalho. “Ofício”, é o termo empregado por ele para referir-se ao trabalho do educador, ou melhor, do mestre – aquele que “guarda segredos, saberes e artes da história docente”.

Por outro lado, no sentido da palavra “ofício”, Perrenoud (2002, p.10-12), em seu livro “A prática reflexiva no ofício do professor”, apresenta uma diferença entre profissão e ofício, nem sempre aceita em países anglo-saxões, mas que considera toda profissão como ofício, embora nem todo ofício tenha o status de profissão, pois um profissional deve reunir as competências para elaborar conceitos, pô-los em prática e solucionar problemas que surjam ao longo da sua atividade profissional, regido essencialmente por objetivos e por uma “ética”.

Educar não é uma tarefa fácil, trata-se de um dos ofícios mais perenes da espécie humana, um trabalho completo demais. Logo, não é fácil também enxergar a imagem de mestre, ela não é única, mas múltipla e plural. Imagens que amamos ou odiamos (...), que se entrecruzam nos traços sociais, afetivos, religiosos e culturais que carregamos (ARROYO, 2000, p.27-36).

Mesmo tendo muitas vezes seu trabalho esfacelado pela divisão técnica, herança do capitalismo, o educador tem como produto do seu trabalho o outro, os meios como ele mesmo e um processo que é permeado de afeto, numa relação direta e imediata.

Segundo Codo (1999, p.45),

o trabalho pereniza o gesto do trabalhador, imortaliza o trabalho (...), o trabalho é uma mágica que tem lugar entre o homem e as coisas, a coisa faz o homem e o homem faz a coisa (...) O produto do trabalho é a corporização desta permanência do homem apesar dele mesmo.

E leva-o a questionar o que faz o trabalhador, ou melhor, o que faz o educador não desistir? Talvez seja a natureza do trabalho do educador – “uma atividade humana por excelência, cheia de significados, afetos e história”. Talvez este seja um dos trabalhos em que o trabalhador controle seu processo produtivo, fazendo-se “artífice” de novos mundos.

Quando Codo (1999, p.30-33) descreve o trecho da rotina de um educador-trabalhador, preparando-se para o seu ofício, em seu livro “Educação: carinho e trabalho” surge a indagação do que leva esse mesmo profissional a não desistir do seu trabalho.

O despertador toca furioso. São seis horas da manhã (...). Primeiro, tomar aquele cafezinho para afastar os últimos fiapos de sono, chamar as crianças e ajudar o mais novinho a calçar as meias, amarrar os sapatos, tudo tem que ser feito rapidamente (...) E este ônibus que não chega!!! (...) Sua clientela já está a lhe esperar. Impacientes como sempre (...) Ama tanto o seu trabalho, mas não entende porque ultimamente vem perdendo a paciência com os seus clientes, sente como se fosse uma acha de lenha que vai queimando lentamente, soltando fagulhas pelo ar. Mas continua.

A “fábrica”, afirma Codo (1999), incumbiu-se ao longo do tempo de expulsar o afeto do espaço de trabalho, ficando este restrito ao ambiente familiar. Caberia ao ambiente de trabalho a racionalidade na medida certa, entretanto, é difícil imaginar uma sala de aula, um contexto de escola, sem que exista uma relação afetiva entre professor e alunos e entre estes com os demais agentes do processo educativo, assim como para a ótica piagetiana é impossível aprender sem o estabelecimento de vínculos, de trocas significativas.

Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, como destaca Codo (1999, p.54-55), seja na relação com os outros, seja na relação estabelecida com o produto do trabalho. Contudo, no caso específico do educador a relação afetiva é compreendida como obrigatória para o exercício do trabalho. De que outra forma o trabalho seria efetivo se é mediante esse jogo de relações que ocorre o processo de aprendizagem?

Para Codo (1999, p.50), é “através de um contrato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, que uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois”.

Assim, compreender a atividade docente como atividade carregada de afetividade é considerar também que nesse tipo de trabalho há um grande investimento de energia afetiva. E que, portanto, essa dinâmica pode ser interrompida se houver quebra no circuito afetivo, causando conflito e sofrimento no professor.

Essa característica não é exclusiva do professor, mas de todo trabalhador que lida com a questão do cuidado com outras pessoas, ou em outra denominação, profissionais de ajuda (enfermeiro, médico, terapeuta, etc.), entendido aqui como a “relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no bem-estar do outro” (CODO, 1999, p.53). E, com a impossibilidade de atender ao desejo do outro e às necessidades exigidas pelo mercado de trabalho, o educador, assim como tantos outros profissionais, podem estar diante de uma tarefa quase impossível. Já que se espera dele que construa o “futuro” do país, que embale os sonhos das crianças, que ajude os alunos a se transformarem em cidadãos, entre outros desejos da sociedade atual.

Assim, a chave da profissionalização do ofício do professor é a prática reflexiva. Mas, não poderá haver profissionalização se essa evolução não for desejada, desenvolvida ou sustentada continuamente por numerosos atores coletivos, durante décadas, para além das conjunturas e das alternâncias políticas, ressalta Perrenoud (2002, p.9-10).

Nesta linha de pensamento, Arroyo (2000, p.63) afirma que “se no foco do nosso olhar não estiver primeiro e concomitantemente recuperar a humanidade roubada do profissional, não acertaremos com o ensino-aprendizagem de nada”. E acrescenta, quando se faz da escola um lugar e um tempo de direitos, de vivências, de humanização e não de mercantilização, pode-se se encontrar como educadores e recuperar-se o ofício.

2.2 O Uso das Novas Tecnologias pelo Profissional da Educação

Atualmente, há dificuldades em se atender às demandas do mundo moderno, já que está se vivendo tempos de mudanças, onde a cada dia surgem novidades que alteram a vida e que são introduzidas com muita velocidade.

Dentro dessas mudanças tão velozes, tem-se a tecnologia que vem mudando os hábitos das pessoas, criando necessidades que antes nem se pensava que pudessem existir e afetando o espaço das escolas de forma que os professores, antes situados como “poderosos donos-do-saber”, hoje se mostram inseguros e confusos face aos novos redirecionamentos do seu papel (CODO, 1999, p.91).

Diante de tal postura, Fróes (2002, p.4) afirma que na exigência vivenciada hoje no mundo do trabalho, os profissionais da educação precisam encontrar-se como “educadores de um mundo em mudança”, modificando significativamente seu fazer pedagógico, a sua leitura de mundo, o seu olhar sobre o aluno que já não é mais somente um cidadão local, mas um “cidadão-do-mundo”, um “ser pensante em evolução, capaz de aprender por si só através da pesquisa, da busca, da descoberta”.

É necessário fomentar que o ser humano, ao longo do seu processo de evolução, desenvolveu ferramentas que lhe permitissem dominar o meio ambiente físico que o cercava, construindo instrumentos conceituais e tecnológicos que pudessem ampliar seus sentidos e os limites impostos por sua natureza biológica (FRÓES, 2002).

Deste ponto de vista, Scheimberg (1997, p.40) afirma que essas ferramentas ou instrumentos tecnológicos além de permitir ao homem atuar sobre o ambiente, ampliar o alcance dos seus sentidos, eles também são capazes de ampliar sua ação, seu modo de raciocinar, perceber e pensar o mundo e a si mesmos.

Contudo, o impacto que as novas tecnologias tem provocado no meio educacional, principalmente na vida do profissional de educação, pode estar relacionado à forma como, historicamente, esses instrumentos foram sendo introduzidos no contexto escolar: como instrumentos “imprescindíveis, capazes de solucionar todos os problemas ou como instrumentos temíveis que viriam a ocupar o lugar do mestre”. Sentimentos que ainda hoje estão presentes entre os profissionais da educação (LITWIN, 1997, p.114).

Dentro de uma análise histórica, Lion (1997, p.35) explicita que ao longo dos tempos se incorporou às aulas diferentes produções tecnológicas, como materiais impressos, gravador, televisão, vídeo, retroprojetor, slides, o próprio livro didático, a informática – em alguns casos -, as novas tecnologias da informação e da comunicação; com os mais diversos fins políticos, econômicos e ideológicos, mesmo que na maioria das vezes não se saiba “para quê” estão sendo inseridas tais ferramentas na escola.

Em relação a esses aspectos, pode-se pensar que se o sistema educacional não estiver atento às finalidades do uso das novas tecnologias por seus profissionais, principalmente à forma como estes encaram o uso dessas ferramentas, é provável que as mesmas transformem-se num amontado de instrumentos enalhados, de conceitos perdidos, que só ocupam lugar no espaço da “escola” – sua vida – ou sirvam apenas para maquiagem uma realidade que não existe.

Além disso, é preciso assinalar que muitas vezes os educadores, assim como tantos outros profissionais do mercado, não conseguem compreender o que venha a ser a tecnologia ou as novas tecnologias, seus conceitos, fins e a função que possuem de ampliar o trabalho e a mente do homem.

Com relação a esse aspecto Mírian Grinspun (1999, p.48-49) esclarece que etimologicamente tecnologia quer dizer “técnica”, referindo-se a “*techné*” que no vocábulo latino quer dizer “arte ou habilidade de realizar alguma coisa”. Assim, é preciso compreendê-la dentro do contexto das relações sociais e do seu desenvolvimento histórico, já que historicamente ela pode ser considerada como o conhecimento científico transformado em técnica, que por sua vez irá ampliar a possibilidade de produção de novos conhecimentos científicos; objetivando aumentar a eficiência da atividade humana em todas as suas esferas, inclusive a da produção.

A partir destes argumentos, é possível vislumbrar que talvez a falta desse conhecimento sobre o que é e para que serve a tecnologia, seja o motivo do impacto que o contexto educacional vem sofrendo nos últimos anos.

Sem dúvida tem sido difícil para os profissionais de um modo geral, compreender e assimilar as últimas mudanças sociais provocadas pela informatização no campo de trabalho, principalmente no que se refere às qualificações profissionais, às relações trabalhistas, às condições e ao meio ambiente de trabalho.

Desta maneira, é possível encontrar no meio social diferentes posicionamentos e posturas quanto à inserção das tecnologias no campo de trabalho. Como salienta Ligouri (1997, p.79-81), há aqueles que a consideram como um aspecto positivo de mudança social, capaz de produzir o “bem comum, a qualificação da força de trabalho e desafiar as instituições educacionais a oferecer um ensino de mais qualidade para todos”; e do outro lado, há os pessimistas, aqueles que sustentam que esse progresso beneficia apenas a uns poucos da sociedade, requerendo cada vez menos a “qualificação da força de trabalho”, gerando “desemprego” e reduzindo o “papel da escola” no controle e na reprodução da ordem social existente.

Esses e outros posicionamentos são frutos de uma incorporação tecnológica que estão sendo aliados a objetivos com os mais diversos fins políticos, econômicos e ideológicos. Se não há clareza para o profissional do que se deseja com os recursos tecnológicos, ele se perde e se aliena num emaranhado de suposições, que na maioria das vezes afeta a sua prática profissional. Neste caso, o profissional da educação não está distante de ser afetado por sentimentos e conflitos provocados pelo uso das novas tecnologias.

Na realidade, o contexto educacional tem sido um dos espaços que mais tem sofrido com as inquietações e indagações sobre como se utilizar das novas tecnologias para cumprir a sua função social de produzir conhecimento.

Em geral, muitas instituições educacionais quando se deparam com problemas no contexto escolar - os mais diversos -, investem em recursos tecnológicos como se esses fossem solucionar todos os problemas educativos. E isso se torna mais claro quando essas mesmas instituições concebem a “informática e a sua expansão na vida cotidiana e do seu campo de trabalho, como que quisesse predizer que quanto mais moderno e complexo é um aparelho melhor será sua aprendizagem”. Com base nesse pensamento, Litwin (1997, p.110-114) observa que os problemas educativos passam a ser considerados como aspectos que podem ser resolvidos de maneira rápida e eficaz a partir do uso de “modernos aparelhos”, como é o caso do uso dos computadores nas escolas.

Sem dúvida, percebe-se que são inseridos muitos computadores nas escolas, muitas vezes sem que o educador saiba o que eles são e para que servem, conseqüentemente, como devem usá-los. Em geral, nem são consultados para se saber se isso lhes proporcionará melhorias na vida profissional e na forma como cumprem seu papel de educar.

Os computadores, como ressalta Liguori (1997, p.79), não correspondem por si só às novas tecnologias. Ao contrário, são apenas parte daquilo que é considerado como nova tecnologia da informação e comunicação, muitas vezes desconhecidas no contexto escolar. Assim, o profissional sem saber com o que está lidando, ou, sem desejar estar lidando com essa ferramenta, utiliza-a para satisfazer o contexto, mesmo que não esteja compreendendo o objetivo de tal ação.

Criados para produzir, processar, recuperar e transmitir informação, os computadores também podem ser vistos como algo que irá ocupar o lugar do profissional em educação, não se percebendo que eles são apenas instrumentos tecnológicos que foram criados para ampliar e amplificar o potencial humano, a sua capacidade de produzir conhecimento, como algo, que não é humano, mas que nos ajuda, nos completa, nos amplia; “interferindo em nossas vidas, facilitando nossas ações, nos transportando ou mesmo nos substituindo em determinadas tarefas”, que até ontem não existiam. Por isso, é natural que os recursos tecnológicos ora fascinem, ora assustem (FRÓES, 2002, p.4).

Interessa, contudo, mostrar que, compreendendo as novas tecnologias como ferramentas que ampliam a capacidade humana de produzir e entender o mundo, o profissional da educação precisa ter claro que seu papel permanece, não como “dono-da-verdade”, como outrora se pensava, mas como um elemento, ainda essencial, na mediação do aprendiz e na produção do saber, do conhecimento científico.

Atualmente, salienta Cardoso (1999, p.221), percebemos que a valorização da educação nunca foi tão requerida como tem sido nos últimos tempos, apesar de ter que enfrentar os desafios das novas tecnologias e a reformulação de seu currículo conforme as exigências sociais. Muitos questionamentos tem sido dirigidos ao contexto educacional no que se refere aos conceitos de “escola”, como local de aprendizagem, de “mestre” como fonte do saber, de “aluno” como objeto de aprendizado e das “disciplinas” tidas como tradicionais. São questionamentos que exigem dos profissionais da educação o repensar de suas práticas, posturas e dos seus conhecimentos.

Mais do que isso, é o repensar do próprio trabalho do profissional da educação que está em jogo, enfrentando as mudanças, a quebra de paradigmas, a inversão de valores, os redirecionamentos do seu papel social provocados pela evolução das novas tecnologias.

Por isso, mais do que se debruçar na inserção e investimento das novas tecnologias, a educação precisa contemplar a valorização do ser social e humano que desempenha uma função dentro do contexto escolar. Visto que, o rápido e acelerado desenvolvimento tecnológico tem exigido do profissional novas competências que se baseiam na compreensão da totalidade do processo de produção relativos às necessidades do mercado de trabalho.

Por outro lado, surge a indagação de qual tem sido o direcionamento real da maioria das instituições educacionais. O que parece é que elas estão mais preocupadas com os aspectos técnicos e científicos da modernização social e adequação à mesma do que com a clientela humana que faz parte do seu contexto, deixando de lado os sentimentos, desejos e expectativas desse ser - humano - que é peça fundamental na efetivação da aprendizagem e da produção do conhecimento.

Desse modo, Cardoso (1999, p.220) acredita que é preciso pensar então no preparo desse ser humano para a vida, desenvolvendo sua “capacidade adaptativa e criadora”, como o percurso mais adequado ao processo que ele está vivendo.

Sabe-se que é inegável e inevitável a presença das novas tecnologias nas escolas, a discussão, o uso, a necessidade das mesmas. É uma realidade que não pode ser ignorada, já que a mesma permeia todos os campos da vida. Entretanto, o que precisa ficar claro é até que ponto o profissional está mental e afetivamente preparado para lidar com “essas novidades”, já que as mesmas exigem dele um redimensionamento do seu papel, sem que ele perca de vista a sua essencialidade no processo ou não se perca no mesmo.

Noutras palavras, Morais (2000, p.17) demonstra que,

não basta levar os modernos equipamentos para a escola, como querem algumas propostas oficiais. Não é suficiente adquirir televisões, videocassetes, computadores, sem que haja uma mudança básica na postura do educador. Isto reduziria as novas tecnologias a simples meios de informação.

Assim, não basta apenas saber manejar tecnicamente os recursos tecnológicos. É preciso torná-los parte integrante da natureza humana sem que com isso se perca a essencialidade, identidade e afetividade. Hoje a tecnologia já é parte inerente da vida humana, de modo que já não se consegue viver separado dela, como por exemplo viver sem luz elétrica, água encanada; é como se isso já fosse parte da

natureza humana e não tecnologia produzida pelo homem.

Por outro lado, pode-se perceber que os profissionais da educação, por mais que sejam capacitados, que se tenha exigido deles mudanças na sua forma de pensar e agir, ainda continuam atuando de forma a não conduzir o processo da maneira como a sociedade tecnológica espera.

Segundo descreve Perrenoud (2002, p.189), “apesar das novas tecnologias, da modernização dos currículos, da renovação das idéias pedagógicas, o trabalho dos professores evolui lentamente (...)”. E revela que se um observador voltasse à vida depois de um século de hibernação notaria mudanças consideráveis na cidade, na indústria, nos transportes, na alimentação, na agricultura, nas comunicações de massa, nos costumes, na medicina, nas atividades domésticas, menos na escola. Ela seria facilmente reconhecida: professor, alunos, sala de aula, talvez houvesse um computador conectado à Internet, porém, a rotina se repetiria no fazer educativo.

Ao falar desse papel do professor e do seu trabalho, é preciso ter claro que geralmente a introdução de novas tecnologias no contexto educacional provoca muitos conflitos e mudanças. Há uma modificação nas “tarefas”, entretanto, não há mudanças nos papéis preexistentes entre os profissionais da escola. Ou seja, o papel do educador permanece o mesmo. Contudo, nem por isso ele se sente plenamente realizado, economicamente ativo e com mais tempo livre, pois tais mudanças interferem na sua tarefa de educar exigido-lhe adequação e competência.

Portanto, as novas tecnologias, entre elas o computador, por si só não garantem que os alunos desenvolvam estratégias para aprender, nem incentivam o desenvolvimento das habilidades necessárias a esse aprendizado. É fundamental o papel do educador para que se estabeleça uma relação de qualidade e aprendizagem efetiva, já que as tecnologias não podem substituir o papel formador e afetivo, especificamente humanos, do educador. Assim, o profissional precisa estar mental e emocionalmente bem para que se possa estabelecer uma relação de qualidade, uma aprendizagem significativa e efetiva entre ele e os alunos por meio dos recursos tecnológicos.

2.3 Burnout e a Qualidade do Trabalho do Profissional da Educação

Muitos teóricos que discutem o uso das tecnologias na educação, dentre eles Fróes (2002, p.4), chega a argumentar que o educador não perde seu espaço com o uso das novas tecnologias na escola e que nem se tem cogitado essa possibilidade nas discussões acerca do tema. O que se discute é que o educador seria aquele que hoje cria condições para que o aluno junto às novas tecnologias possa aprender.

Contudo, na prática educativa, afirma Arroyo (2000), não é recente a denúncia que vem sendo feita pelos professores na forma de insatisfação, apatia, desânimo e desinteresse. E ainda mais grave, a apresentação dos processos de desumanização a que esses mesmos professores são submetidos desde a infância, levando-os à perda de horizontes, à perda da vontade de ir além de seus limites.

Era meados dos anos 60, passei minha infância numa fazenda de cacau, cercada de mata atlântica, bichos, frutas, rios e muitas histórias(!) Tive minha mãe como a primeira professora. Nossa 'cartilha' era o dia-a-dia paciente e sábio da roça, da lida dos trabalhadores, das brincadeiras de criança (...) Longe da cidade e dos meios tecnológicos e de comunicação, convivíamos com lampião, geladeira a gás, ferro a lenha, radinhos de pilha... felizes sem pressa ou correria. Ao mudar para a cidade, a escola era bem diferente. Suas lições eram outras. Aprendi que se tocava vida por trabalho e trabalho por dinheiro (...) Mais tarde, mesmo sendo uma professora, pedagoga, orientadora educacional não pude me desviar da decepção de 'não encontrar alunos desejosos de aprender, nem professores desejosos de ensinar' (...) E, por onde passo, seja com as crianças do Olodum, seja com os professores da favela Saramandaia, seja nas escolas rurais de Banco Central ou de Sambaituba, seja nas escolas urbanas (...) questiono o sentido do trabalho do educador e o educador sentindo seu próprio trabalho. Missão ou sina, é como eco cortando a mata, cortando a mata, cortando a... E, quiçá, um dia essa história de criança sirva de referencial pra gente grande ouvir (?).¹

No relato anterior percebe-se que é possível encontrar professores e professoras mergulhados num "sem sentido profissional"; que buscam saídas na interminável profissionalização, a fim de atender demandas sociais cada vez mais competitivas, desviando o foco do problema para a periferia das questões educacionais (ARROYO, 2000, p.58).

Diante disso, surgem as indagações sobre o que tem dificultado essa adaptação dos educadores, essa resistência à mudança de papel - do "dono-do-saber" ao "criador de condições" -, e pode-se atentar para o fato de que talvez isso se deva a

¹ Relato de Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro sobre o sentido do seu trabalho como educadora.

um processo lento e demorado que afeta profissionais de um outro tempo, com uma formação diferente, onde a exigência era reproduzir conteúdo ano após ano sem se preocupar com uma atualização constante dos mesmos, tão diferentes das exigências de hoje em dia.

De acordo com Mead (1972), no que se refere ao sentido do trabalho do educador, o pensamento ainda se amarra ao passado, ao mundo tal como existia na época da infância e juventude de muitos, nascidos e criados antes da revolução eletrônica, onde a única luz que se tinha à noite para estudar era a de uma trêmula lamparina a querosene ou de um lampião a gás. Para a maioria dos educadores é difícil compreender, assimilar e entender as revoluções tecnológicas de hoje em dia, principalmente, de como adequá-las e adaptá-las à prática educativa.

Mediante o exposto, compreende-se que é necessário que esse profissional de ontem não apenas utilize-se bem das novas tecnologias, mas que as recrie, assuma a produção e a condução tecnológica de modo a refletir sobre a ação em suas vidas, bem como, perceber o espaço que os seres humanos – nos seus mais diversos aspectos -, ocupam ao se pensar e utilizar as novas tecnologias.

Por outro lado, compreende-se também que não há como proteger-se das contradições do mundo moderno. Como ressalta Perrenoud (2002, p.189), “as sociedades se transformam - vão e vêm; as tecnologias mudam o trabalho, a comunicação, a vida cotidiana e até a forma de se pensar o mundo”. É preciso que o profissional da educação, assim como todos os outros, adequem-se às exigências e necessidades impelidas pela sociedade tecnológica. Que ele reflita sobre os “desafios” impostos e as dificuldades permeadas no trabalho educativo deste início de século. Visto que a exigência do mercado pede um trabalhador que não apenas aja, mas que reflita, tome decisões e que esteja preparado para trabalhar em equipe. Mas, em que condições organizacionais ele vai realizar tudo isso?

Segundo o Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB, dados de uma pesquisa realizada na rede estadual de ensino, nos 27 Estados da Federação, mostram que o educador encontra as piores condições para trabalhar, como salário pela metade do que paga o mercado, carreira sem grandes possibilidades de ascensão, falta de condições básicas para o exercício da profissão, reconhecimento social baixo combinado com alta responsabilidade e burocratização excessiva. Além disso, mais de 40% dos professores ganham menos de 500 reais por 40 horas

semanais de trabalho; em alguns Estados, 57,5% das escolas apresentam carteiras em péssimas condições de uso e o mesmo acontece com os quadros-negros em 47,5% das escolas; o acesso às escolas ainda é um problema em 62% dos Estados brasileiros. Outro agravante é que em 70% das escolas há histórias de agressão ou violência envolvendo professores, funcionários e alunos.

Nas considerações sobre os resultados dessa pesquisa, Codo (1999, p.94-100) observa que, tendo em vista esse exemplos é surpreendente que 86% dos professores mostrem-se satisfeitos com o seu trabalho, apesar das dificuldades que enfrentam cotidianamente. Então, como compreender esse profissional, que tem como produto o outro, que não separa o valor de uso do valor de troca; que os meios de produção estão “dentro de sua cabeça”, que não há recurso tecnológico que possa invalidar sua intervenção?

A resposta a essas questões, arrisca Codo (1999, p.384), é porque o “trabalho do professor é inalienável. Pode ser vendido, mas não tem preço e não pode ser expropriado. É o trabalho em toda sua magia, em toda sua potência. É o trabalho perfeito”.

Contudo, o que se observa na prática docente são professores se perguntando se o que ensinam pode ser significativo para seus alunos viverem nessa sociedade em transformação, se suas práticas são inviáveis, sobre a “concorrência” com as tecnologias; demonstrando um desencantamento com a atividade docente, rupturas, descontinuidades, produção de mal-estar dentro do contexto escolar.

Segundo o depoimento de Francisco Chagas, coordenador político da pesquisa e membro da executiva da CNTE,

a pesquisa foi realizada no sentido de dar condições para que os trabalhadores em educação conhecessem a si mesmos... que comprovou cientificamente aquilo que todo mundo já sabia e por outro lado trouxe uma novidade que é Burnout, a Síndrome da desistência.²

Assim, Codo (1999, p.9) e seus colaboradores empenharam-se em mais de dois anos a pesquisar sobre “as condições de trabalho e a saúde mental dos profissionais de educação no Brasil”. E para tal realização, andaram pelos 27 Estados da Federação, avaliaram 52.000 sujeitos e 1.440 escolas.

² Depoimento de Francisco das Chagas Fernandes - Coordenador político das pesquisa sobre as Condições de Saúde Mental dos Trabalhadores em Educação no Brasil, realizada pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho/UnB e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) -, 22 de fevereiro de 2002.

Segundo Chagas Fernandes, essa Pesquisa é hoje referência internacional para a questão do Burnout dada a sua dimensão. Em entrevista ele declara:

essa pesquisa repercute no cenário internacional e divulguei-a no Congresso de Pedagogia, em 2001 em Cuba; também foi divulgada no Chile. Na Argentina a pesquisa despertou tanto o interesse que houve a proposta de traduzir o livro para o espanhol. (...) de fato, é a maior pesquisa internacional acerca do tema.³

Os objetivos dessa pesquisa nos mostram que o contexto de trabalho dos profissionais em educação não são de interesse apenas de uns poucos pesquisadores, nem é uma questão levantada apenas pelo cenário brasileiro. A realidade da qualidade profissional do educador é interesse de muitos, em diversos países, principalmente no que se refere a sua saúde e à Síndrome que tem vitimado muitos trabalhadores, tanto da área de educação como de outras áreas em que a demanda do atendimento e investimento afetivo é excessiva.

Codo (1999, p.47) salienta que “para o educador, o produto é o outro, os meios de trabalho são ele mesmo, o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de história (...) e de afeto”. O afeto é indispensável na atividade de ensinar.

Quando o educador investe afetivamente e não recebe um retorno, há uma quebra no circuito afetivo, na relação trabalhador-aluno, gerando frustração, sofrimento e Burnout.

Embora a “Síndrome de Burnout” já faça parte do Dicionário de Psiquiatria, para muitas pessoas ainda é uma expressão desconhecida.⁴ E apesar da pesquisa ter sido realizada praticamente em todos os Estados brasileiros, a sua divulgação restringiu-se a uns poucos Estados, enquanto que internacionalmente tem sido foco de estudo e pesquisa. Outro aspecto relevante diz respeito a escassa literatura sobre o assunto aqui no Brasil, além da pouca discussão no campo da educação referente ao aspecto das novas tecnologias, pois em outras áreas como a de medicina, a Síndrome tem sido amplamente divulgada, como declara Chagas (2002) em trechos de sua entrevista:

³ Idem, 22 de fevereiro de 2002.

⁴ DICIONÁRIO DE PSIQUIATRIA. Disponível em: <<http://www.psiqweb.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2002.

A divulgação da pesquisa sofreu um problema. Se a gente tivesse divulgado da maneira como a gente planejou, acho que todo o povo brasileiro saberia... ficamos numa situação difícil, pois começamos a divulgar a pesquisa esfaceladamente. Foi muito divulgada regionalmente, alguns Estados divulgaram mais que outros... divulguei-a no Congresso de Pedagogia 2001, em Cuba; também no Chile, na Argentina...

Esse relato demonstra a relevância e a necessidade de divulgação que esse tema encerra, de forma que os trabalhadores em educação estejam conscientes do que lhes pode ameaçar e para que outras pesquisas sejam desenvolvidas, ampliando as propostas de esclarecimento, prevenção e intervenção.

Não se pode continuar afirmando e generalizando que os profissionais da educação agem de um modo ou de outro apenas por que lhes falta um salário mais digno, ou por falta de formação, ou ainda por falta de compromisso. Por muito tempo esse profissional tem sido alvo de críticas, de esquecimento e de desmerecimento por parte de muitos na sociedade, como se a causa do “fracasso” nas escolas fosse exclusivamente provocado por sua prática educativa.

Segundo Codo (1999, p.239), a teoria do Burnout não surge por acaso, mas emerge, justamente, num período em que o setor primário (produção) dá lugar ao setor terciário (prestação de serviços), intensificando a profissionalização no trabalho, num tempo em que não se consegue ter controle sobre o meio, em que a demanda cresce e, com ela, a impossibilidade de realizar a tarefa.

Estudos sobre Burnout tiveram início com profissionais da área de serviços de saúde, ou melhor, com “profissionais de ajuda” que realizavam seu trabalho em contato direto com outras pessoas. Usada pela primeira vez em 1974, por Herbert Freudenberger, “Burnout” pretendia explicar um estado de impotência e derrota diante do trabalho, com um sentimento de fracasso e exaustão, causada por excessivo desgaste de energia e recursos. Literalmente, Burnout é uma palavra de origem anglo-saxônica que significa “queimar para fora”, metáfora usada entre os jovens viciados que designa o usuário que já se consumiu totalmente em tóxicos. Numa tradução mais direta, Burnout pode significar algo como “perder o fogo”, “perder a energia” ou “queimar (para fora) completamente”.

Mais adiante, Christina Maslach (1981, p.99-113), uma das pioneiras sobre o estudo do assunto, o definiu como “um processo em que ocorre a perda de criatividade e conseqüente sentimento de tédio e aborrecimento”. É uma Síndrome

através da qual o trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, razão e afeto se distanciam e, inútil parece ser todo e qualquer esforço.

Assim, a Síndrome de Burnout constitui-se num problema de grande relevância e repercussão social em nossos dias. Suas manifestações mais freqüentes, apresentadas por Dr. R. Capilla Pueyo (2002), médico especialista em Medicina Familiar e Comunitária de Madri, são os sintomas emocionais como ansiedade, desânimo, sentimento de derrota e tédio. Mudanças de conduta também podem ocorrer, tipo “absenteísmo laboral”, abuso do álcool, consumo de drogas etc. Já os sintomas psicossociais são expressos em dores de cabeça, insônia e transtornos gastrointestinais. Além desses sintomas, existem outras formas de manifestação da Síndrome a exemplo dos transtornos de comportamento que costumam afetar as relações no trabalho e na família, desencadeadas por atitudes negativas e pouco colaborativas, dificultando a dinâmica de um trabalho em equipe ou mesmo uma convivência social sadia.

De acordo com Dr. Pueyo (2002), o cansaço ou esgotamento profissional constitui a primeira fase do processo, caracterizado por uma progressiva perda de energia. Nesta etapa, a insatisfação, a irritabilidade e as queixas são constantes. A despersonalização é, por assim dizer, um modo de responder aos sentimentos de impotência, derrota e fracasso pessoal com atitudes hostis em relação às pessoas do meio.

Segundo o especialista argentino Jorge Corsi (2002), estudioso da Síndrome do stress crônico em profissionais que trabalham no campo da violência familiar, o abandono da realização pessoal constitui-se na terceira fase do processo e consiste na perda de ideais e um crescente isolamento de atividades familiares, sociais e recreativas, criando uma espécie de auto-reclusão.

Já para o psicólogo brasileiro Roberto Aylmer (2002), “todo sistema é projetado para suportar um determinado nível de pressão e a partir desse nível, disparam alarmes”. Segundo ele, desligamos os alarmes e fingimos que nada de ruim pode nos acontecer. Crises continuadas e lutas sem tréguas podem nos levar à perda progressiva da capacidade produtiva, isto é, à “Síndrome da Fadiga Psíquica”, que consiste no cansaço do fracasso. Essa Síndrome é a consequência do esforço sem

⁵ Depoimento de Francisco das Chagas Fernandes, em 23 fev. 2002.

a obtenção dos resultados esperados. Torna o ambiente de trabalho hostil e afeta diretamente a criatividade e a capacidade de produzir.

Outra apresentação do Burnout é vista por Lapo e Bueno (2002), professoras da Faculdade de Educação da USP, que o classificaram, a partir de uma pesquisa realizada sobre a “Evasão Docente no Magistério Público no Estado de São Paulo” (1190-1995), como um mecanismo de abandono temporário por acomodação. Segundo os pesquisadores, nesse tipo de abandono não há o distanciamento físico, ou seja, o professor comparece à escola, ministra as aulas, cumpre as obrigações burocráticas, mas executa essas atividades dentro de um limite que representa o mínimo necessário para manter-se no emprego. Atitudes de indiferença a tudo que ocorre no ambiente escolar, inércia, desmotivação pela busca de melhorias no ensino, insatisfação são algumas das razões porque esse tipo de abandono é tão prejudicial.

Esse tipo de absenteísmo apresentado, tão comum na prática cotidiana das escolas, não parece ser consciente e planejado mas um último recurso de que o profissional dispõe para manter-se equilibrado e poder lidar com os conflitos gerados pelas solicitações externas e internas, que são avaliadas, como excessivas ou acima de suas possibilidades (FRANÇA, 1996, p.36).

Muitos autores utilizam Stress e Burnout como sinônimos. Embora semelhantes estes constructos não são iguais, como ressalta Farber (1991). Assim, Burnout pode ser considerado como uma forma de “stress laboral”, defendido por Maslach e Jackson (1981), ou ainda como a intensificação da “sintomatologia” própria do stress, como afirma Kyriacou e Sutcliffe (1978). Certamente, é o papel temporal e relacional do Burnout que o diferencia do stress.

Segundo Codo (1999, p.389), sua origem está no conflito entre afeto e razão, nas relações sociais de trabalho e na exigência de controle sobre o meio ambiente. Além disso, apresenta três forças bipolares que fazem a diferença entre o prazer e o sofrimento no trabalho.

Na verdade, o que se pode perceber é que Burnout é um processo que se desenvolve com o passar do tempo; não é comum surgir no início da carreira profissional, cujos vínculos ainda não são muitos e são positivos. Seu surgimento é progressivo, geralmente não percebido pelo profissional que se nega a acreditar que algo de errado está acontecendo com ele. Entendido como “o nome da dor de um profissional encalacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue

fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração” (CODO,1999, p.13).

Assim, Burnout não é apenas um fenômeno freqüente entre profissionais da educação, mas é também altamente disseminado através das relações de trabalho, podendo desencadear um estado epidemiológico da Síndrome. Que até pode parecer exagero, mas muda-se de opinião quando constata-se, através da pesquisa realizada, que 48,4% dos trabalhadores em educação no Brasil sofrem de Burnout. Além deste número, consta ainda que 31,9% apresentam baixo envolvimento emocional com a tarefa que cumprem, 21,1% apresentam exaustão emocional e que, 10,7% apresentam despersonalização. Burnout “está presente em todos os cargos e em todos os lugares, e sempre em porcentagens preocupantes”, ressalta Codo (1999, p.249-252).

Olhando por outro ângulo, a Síndrome também pode ser vista como uma versão atualizada da história de “Jeca Tatu”⁶, um homem da roça, considerado pelos vizinhos como preguiçoso, até ser descoberto que ele sofria de um problema crônico de saúde. Para uns a história é ficção, para outros, realidade, mas o que consta é que “Jeca Tatu”, vítima de verminose, tinha seu ventre corroído pelos vermes, enquanto que,

a vítima de Burnout tem o espírito corroído pelo desânimo, com a vontade minguando devagar até atingir os gestos mais banais, minimizando as vitórias mais acachapantes, a beleza e a força da missão, dando lugar ao mesmo irritante cotidiano, por mais diferentes que sejam os dias de trabalho (CODO, 1999, p.254).

É no trabalho onde se passa a maior parte do tempo, é onde se depositam as ansiedades e ambições. Então, como ele pode servir de cenário para sofrimento tão grande? É possível reverter esse quadro?

A pressão para acompanhar as mudanças tecnológicas, a reorganização do trabalho e a alta competitividade decorrente da globalização contribuem para aumentar a tensão dos profissionais. No Japão, a situação é tão grave que criaram uma expressão - “Karoshi” – para designar o problema da “morte por excesso de trabalho” (PESQUISA EXCLUSIVA, 2000).

⁶ Personagem criado por Monteiro Lobato, escritor brasileiro citado por Codo (1999).

Segundo a Dra. Bervely Potter (2001), especialista no assunto,

para não mergulhar na doença é preciso aprender a administrar a própria vida, fazer o seu auto-gerenciamento (selfmanagement). O mais importante é acrescentar um novo ingrediente à carreira – o otimismo.

Assim, a intervenção poderá ocorrer no campo individual ou organizacional. É comum direcionar o foco da intervenção para o indivíduo e seus sintomas, acreditando ser este um problema de qualificação pessoal, sujeito a treinamento ou administrado por tratamento médico especializado. Esse tipo de intervenção reforça a idéia equivocada de que Burnout é um problema do indivíduo e a ele cabe a sua solução, reforçando seu sentimento de fracasso, isolamento e baixa auto-estima.

Segundo Flávia Pietá Paulo da Silva (2002), psicóloga especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho, as formas de prevenção podem ser agrupadas em três categorias: “estratégias individuais”, “estratégias grupais” e “estratégias organizacionais”. As “estratégias individuais” referem-se à formação e capacitação profissional; as “estratégias grupais” visam buscar o apoio no grupo, e as “estratégias organizacionais” referem-se em relacionar estratégias individuais e grupais para que estas sejam eficazes no contexto organizacional.

Já para Ana Maria Benevides (1999), a cura do Burnout depende de cada caso, a fim de se estabelecer um tempo de reversão. O fato é que nenhuma estratégia é simples e capaz de prevenir ou tratar a Síndrome, um problema social e de saúde pública que afeta a qualidade de vida do profissional, ocasionando prejuízos econômicos e sociais.

Maria da Graça Correa Jacques (1999), doutora em Psicologia do Trabalho da UFRGS, explica que “psicologicamente, o estresse é uma epidemia em determinadas profissões. A Síndrome de Burnout dos professores é um exemplo. E aí, tratamentos individualizados não resolvem, é preciso tratar o grupo e no local de trabalho”. E acrescenta ainda, que a própria psicologia não está preparada para lidar com o assunto, pois, segundo ela, o que era exceção agora virou regra.

Por outro lado, Codo (1999, p.392) e seus colaboradores, acreditam ser cedo para saber como combater o Burnout,

o que sabemos até agora é que o trabalhador alienado sofre por repetir mecanicamente o gesto esvaziado de si e do outro; sofre por um trabalho que deveria desaparecer; o reencontro consigo mesmo o obriga a lutar contra o trabalho. O educador em uma

sociedade alienada sofre porque é impedido de realizar a si mesmo em um trabalho grávido de todas as possibilidades, precisa que a sociedade permita que seu trabalho exista. O reencontro consigo mesmo depende da existência plena de um trabalho pleno. enquanto as respostas não vêm, enquanto o professor não nos ensina a viver nessa nova realidade, que cada qual tome os seus cuidados.

Chagas, em seu depoimento sobre a pesquisa realizada sobre a Saúde Mental dos Trabalhadores em Educação, afirma que uma das características apresentadas pelo profissional com Burnout é a “falta de interesse” e a perda do “carinho”:

Imagina que você ensina 2+2 e não está interessado se o aluno aprendeu. Burnout é isso: a falta de interesse! Outra característica é a perda do carinho e da dedicação, pois ele “coisifica” o aluno, como se fosse uma cadeira, uma mesa. No exemplo do computador, ele não é capaz de transmitir afeto (...), vale a pena pensar sobre isso.⁷

Em relação a estas características, o profissional passa a agir de forma alienada, sem saber exatamente o que lhe está ocorrendo; na maioria das vezes sentindo-se incapaz e fracassado, por “ter” deixado a demanda do seu trabalho “roubar” suas forças, seu prazer; tornando-o “incapacitado”.

Assim, o que preocupa é em que grau, o profissional, estando com a Síndrome pode estabelecer ou não uma relação com essas novas ferramentas do conhecimento científico, pois um dos problemas mais humanos que existe hoje, é a qualidade de vida do ser humano, qualidade esta que não tem sido solucionada nem pela ciência e nem pela tecnologia.

Como destaca Bazzo (1998), as novas tecnologias estão aí para ampliar os conhecimentos, aumentar qualitativamente a produção científica, contudo, acredita-se que uma das grandes questões desse mundo contemporâneo diz respeito ao controle que se tem dessa tecnologia; um controle que só poderá ser conseguido por intermédio dos “valores humanos”, pela revalorização do sentido de “ser humano”, dos seus aspectos emocionais, afetivos, significativos para que numa relação entre tecnologia e homem, a tecnologia esteja a serviço da humanidade e da humanização constante do próprio ser. Deste modo, os investimentos da atualidade devem convergir mais do que nunca para a promoção do ser humano, que expresse qualidade de vida, em termos como modernidade, saneamento básico, habitação, saúde, lazer, bem como, na produção de condições psicológicas, sociais e políticas como parte de qualquer mudança técnica, que venham a contribuir para a ação humana no mundo.

A partir dos argumentos e reflexões aludidas até aqui, vimos neste capítulo diferentes dimensões do trabalho do profissional da educação, principalmente do ofício do professor, e a forma como essas dimensões vêm sendo pesquisadas por diversos especialistas, tanto da área de saúde – institutos de Psicologia -, da área de tecnologia – em seus diferentes aspectos e concepções -, quanto da própria área educacional, através de seus educadores ou teóricos que se debruçam sobre esse campo, tratando das múltiplas relações que o mesmo estabelece com o mundo social e contemporâneo.

De acordo com os pressupostos e conceitos vislumbrados na pesquisa bibliográfica, a seguir apresenta-se a metodologia adotada para realização da pesquisa de campo acerca do trabalho dos profissionais de educação, o uso que os mesmos fazem das novas tecnologias nos Espaços Digitais de Aprendizagem e as condições físico-ambientais e laborais oferecidas nesses mesmos espaços, nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, que a princípio está voltada para a apresentação dos dados coletados e posteriormente para a análise dos mesmos à luz dos estudos realizados e da pesquisa bibliográfica refletida neste capítulo.

⁷ Depoimento de Francisco das Chagas Fernandes, em 23 fev. 2002.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Pesquisa Exploratória

Inicialmente, a pesquisa define-se como exploratória com o objetivo de familiarizar os questionamentos - se há resistência dos profissionais de educação no uso das novas tecnologias?; se as condições de trabalho nos Espaços Digitais de Aprendizagem proporcionam a qualidade no trabalho do profissional?; e se há treinamento técnico para os profissionais usarem o Espaço Digital de Aprendizagem?-, levantados no início da pesquisa, respondendo às hipóteses construídas. Assim, essa fase envolveu um levantamento bibliográfico, buscando respaldo nas teorias acerca dos profissionais da educação e o uso das novas tecnologias na escola, bem como, o levantamento de dados através de entrevistas com cinco profissionais, um da área de saúde – Dr. Elson Marcos Reis da Silva, médico-psiquiatra especialista em síndromes psíquicas que afetam os diversos trabalhadores, entre eles os da educação, do município de Itabuna-BA -, um da área de educação – Francisco das Chagas Fernandes, membro executivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) – e, técnicos da área de tecnologia – Lindamara Caires de Almeida, Marilda Rocha Nascimento e Agrinaldo Santos de Souza -, pertencentes ao Núcleo de Educação e Novas Tecnologias do Município de Ilhéus-BA, da Rede Municipal de Ensino -; com o intuito de que pudessem subsidiar o tema pesquisado e os resultados analisados.

3.2 Pesquisa Descritiva

Num segundo momento, objetivando verificar e analisar o uso dos Espaços Digitais de Aprendizagem pelos profissionais da educação e, de que forma esse uso tem se efetivado é que se propôs uma pesquisa descritiva, de caráter quantitativo, procurando descrever as características e as condições do trabalho realizado nas escolas selecionadas como amostra. Para isso foram utilizados questionários com

questões abertas e fechadas, aplicados com os profissionais das Escolas escolhidas e uma observação sistemática do cotidiano de um dos Espaços Digitais de Aprendizagem disponíveis em uma dessas Escolas, no intuito de coletar dados que pudessem ser estatisticamente analisados.

Assim, o conjunto de idéias e reflexões estabelecidas sobre o trabalho do profissional da educação e o uso das novas tecnologias em sua prática educativa, conduziu a uma pesquisa de campo que pudesse efetivar o objetivo de conhecer e analisar o trabalho desses profissionais nos “Espaços Digitais de Aprendizagem” disponíveis nas Escolas da Rede Municipal de Ilhéus, verificando se as condições físico-ambientais e laborais desses espaços podem favorecer ou não o surgimento da Síndrome de Burnout.

3.3 O Universo da Pesquisa

Tendo-se levantado os questionamentos acerca dos trabalhadores em educação e o uso que os mesmos fazem das novas tecnologias no ambiente escolar, que compreendem os “laboratórios de informática” dispostos em algumas escolas, define-se como população a ser pesquisada os profissionais da educação que estão diretamente ligados a esses recursos tecnológicos.

Dessa forma, o universo escolhido para pesquisa limita-se ao município de Ilhéus, abrangendo as escolas da Rede Municipal de Ensino, que a princípio nortearam os questionamentos levantados e o tema proposto.

O município de Ilhéus, está situado geograficamente ao Sul da Bahia, com 1.712 km² de extensão e uma população de 224 mil habitantes, sendo que um terço destes vivem na zona rural. O município tem 466 anos de existência e 167 de emancipação política. Tanto histórica quanto culturalmente Ilhéus está ligada à monocultura do cacau que, atualmente, passa por uma das maiores crises, influenciando mudanças no desenvolvimento regional.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, das 200 escolas aproximadamente fixadas em Ilhéus, 129 pertencem à rede municipal, abrangendo um total de quase 30 mil alunos, como pode-se observar nos quadros a seguir:

QUADRO 1 – Número de Escolas pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.

Distribuição	Número de Escolas
Sede	46
Distritos	97
Total de Escolas	143
Escolas Ativas	129

FONTE: Censo Escolar 2001. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

QUADRO 2 – Distribuição dos alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino em 2001, nas zonas rural e urbana.

ALUNOS			
NÍVEL DE ENSINO	ZONA RURAL	ZONA URBANA	TOTAL
Educação Infantil	433	3.736	4.169
1ª à 4ª Série	6.009	11.723	17.732
5ª à 8ª Série	1.310	6.778	8.088
Total	7.752	22.237	29.989

FONTE: Censo Escolar 2001. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

QUADRO 3 – Distribuição dos alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino em 2001, nos turnos diurno e noturno.

ALUNOS	Diurno		Noturno		TOTAL
	Zona Rural	Zona Urbana	Zona Rural	Zona Urbana	
Educação Infantil	433	3.736	-	-	4.169
1ª à 4ª Série	5.691	9.387	318	2.336	17.732
5ª à 8ª Série	958	4.577	352	2.201	8.088
Total	7.082	17.700	670	4.537	29.989

FONTE: Censo Escolar 2001. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

3.4 Seleção da Amostra

A partir dos objetivos propostos acerca dos trabalhadores em educação e o uso das novas tecnologias nas escolas, procurou-se dentro do universo da população e através de dados descritivos fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus, determinar a amostra que serviria de base para coleta e análise dos dados.

Através de seu Plano Municipal de Educação (Década de 2001-2010) a Secretaria de Educação estabelece como pano de fundo para a política pública de educação os interesses e as necessidades do cidadão. Desse modo, espera-se a melhoria na qualidade do ensino em eficiência, eficácia e efetividade; ampliação de recursos, valorização do professor, universalização do atendimento, gestão democrática e redução de custos e desperdícios.

Dentre os objetivos previstos está o de enfatizar a utilização de tecnologias disponíveis, capazes de colocar os alunos em contato com as conquistas da pós-modernidade, possibilitando novos meios e processos de aquisição, produção e socialização do conhecimento.

QUADRO 4 – Número de Escolas da Rede Municipal de Ensino que possuem Espaços Digitais de Aprendizagem (EDA)

Escolas Municipais – Total	143	100%
Escolas com EDA	08	5,6%

FONTE: Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), 2002. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

3.5 Caracterização do Uso do Espaço Digital de Aprendizagem (EDA) pelos Profissionais da Educação.

A partir do conhecimento e da experiência profissional dos trabalhadores em educação - diretores, coordenadores e professores do EDA - buscou-se através de um bloco de questões elaboradas, constantes dos questionários aplicados nas Escolas da Rede, verificar se o Espaço Digital de Aprendizagem presente nessas escolas tem sido utilizado pelos profissionais, de que forma os mesmos têm se utilizado das novas tecnologias e quais são as condições físico-ambientais e laborais oferecidas aos profissionais nesses “Espaços”.

Num primeiro momento, quando selecionou-se a amostra, a Secretaria de Educação do Município forneceu-nos dados relevantes acerca das Escolas que possuíam “Espaço Digital de Aprendizagem”; um desses dados corresponde ao da Secretaria quanto a inserção das novas tecnologias na Rede Municipal de Ensino.

Eles afirmam que um de seus principais objetivos é enfatizar o uso desses recursos disponíveis em 5,6% das escolas, colocando os alunos em contato com as conquistas da pós-modernidade, bem como, a valorização do professor, com o fim último de “melhoria na qualidade” de ensino oferecido.

Mas com o intuito de conhecer melhor as condições laborais desses profissionais de educação disponíveis na Rede, que têm acesso a esses “Espaços Digitais de Aprendizagem”, buscou-se por meio de entrevistas semi-estruturadas conhecer o trabalho realizado pelo Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), responsável pelo trabalho realizado nas Escolas com as Novas Tecnologias, onde, três de seus técnicos forneceram dados significativos para análise dos dados coletados com os profissionais.

Além disso, buscou-se também, por meio de uma observação sistemática, verificar o uso de um dos Espaços Digitais de Aprendizagem de uma das Escolas disponíveis, observando a atuação dos profissionais, as atividades desenvolvidas e as condições oferecidas, que durou três dias, especificamente em três manhãs.

Em um dos trechos da entrevista, os técnicos afirmam, que desde a criação do NET em fevereiro de 2001, o que tem diferenciado o trabalho do Núcleo é basicamente a ressignificação que eles têm feito do uso da informática na educação:

substituímos a expressão ‘Laboratório de Informática’, por acharmos o nome frio e mecânico, pela denominação ‘Espaço Digital de Aprendizagem’, com o objetivo de ampliar o conceito de informática educativa como mais um espaço de aprendizagem nas escolas.

3.6 Análise e Discussão dos Resultados

3.6.1 Pesquisa com os profissionais da educação nas Escolas que possuem Espaço Digital de Aprendizagem

QUADRO 5 – Perfil das Escolas que possuem Espaço Digital de Aprendizagem na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.

Escola - Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne – IME Av. Canavieiras, s/n. Centro. Fone: (xxx73)634-1861				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
22	78	-	-	2.477
Escola Heitor Dias Av. Canavieiras, s/n. Centro.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
19	34	-	1.308	-
Escola – CAIC Darcy Ribeiro Rua Santo Antônio de Pádua, 380.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
21	38	273	1.110	-
Escola Municipal do Pontal R. Benjamin Constant, 234. Pontal.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
08	30	-	-	706
Escola Municipal de Salobrinho Km 16, Rod. Ilhéus-Itabuna.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
26	47	360	482	773
Escola Municipal Themístocles Andrade R. Santa Luzia, s/n. Teotônio Vilela. Fone (xxx73)633-2003				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
08	28	-	-	839
Escola Municipal de Sambaituba Vila de Sambaituba. Distrito de Ilhéus.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
10	08	-	-	272

Escola Municipal de Inema Av. Getúlio Vargas, s/n. Inema, Distrito de Ilhéus.				
Número de Salas	Número de Professores	Nº de Alunos		
		Educação Infantil	1ª à 4ª Série	5ª à 8ª Série
05	11	-	-	246

FONTE: Censo 2001. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

O uso das novas tecnologias pelos profissionais da educação e a forma como esse trabalho é caracterizado objetivou-se na aplicação de questionários a profissionais das 8 escolas selecionadas para coleta e análise de dados, buscando, através do conhecimento e experiência dos diretores, professores e coordenadores do Espaço Digital de Aprendizagem, verificar se os profissionais têm se utilizado desse Espaço de aprendizagem com as novas tecnologias, como têm se utilizado e quais as condições oferecidas nesses ambientes para que o trabalho se realize.

Conforme a amostra selecionada - 5,6% das escolas da Rede Municipal -, foram aplicados 112 questionários, com questões abertas e fechadas distribuídas em blocos temáticos, a 38% dos profissionais disponíveis nas escolas.

Dos 112 questionários aplicados, 10 não foram respondidos, o que configurou no tratamento e análise de 35% da amostra selecionada, demonstrando os seguintes resultados:

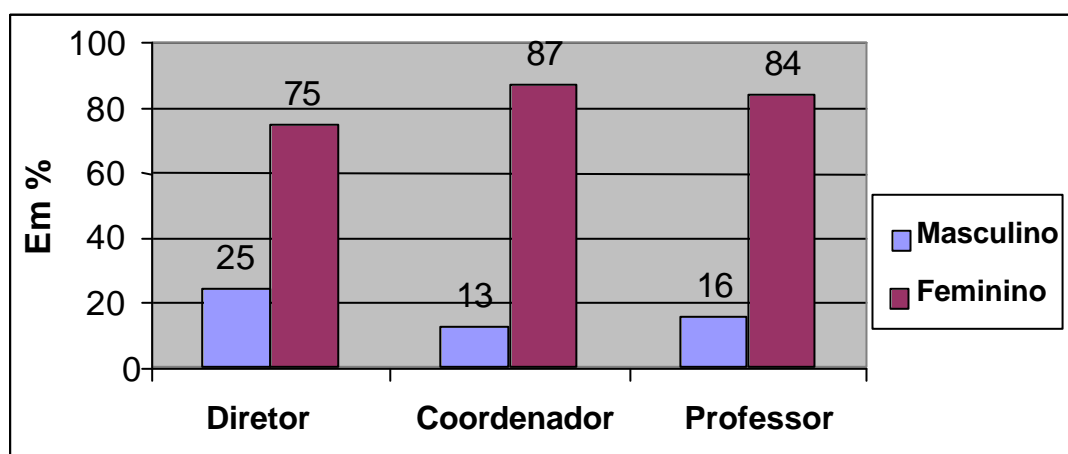


Figura 1: Percentual de pesquisados por categoria x sexo

De acordo com a figura 1 a maioria dos profissionais da educação pesquisados é do sexo feminino, o que revela ainda nos dias de hoje a presença da mulher na área da educação, de forma marcante e significativa, que historicamente têm um significado completamente diferente da inserção hoje das mulheres no mercado de

trabalho. Há algumas décadas atrás esta era uma das poucas opções da mulher enquanto profissão, hoje depois de muitas lutas, a mulher tem conquistado espaços cada vez maiores no mundo do trabalho, apesar do alto preço que essas conquistas tem lhe custado, como a dupla jornada de trabalho.

No que se refere a esse dado da presença feminina no campo da educação, principalmente no exercício do magistério, os resultados obtidos na pesquisa revelam que um número significativo de profissionais (32,3%) têm apenas a formação do magistério em nível de Ensino Médio e 46% possuem formação em nível Superior completo, e 2% em nível superior incompleto. Dados da Secretaria de Educação revelam que dos 691 docentes pertencentes à rede municipal de ensino, 404 possuem nível médio completo, 16 possuem outra formação em nível médio, 196 possuem licenciatura completa, 45 possuem Ensino Superior com Magistério e 30 possuem formação superior em outros cursos.

Arroyo (2000, p.129) ressalta que, em relação ao magistério “a vida toda se mistura com a profissão de professor(a)”. É como se o magistério fosse “um modo de vida, de dever-ser”, tencionando todas as dimensões, tempos, vivências e lembranças. “Suportar essa tensão tão vital, somente com muito tesão pelo magistério”.

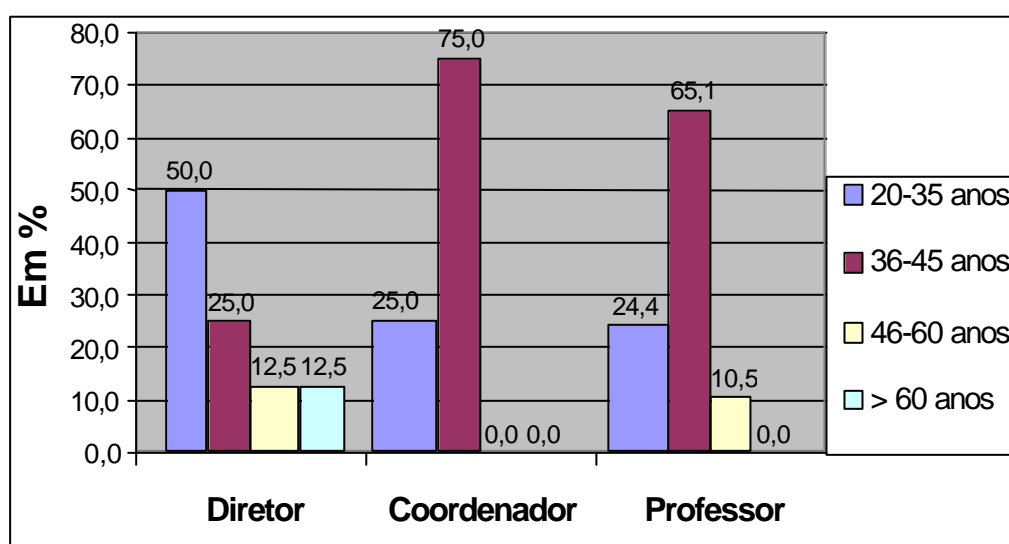


Figura 2: Percentual de pesquisados por faixa etária x categoria profissional

Quanto à faixa etária e a categoria profissional dos trabalhadores pesquisados pode-se perceber na figura 2 que a maioria dos profissionais (coordenadores e

professores) encontra-se na faixa dos 36 à 45 anos de idade e que a minoria (os diretores) encontra-se entre os 20 e 35 anos.

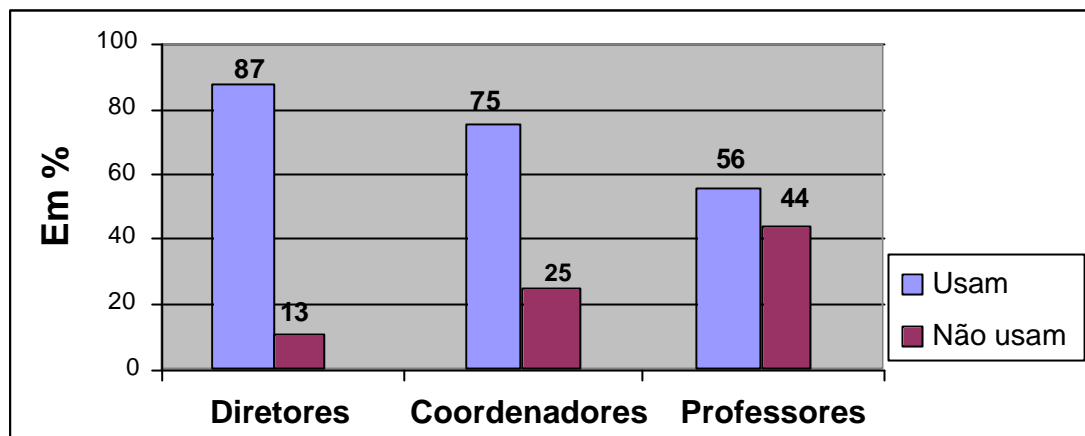


Figura 3: Percentual do uso de novas tecnologias por profissionais da educação

Ao se considerar os resultados obtidos no percentual dos profissionais que se utilizam do uso das novas tecnologias, demonstrados na figura 3, pode-se perceber que há uma relação entre os que afirmam usar as novas tecnologias e a idade dos mesmos. Neste caso, a maioria dos diretores (87%), que estão na menor faixa de idade (entre 20 e 35), em começo de carreira, estão num nível de primeiro lugar, ou seja, quase todos se utilizam das novas tecnologias. Em segundo lugar (75%), vêm a maioria dos coordenadores, afirmando que fazem esse uso e, em terceiro e último está o professor, que mesmo em maioria (56%) na sua categoria, corresponde a quase que a metade dos pesquisados, afirmando que também fazem o uso.

Percebe-se com isso que é preciso levar em conta a função exercida por cada profissional, a idade que possuem e a forma como vêem as novas tecnologias na educação. Pode-se perceber pelo resultado que há uma pressão vinda daqueles que estão na posição de direção e coordenação sobre os que realmente têm que efetivar a relação direta com o aluno, ou seja, com o seu processo de aprendizagem.

Neste ponto, a faixa etária conta, principalmente na categoria dos professores visto que, entre os 36 e 45 anos de idade a maioria já está pensando em sua aposentadoria ou tem pouca “disposição” para pensar nas inovações do novo século na educação, já que muitos vêm de uma formação cartesiana e tradicional.

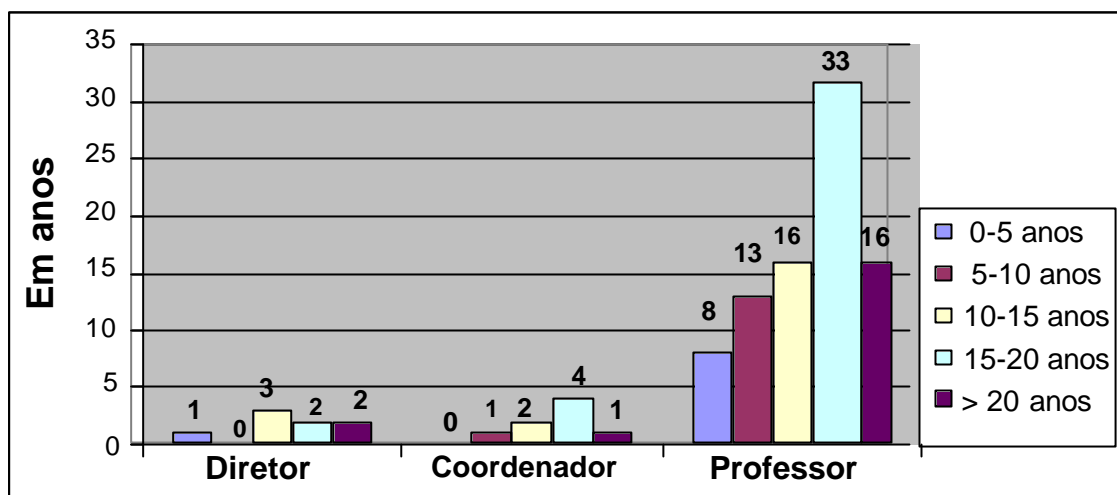


Figura 4: Tempo de exercício por categoria na área de educação

Outro fator que conta nestes percentuais é o tempo de exercício que cada profissional têm na área de Educação. Novamente percebe-se a posição que a maioria dos diretores ocupam, num tempo de carreira menor (10-15 anos) se comparado à maioria dos coordenadores e, principalmente à maioria dos professores que estão na área entre os 15 e 20 anos.

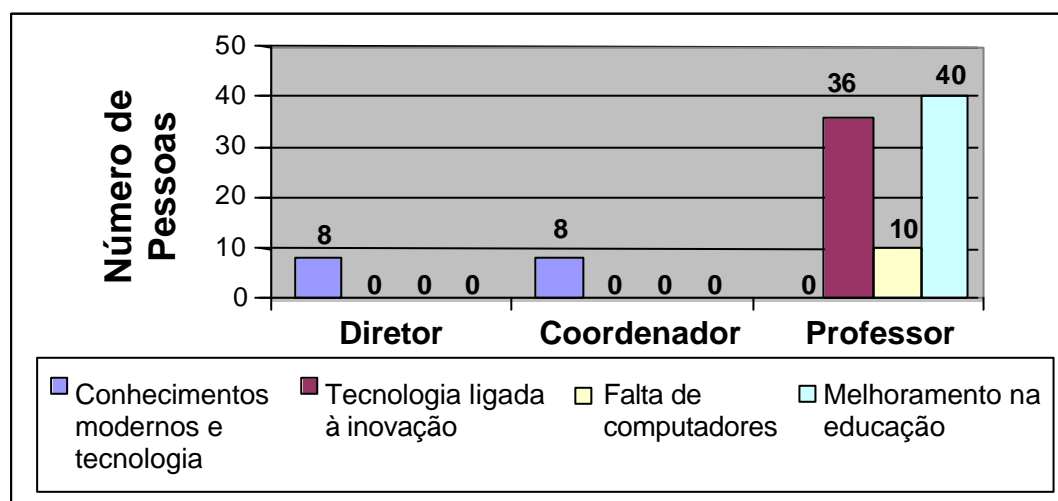


Figura 5: Pensamento imediato dos pesquisados em relação ao uso das Novas Tecnologias na Escola

Os resultados da figura 5 confirmam as análises anteriores, já que demonstram que tanto os diretores (100%) quanto os coordenadores (100%) vêem o uso das novas tecnologias na escola como a entrada de “conhecimentos modernos e tecnologia”, quanto que para os professores esse uso é visto como “melhoria da educação” (40) ou como “tecnologia ligada à inovação” (36).

Percebe-se que tanto os diretores quanto os coordenadores conseguem vislumbrar, devido as contingências de sua função, o uso das novas tecnologias como modernidade, inovação, como solução; enquanto que para os professores, os que lidam diretamente com a sala de aula, o aluno, a metodologia, o processo de aprendizagem, as novas tecnologias seriam mais como que uma forma de encontrar caminhos para melhorar a prática pedagógica, superar os problemas, usar de recursos inovadores que pudessem dar novo ânimo à prática educativa.

Segundo o médico-psiquiatra Dr. Silva, num dos trechos de sua entrevista sobre a saúde do profissional da educação,

o número de pacientes que trabalham na área de educação tem aumentado significativamente, diria melhor, são professores que estão na sala de aula, na relação direta com os alunos. Geralmente são pessoas que trabalham em escolas públicas, em bairros afastados, com número de alunos excedentes na sala e por conseguinte não têm quase ou nenhum controle sobre o trabalho que realizam.

Codo (1999, p.55) afirma que “as atividades que exigem maior investimento de energia afetiva são aquelas relacionadas ao cuidado”, ou seja, o estabelecimento de vínculos afetivos é fundamental para o bem-estar do outro e no que se refere ao trabalho do professor esse “vínculo é praticamente obrigatório”.

Como o professor, mais do que o coordenador ou diretor, estabelece um circuito afetivo entre ele e o aluno, ele pode em determinados momentos ter sua “economia psíquica em déficit”, isto é, perder energia, o que pode manifestar vários transtornos mentais, comprometendo sua saúde, como afirma Dr. Silva:

trabalho, infra-estrutura no trabalho deficiente(...) e tantos outros fatores que levam o professor a trabalhar em vários lugares, com uma super-jornada, para garantir a sua sobrevivência e a de sua família; que podem determinar o surgimento de transtornos, sejam não existe um fator, existem fatores, como carga horária extensa, demanda efetiva de depressivos ou de ansiedade.

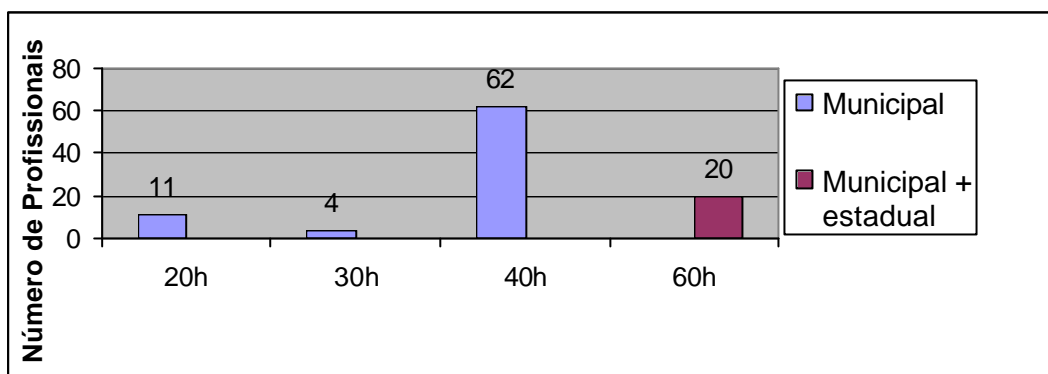


Figura 6: Número de profissionais da educação por jornada de trabalho em horas

Quanto à jornada de trabalho semanal dos profissionais pesquisados percebe-se nos resultados acima que a maioria deles cumprem uma jornada de 40h semanais e um outro percentual cumprem 60h, só que neste caso dividindo-se em duas redes de ensino, a municipal e a estadual.

A jornada de trabalho é um dos dados mais significativos para a reflexão sobre o trabalho do profissional da educação, sendo utilizado em muitas pesquisas como base para compreender a qualidade do seu trabalho, o seu nível de exaustão, as relações que estabelece no ambiente profissional, bem como, o que essa jornada pode significar enquanto positiva e negativa na vida profissional e pessoal do trabalhador.

Codo (1999, p.291) afirma que quando o profissional tem que se dividir, “ir de uma sala a outra (...), de uma escola para outra”, acaba por não conseguir cumprir o seu papel enquanto educador. Ele tenta correr de um lado para o outro, tenta, mas o custo e o desgaste “emocional é muito alto”.

Essa jornada extensiva de trabalho numa mesma escola ou em várias escolas, também serve de dado para a Secretaria de Educação de Ilhéus justificar a sua fala quando se refere ao acesso aos computadores nas Escolas da Rede, quando afirma que é bastante restrito e mesmo para a pequena parcela (5,6%) das Escolas que se compõem desses equipamentos, o “medo do novo”, a “falta de domínio prático” e a “sobrecarga de trabalho”, ainda justifica o fato de muitos não trabalharem com os mesmos.

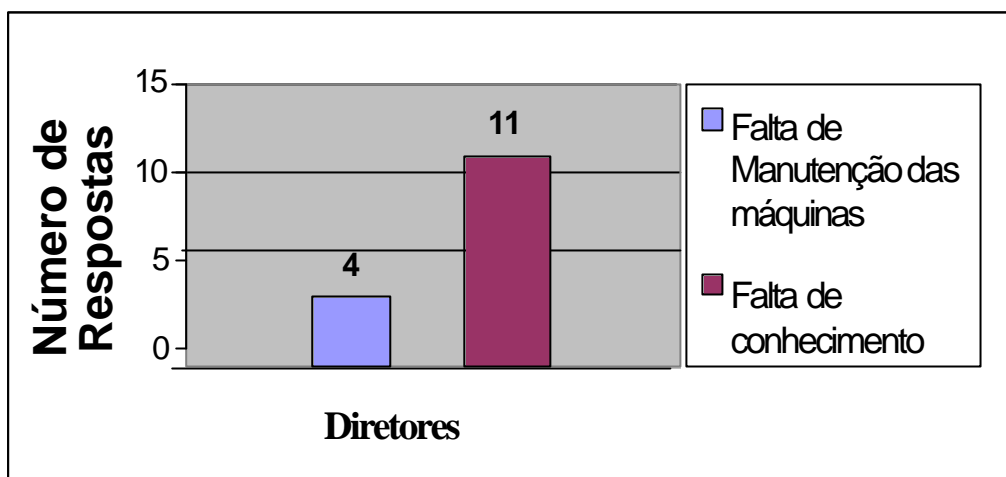


Figura 7: Principais dificuldades no uso do Espaço Digital de Aprendizagem segundo os Diretores

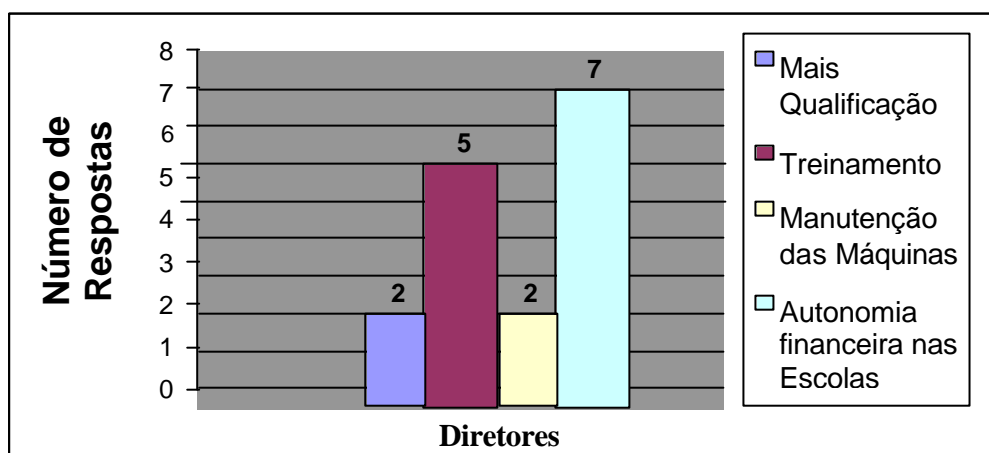


Figura 8: Como as dificuldades no uso do Espaço Digital de Aprendizagem poderiam ser evitadas segundo os Diretores

Por outro lado, conforme os resultados anteriores, muitas das dificuldades encontradas pelos diretores quanto ao uso do Espaço Digital de Aprendizagem, não resumem-se à jornada de trabalho, mas à “falta de manutenção das máquinas” disponíveis, que poderia ser evitada, afirma a maioria, se as escolas tivessem mais “autonomia financeira” (ver figura 8), ou seja, ao invés de esperar pelo Núcleo de Educação e Novas Tecnologias e seus técnicos, a própria escola resolveria os problemas que aparecessem.

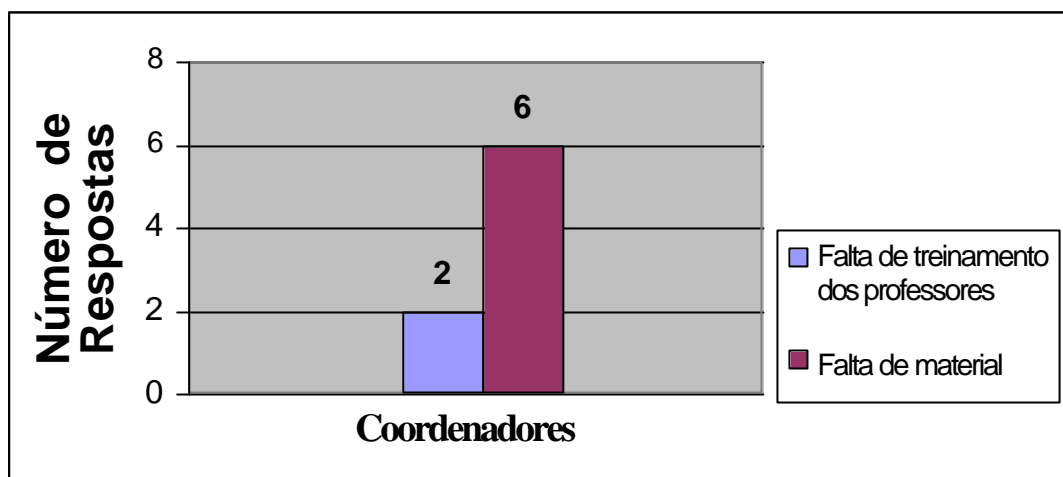


Figura 9: Principais dificuldades encontradas no uso do EDA segundo os Coordenadores

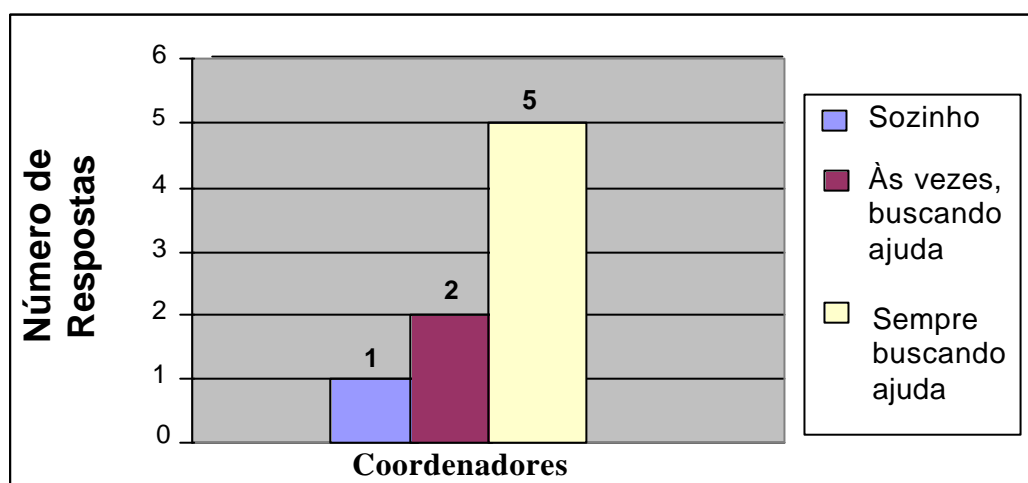


Figura 10: Como os Coordenadores enfrentam as dificuldades no uso do EDA

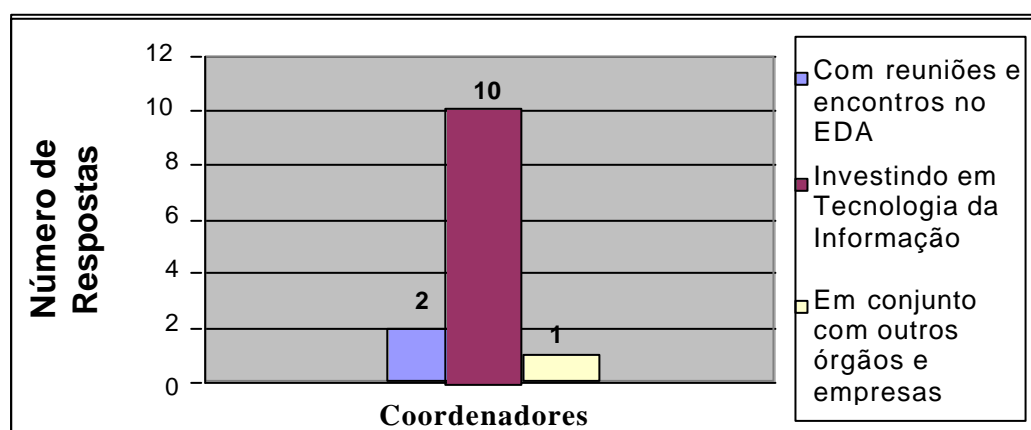


Figura 11: Como os Coordenadores imaginam que as dificuldades poderiam ser evitadas

Já para os coordenadores, as principais dificuldades enfrentadas no uso do Espaço Digital de Aprendizagem referem-se à “falta de material”, como demonstra a figura 9. Assim como os diretores, o posicionamento dos coordenadores está relacionado apenas à parte técnica do uso do EDA. Neste caso, os coordenadores, em sua maioria afirmam que costumam enfrentar essas dificuldades “buscando sempre a ajuda de outras pessoas”. Mas consideram, como demonstra a figura 11, que tais dificuldades poderiam ser evitadas se houvesse “investimentos em tecnologia da informação”, ou seja, em recursos tecnológicos mais modernos.

Mais uma vez percebe-se que tanto diretores quanto coordenadores vislumbram as novas tecnologias em seus aspectos mais técnicos salvacionistas, desconsiderando todos os aspectos políticos-pedagógicos que permeiam o currículo e a prática docente.

A princípio, enquanto novidade, os recursos tecnológicos chegam para a escola trazendo consigo uma significação salvadora: os professores se animam, vislumbram a melhoria na sua prática, os alunos demonstram novo interesse; algumas até acabam sendo bem sucedidas o que dá novo ânimo aos profissionais da educação.

Entretanto, os próprios técnicos do NET de Ilhéus, responsáveis pela implantação dos Espaços Digitais de Aprendizagem nas Escolas da Rede, alertam, em entrevista, que “o computador não soluciona todos os problemas de aprendizagem, por isso não deve ser visto como tal(...)”. E acrescentam, “muitos recursos já estiveram em moda e hoje são esquecidos... o computador seria o próximo”.

Moraes (1997, p.190) ressalta que quando insistimos na “importância da adequação do uso das novas tecnologias nas escolas, sem observar que paradigmas a escola utiliza na sua forma de educar, pode-se acabar utilizando-se da “informática” ou de “qualquer outro recurso tecnológico” na educação como apenas instrumentos “reprodutores de velhos vícios e erros do sistema educacional”.

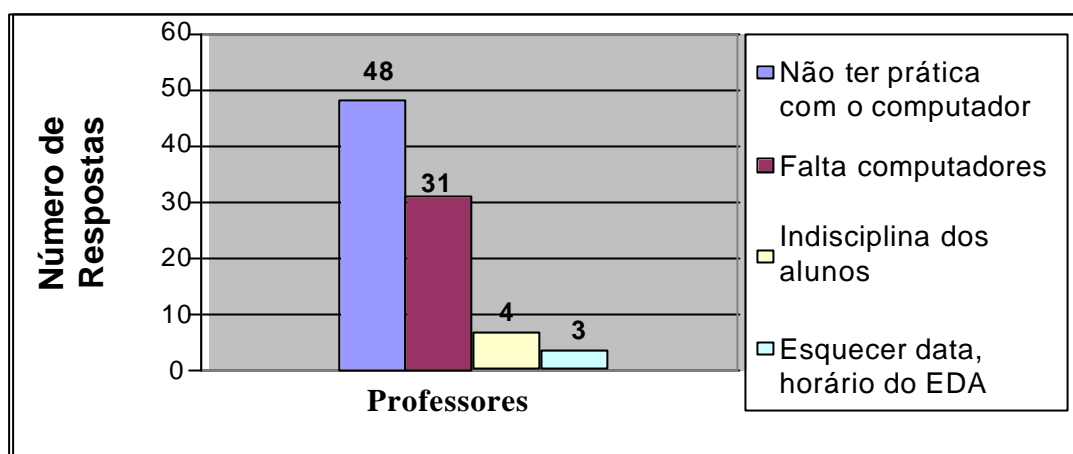


Figura 12: Dificuldades enfrentadas no uso do EDA segundo os Professores

Quando se questiona os professores quanto as dificuldades apresentadas no uso do EDA, diferentemente dos outros resultados anteriores, eles afirmam, em sua maioria, como demonstra a figura 12, que é “a falta de prática com os computadores” (48), ou seja, a falta de conhecimento necessário para aplicar pedagogicamente as propostas de cada disciplina e, a “falta de computadores” suficientes para a demanda de alunos.

QUADRO 6 – Caracterização dos Espaços Digitais de Aprendizagem disponíveis nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus.

ESCOLAS	Nº de Computadores		Internet		Coordenador do EDA	
	Funcionando	Sem Funcionar	Sim	Não	Sim	Não
IME	14	06			X	
Heitor Dias	05	-		X	X	
CAIC	05	-	X		X	
IME – Pontal	05	-		X	X	
Salobrinho	13	03		X	X	
Th. Andrade	13	03	X		X	
Sambaituba	05	-		X	X	
Inema	05	-		X	X	

FONTE: Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), 2002. Secretaria Municipal de Educação de Ilhéus.

Como pode-se confirmar no quadro anterior, das 8 escolas selecionadas, todas possuem computadores instalados (77), mas apenas 65 destes estão funcionando e apenas 02 possuem o serviço de Internet disponível.

Para o professor, relevante seria se houvesse um maior número de computadores e uma sala que pudesse comportar confortavelmente todos os alunos, que em média são 30 por turma.

Através da observação sistemática realizada no Espaço Digital de Aprendizagem pelo período de 12h, foi possível constatar que as condições físico-ambientais do espaço não são ideais, visto que não há cadeiras suficientes para todos os alunos, inclusive nem para o professor da turma e nem para o coordenador do EDA, que acompanha e auxilia o professor; a iluminação é precária apenas com duas lâmpadas; a umidade e o mofo, mesmo com ar condicionado, tornam a renovação do ar deficiente (...). Mas, para os profissionais, as maiores dificuldades encontradas ficam por conta dos recursos e da infra-estrutura para trabalhar. Segundo a coordenadora, “procuro adequar a carga horária da escola às necessidades dos alunos e professores, embora concorde que o turno matutino não contempla a todos”.

Já a professora afirma que: “Ou a gente traz todos para o EDA e tenta fazer com que eles utilizem o computador ou ficam todos na sala de aula”.

Pelo demonstrado é como se não houvesse outra alternativa, embora admitam que há planos para otimizar os “espaços” dentro da escola, usando a TV, o vídeo, os computadores numa atividade simultânea em que a turma seria dividida em grupos e evitaria a espera que os mesmos sofrem no EDA e que só gera “ansiedade, frustração e ‘indisciplina”.

Durante a observação pôde-se perceber esses sentimentos quando, dos 30 alunos presentes apenas 10 por vez tomam assento para realizar a proposta da atividade no computador; os demais sentam-se no chão da sala, encostados à parede, aguardando a chamada do professor a partir do momento em que as duplas nos computadores vão finalizando a atividade proposta, quando estas terminam em tempo hábil para que todos possam usar.

Em entrevista com os técnicos do NET a informação fornecida é que o EDA é uma denominação criada por eles para substituir o nome “laboratório de informática”, já que eles consideram esse nome frio e mecânico. Além disso, ressignifica a

representação que o professor tem do 'Laboratório', objetivando “ampliar o conceito de informática educativa como mais um espaço de aprendizagem na escola”.

Contudo, diante de tais observações a questão que fica é se essas condições encontradas e se a forma como os professores e coordenadores têm se utilizado do EDA, pode realmente concretizar essa aprendizagem, já que para os técnicos e os diretores das escolas (100%), a finalidade da criação do EDA está pautada no “aumento do conhecimento e o aprendizado nas escolas” e que, por isso mesmo todas as ações envolvendo o EDA fazem parte do Projeto Político Pedagógico da Escola (100%), incluindo a participação do diretor (100%), como afirmam em pesquisa.

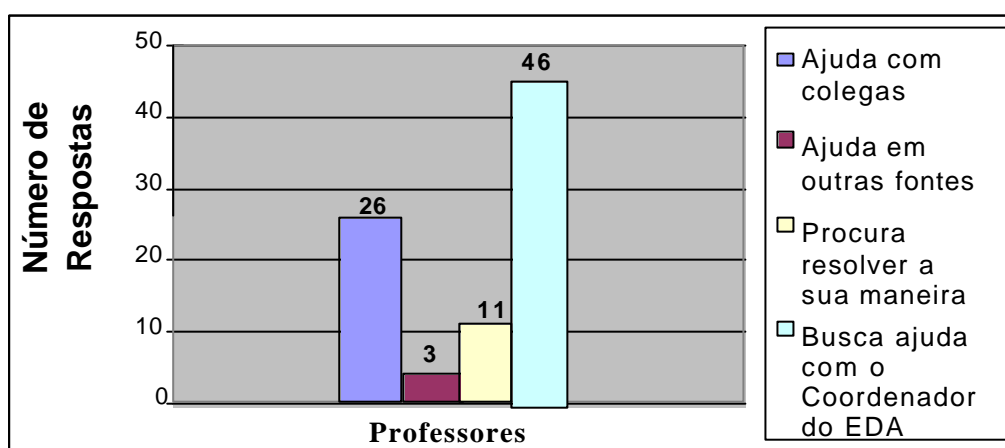


Figura 13: Soluções tomadas para resolver as dificuldades segundo os Professores

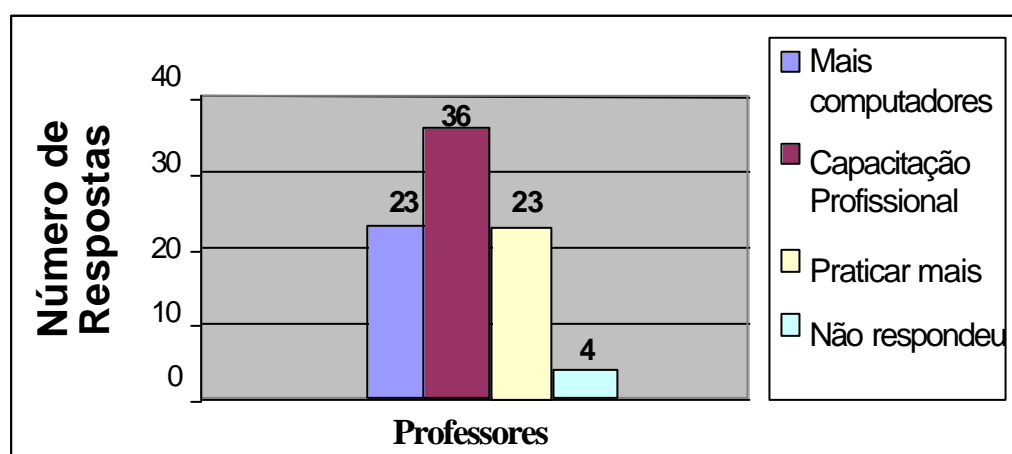


Figura 14: Medidas para sanar e/ou minimizar as dificuldades no uso do EDA segundo os Professores

Diante das dificuldades encontradas pelos professores ao usarem o EDA, a maioria (46) afirma que a solução que buscam é a da “ajuda com o coordenador do EDA”, como pôde-se comprovar na observação realizada, em que o coordenador auxilia o professor em todas as fases do processo de aplicação da atividade.

Entretanto, a maioria dos professores (ver figura 14) afirma que as dificuldades poderiam ser sanadas e/ou minimizadas se houvesse mais “capacitação profissional”, ou seja, se eles pudessem ter o conhecimento do uso do EDA como têm do uso da sala de aula.

Quanto a este conhecimento, ou seja, quanto ao treinamento dos profissionais envolvidos com o Espaço Digital de Aprendizagem, segundo os resultados obtidos na pesquisa com os diretores das escolas, o que fica caracterizado é que eles ocorrem, mais especificamente para os professores que devem desenvolver suas ações no EDA.

Neste contexto, 100% dos diretores afirmam que o último treinamento ocorreu “há mais de um mês, promovido pelo NET”.

Como a iniciativa partiu do Núcleo, ao serem questionados se haverá outros treinamentos ainda este ano, parte dos diretores (50%) afirmam que sim, entretanto não sabem dizer quantos; por outro lado, outra parte (50%) não chega a afirmar, mas acredita que “talvez ocorram, caso haja necessidade”, apesar de não conseguirem prever uma data.

Segundo informações dos técnicos do NET,

foi proporcionado no primeiro semestre de 2002 dois módulos de ‘informática básica’ para os profissionais que tivessem interesse; cada módulo contou com 45 vagas disponíveis nos três turnos de trabalho.

Os resultados apontam que a preocupação em instrumentalizar e aperfeiçoar os profissionais no uso das novas tecnologias, principalmente no que se refere aos computadores e seus recursos, está a cargo do NET, deixando claro que as escolas, no que se refere à direção, coordenação e professorado não demonstram iniciativa na busca por esse treinamento, esperando que o Núcleo ofereça-os conforme seus objetivos e disposição.

Já no que refere aos conteúdos propostos nesses treinamentos, 62,5% dos diretores afirmam que os mesmos são destinados “à formação do professor em informática”, ou seja, treinar e informar o professor com noções básicas para

manuseio de ferramentas e programas disponíveis nos EDA, principalmente no que se refere à parte técnica.

Para os técnicos do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), os módulos oferecidos no primeiro semestre só ocorreram porque, ao tentarem desenvolver alguns projetos com os EDA nas escolas, foi constatado através de diagnóstico, que a maioria dos professores “não usam ou não usariam o Espaço porque não sabiam usar o computador”; por isso, havia a necessidade de treinar tecnicamente os professores.

Através desses dados percebe-se a todo momento que o alvo da formação para o uso das novas tecnologias é apenas o professor. Tanto nos relatos dos diretores quanto dos técnicos do Núcleo, o professor é quem precisa estar capacitado para utilizar-se desses novos recursos tecnológicos. Contudo, os diretores e os técnicos pouco falam de uma formação e aplicação pedagógica dos computadores, apenas tratam da parte técnica como se essa pudesse suprir as necessidades do uso dos computadores nas escolas.

Por outro lado, num dos relatos concedidos na entrevista, os técnicos chegam a afirmar que o Núcleo foi criado para “gerenciar, integrar e otimizar” tanto os recursos humanos quanto os físicos, em torno de todas as tecnologias. Ressaltam, “o Núcleo não é só computador e sim, o que chamamos de nova tecnologia, que pode ser a TV, o vídeo, a câmera fotográfica ou o aparelho de som (...); sem o planejamento e sem a utilização de outros recursos é impossível trabalhar”.

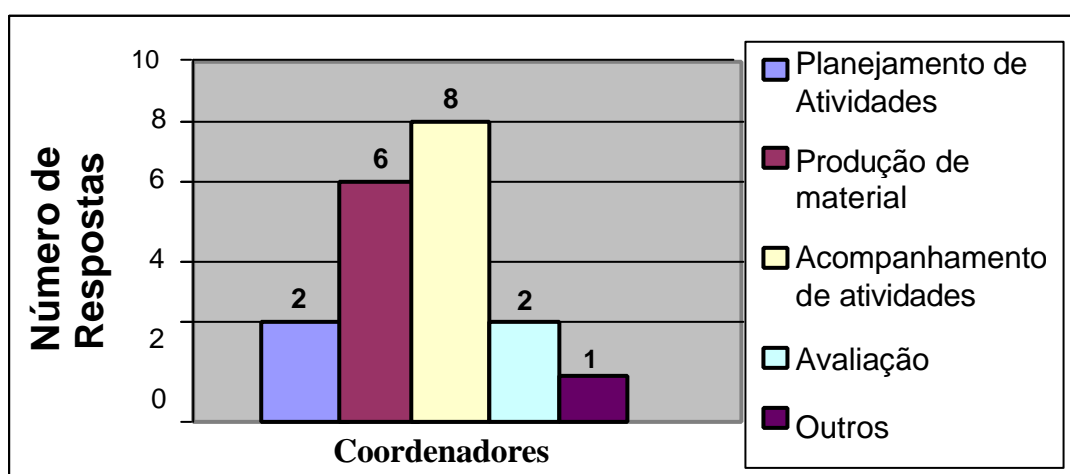


Figura 15: Como os EDA auxiliam os professores segundo os Coordenadores

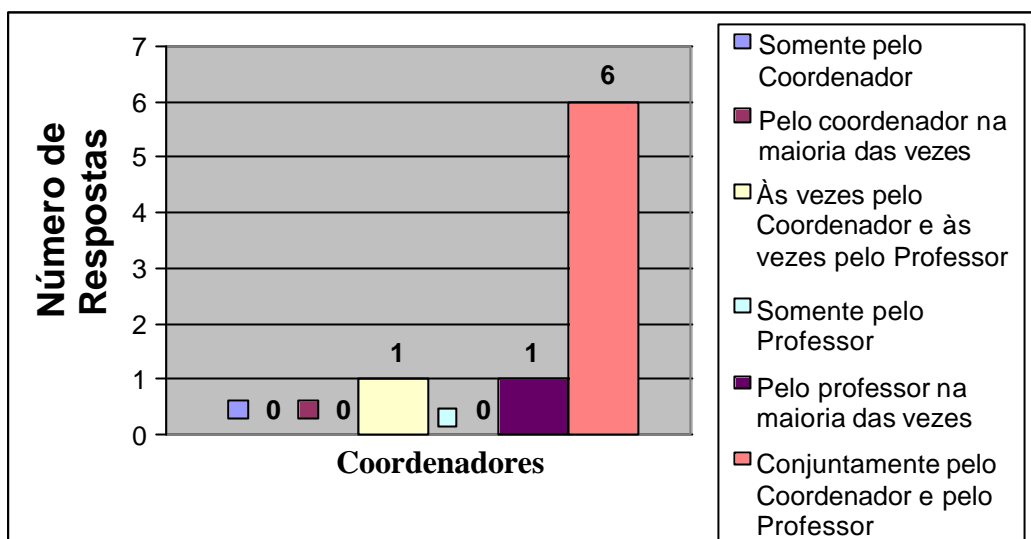


Figura 16: Responsáveis pelo preparo das atividades realizadas no EDA segundo os Coordenadores

Dessa forma, a maioria dos coordenadores pesquisados revelam que procuram auxiliar o professor no uso do EDA, principalmente, no que se refere ao “acompanhamento das atividades” e na “produção de material” para essas atividades.

Esses resultados são confirmados quando a maioria afirma que a responsabilidade pelo preparo das atividades está a cargo do “trabalho conjunto entre o coordenador e o professor”, como demonstram os resultados acima.

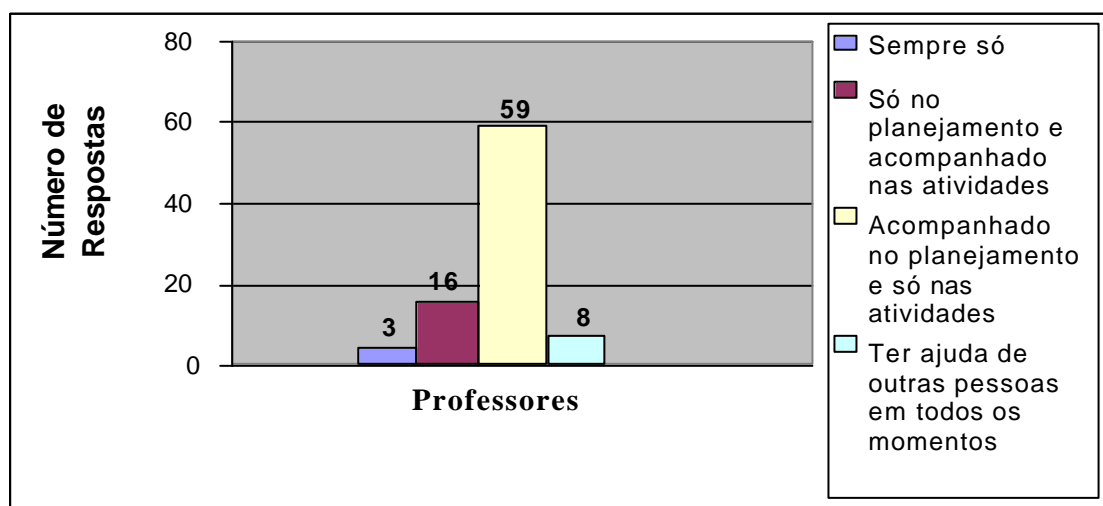


Figura 17: Preferências quanto ao planejamento das atividades para o EDA segundo os Professores

Contudo, os professores afirmam que preferem planejar tais atividades com companhia, mas que para realizá-las eles preferem estar sozinhos, como demonstra a figura 17.

Esse resultado pode demonstrar a forma como ele percebe a presença e a função do coordenador na sua prática de trabalho. Comumente, a função do coordenador é orientar e acompanhar “de fora” a realização do seu planejamento com o professor, quando este sozinho o executa em sala de aula, à sua maneira, aplicando a sua metodologia, até porque o professor é aquele que tem a função de estar junto ao aluno acompanhando, orientando e construindo junto o seu processo de aprendizagem. Dessa forma o EDA não deveria ser um espaço diferente da sala de aula comum, já que para o professor os vínculos estabelecidos com o aluno são os mesmos e a proposta de educar é a mesma, ou pelo menos deveria ser.

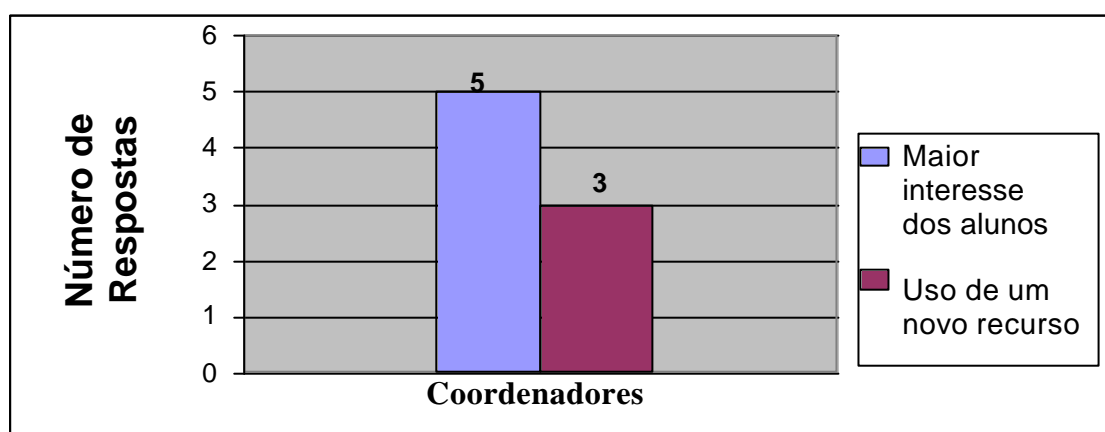


Figura 18: Fator que diferencia a sala de aula normal e o EDA segundo os Coordenadores

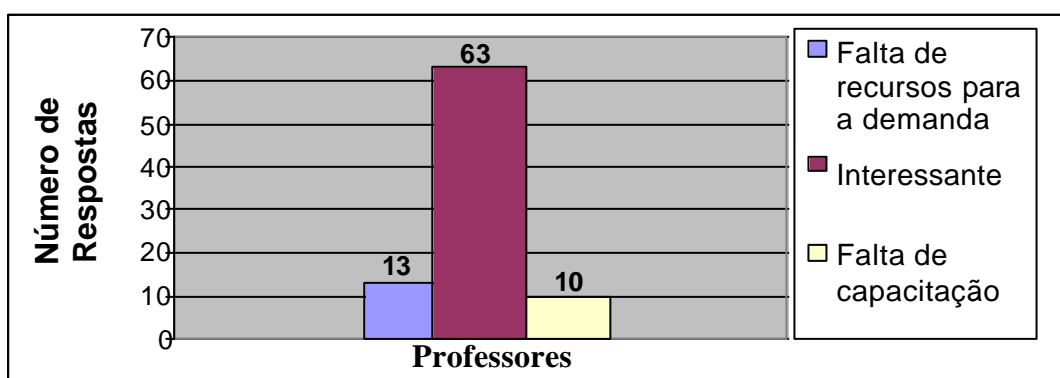


Figura 19: Fator que diferencia a sala de aula normal e o EDA segundo os Professores

Observando e comparando os resultados acima quando se questiona tanto os coordenadores quanto os professores acerca da diferença entre a sala de aula e o EDA, pode-se constatar que para a maioria dos coordenadores o diferencial é o “maior interesse demonstrado pelos alunos”, além do que parte significativa deles afirma que “o uso de um novo recurso” também traz uma diferenciação relevante.

A postura do coordenador é a daquele que vê o uso das novas tecnologias como um diferencial por si só. Eles estão pensando no que tais recursos podem trazer enquanto solução, novidade para que os alunos tornem-se mais interessados e fujam da rotina fria e estampada em sala de aula. O coordenador, pela posição que ocupa e os conhecimentos que possui não consegue como o professor vislumbrar as implicações pedagógicas do uso das novas tecnologias no cotidiano escolar.

Além disso, para o aluno, neste contexto analisado, o EDA é mais interessante porque seu uso não faz parte de sua rotina e dos velhos vícios que há numa sala de aula comum.

Já para os professores a principal diferença centra-se na questão do EDA ser mais interessante do que a sala de aula comum, como pôde ser percebido durante a pesquisa observacional:

durante a atividade desenvolvida o interesse dos alunos era visível quando estes estavam diante do computador. A concentração e o desejo de permanecerem ali sentados, mesmo quando precisavam dar oportunidade aos demais colegas, era uma prova disso.

Segundo os técnicos do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias,

você pode ter a tecnologia e ela não existir para você enquanto não for internalizada na sua prática, no seu cotidiano, seja do professor ou aluno. Portanto, é melhor que você use o quadro de giz com uma nova concepção metodológica e aí estará utilizando de uma nova tecnologia, do que colocar o aluno na frente do computador para fazer o mesmo que ele faria ao ler um texto num livro, sem nada de novo.

Neste ponto, observa-se a grande diferença percebida até então, através dos resultados obtidos, entre os professores, coordenadores e diretores, e a forma como cada um desses profissionais internalizou, o uso das novas tecnologias em sua prática.

Diferentemente dos outros, para o professor o que está em jogo é a forma como ele conseguirá “ensinar” no EDA da “mesma forma” e com a mesma segurança com que ele ensina na sala de aula comum.

Apesar do treinamento desenvolvido pelo Núcleo, verifica-se durante a observação sistemática, que os professores ainda não estão familiarizados com o ambiente tecnológico ou recurso computacional, como pôde-se observar diante das solicitações para realizar procedimentos comuns como salvar arquivos, fechar programas, abrir pastas (...). Pode-se dizer que o EDA ainda não é lugar comum para os professores como a sala de aula o é.

Para Chagas, um dos entrevistados durante a pesquisa, o “professor não quer a tecnologia da forma como ela é apresentada; o computador não é capaz de transmitir afeto”.

Quanto a esta questão do afeto, Codo (1999, p.50) afirma que,

o objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos. Para que a aprendizagem ocorra, muitos fatores são necessários. Capacidade intelectual e vontade de aprender por parte do aluno, conhecimento e capacidade de transmissão de conteúdos por parte do professor, apoio extra-classe por parte dos pais e tantos outros. Entretanto, existe um que funciona como o grande catalisador: a afetividade.

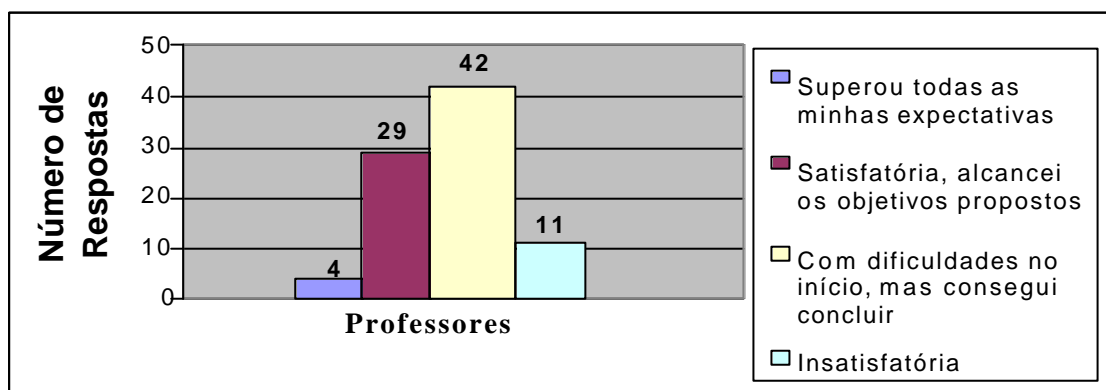


Figura 20: Avaliação da última atividade realizada no EDA segundo os Professores

Conforme demonstra o resultado anterior, as dificuldades em utilizar o Espaço Digital de Aprendizagem é um dos fatores mais significativos nos resultados demonstrados até então.

Avaliando a última atividade que realizaram no Espaço Digital de Aprendizagem, a maioria dos professores afirma que a realizaram “com dificuldade, mas que conseguiram concluir”. Em contrapartida, em face dos dados colhidos, apenas 01 professor afirma ter “superado todas as expectativas”, o que confirma as análises feitas até aqui quanto à satisfação do professor.

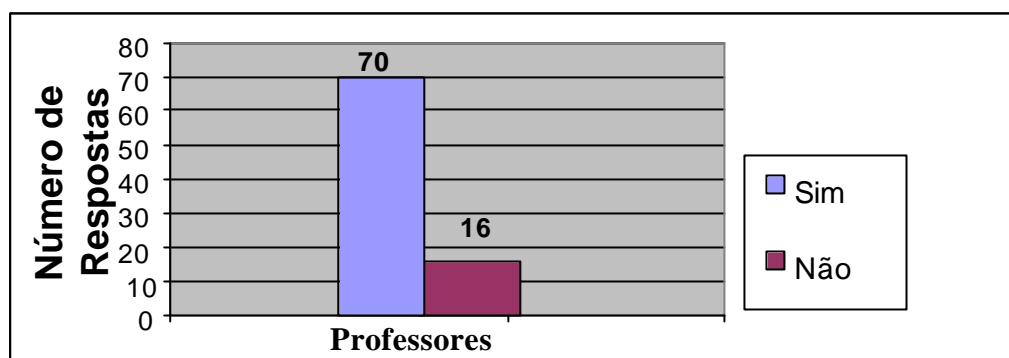


Figura 21: Desejo de reutilizar o EDA para atividades segundo os Professores

Por outro lado, apesar das dificuldades, das condições precárias, da carga de trabalho, da falta de familiaridade com os novos recursos tecnológicos, a maioria dos professores afirma, como demonstra o resultado acima, que “desejariam reutilizar o Espaço Digital de Aprendizagem”.

Observa-se nesse resultado que o professor, mesmo diante das dificuldades, principalmente no que se refere à falta de prática no uso dos computadores, tenta, continua acreditando que pode, apesar de tudo, realizar a atividade e vencer as barreiras impostas pelo meio, mesmo que isto lhe custe muita demanda de energia.

Para Codo (1999, p.241), muitos dos trabalhadores em educação por ele pesquisados demonstraram estar com a Síndrome de Burnout e eram, profissionais “altamente motivados”, que reagiam ao stress laboral trabalhando ainda mais até que entraram em colapso.

Já para o médico-psiquiatra Dr. Silva, num dos trechos de sua entrevista, “entre outros fatores, o uso das novas tecnologias pode desencadear o stress”, já que para o professor são “novas exigências” e o mesmo não dispõe de “tempo e recursos” para aprender.

Tal conflito, faz com que o paciente (o profissional) sinta-se desqualificado para o trabalho (...), com a sensação de incompetência, aliado a outros conflitos de ordem pessoal na família, no casamento e no relacionamento com outras pessoas.

Neste ponto, quando se questionou os técnicos do Núcleo – Lindara Almeida, Marilda Nascimento e Agrinaldo Souza - de como os desafios apresentados na implantação e acompanhamento dos Espaços Digitais de Aprendizagem nas Escolas poderiam ser vencidos daqui para frente, as respostas obtidas foram:

- antes de mais nada você tem que compreender o processo de mudança na educação. São tantos projetos, tantos cursos... e a coisa não funciona. Aí, quando a gente se pergunta por que não está acontecendo, podemos encontrar algumas respostas:
- porque não existe o “querer”, o “querer mudar”. O professor está saturado com a sobrecarga de trabalho (...);
 - porque queremos receitas prontas! É um erro colocar a prática antes do planejamento;
 - porque não devemos competir com os alunos em termos de informação (...). a gente tem que abandonar o medo de não saber tudo;
 - o computador e a Internet desestabilizaram o professor, porque dividiu o poder dentro da escola.
- Assim, a grande alavanca será quando o professor descobrir o que ele pode aprender e produzir com as novas tecnologias.

Pode-se perceber nestas falas que para os técnicos do Núcleo, para os diretores e coordenadores das escolas pesquisadas, e quem sabe até mesmo para o professor, a chave para o uso bem sucedido das novas tecnologias está nas mãos do professor, daquele que lida diretamente com os alunos. Estes seriam, são e continuarão sendo os alvos para o investimento em treinamentos e formação, como fica demonstrado na maioria dos resultados apresentados.

Entretanto, pouco se falou da formação e investimento no capital humano do profissional em educação. Moraes (1997, p.119) ressalta que atualmente nos “ambientes de trabalho, muita coisa vem mudando. Hoje o foco das organizações já não repousa sobre o capital, nos recursos financeiros, mas sobre os recursos humanos, a disponibilidade de informação, o conhecimento e a criatividade”, que esses recursos podem produzir.

Esse talvez seja um dos motivos da insatisfação da classe dos trabalhadores em educação quando se fala em cursos, treinamentos, formação continuada e tantos outros termos correlatos.

Arroyo (2000, p.57) destaca que, há muito tempo “a categoria vem denunciando sua insatisfação, apatia, diante dos remédios inovadores dos sempre repetidos cursos de treinamento, dos sempre ‘novos conteúdos’” que são propostos no meio educacional a cada nova “moda”, “novidade”, que surge no meio.

Tais resultados e análises revelam as formas significativas como as novas tecnologias estão sendo inseridas no meio educacional, como os profissionais as têm concebido e utilizado, e as condições que as instituições têm oferecido aos seus profissionais para que estes realizem em seus “Espaços Digitais de Aprendizagem” o trabalho pedagógico, bem como, a aprendizagem efetiva dos alunos.

4 CONCLUSÃO

4.1 O Trabalho dos Profissionais da Educação nos Espaços Digitais de Aprendizagem

Os resultados obtidos na pesquisa deixam claro que o trabalho dos profissionais de educação realizados nos Espaços Digitais de Aprendizagem da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, ainda é um trabalho incipiente devido ao tempo de implantação e uso dos recursos, bem como, do conhecimento que se tem dos mesmos e de sua aplicação na prática pedagógica.

Por outro lado, apesar da implantação ter apenas pouco mais de dois anos na Rede, pôde-se obter resultados significativos para presente pesquisa, não com o intuito de resolver problemas, mas objetivando conhecer e analisar o trabalho dos profissionais da educação realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem.

Diante dos resultados obtidos o que se apresenta é a crença de que o uso das novas tecnologias nas escolas traz benefícios à educação, ao conhecimento, ao trabalho do educador e ao aprendizado do aluno.

Tanto para 87% dos diretores, 75% dos coordenadores e 56% dos professores o uso das novas tecnologias, na vida diária, principalmente dos computadores, ocorre de forma comum, embora a maioria registre a falta de prática para lidar com esses novos recursos.

Paradoxalmente, esses mesmos profissionais que acreditam nas inovações tecnológicas no meio educacional como algo promissor e se utilizam das mesmas na vida pessoal, não se utilizam delas na sua prática educativa, ou melhor, as novas tecnologias ainda não foram internalizadas na ação educativa como mais um recurso para promover a aprendizagem, como afirmam os técnicos do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias.

Percebe-se na pesquisa que dos 112 profissionais pesquisados 84,3% deles são professores e estes são os que apresentaram o uso das novas tecnologias como algo de muita dificuldade e pouca internalização no trabalho; enquanto que para

15,6% restante dos profissionais incluindo nesse percentual os diretores e coordenadores, o uso desses novos recursos é visto como uma forma promissora, inovadora e moderna de obter o conhecimento e a aprendizagem e que, a única dificuldade residiria sobre o professor, a sua falta de conhecimento, prática e resistência para usar os recursos.

O professor é visto portanto, como uma peça central desse discurso e as dificuldades apresentadas para utilizar o Espaço Digital de Aprendizagem estariam ligadas diretamente à forma como esse profissional concebe e faz uso das novas tecnologias na escola.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, o hiato entre educação e tecnologia não é nenhuma novidade no cotidiano escolar. Pesquisas paralelas realizadas sobre o trabalho do professor revelam que estes estão inseridos numa sociedade, onde as inovações tecnológicas estão cada dia mais presentes no cotidiano do aluno, exigindo desses profissionais o seu aperfeiçoamento, a sua qualificação e a reorganização da sua forma de trabalho.

E por ser uma sociedade cada vez mais exigente, pesquisas revelam que está sendo difícil para o profissional, com o “valor” que recebe, reproduzir e aperfeiçoar seu trabalho; visto que, é com esse mesmo “valor” que o trabalhador tem que sobreviver, manter financeiramente sua família, as suas despesas com transporte, alimentação, saúde, lazer, qualificação profissional, manter a sua “mercadoria (conhecimento)” em dia a fim de que possa se manter no mercado. Além disso, o investimento feito pelo professor vai além do aspecto profissional e técnico apenas; ele se envolve pessoalmente numa relação que só é permitida e produzida pela construção e consolidação de vínculos: os vínculos afetivos; envolvendo e exigindo desse profissional um investimento de “energia afetiva” que mantêm a relação com aluno e promove o processo de ensino e aprendizagem, como revela a pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, percebe-se no resultado da pesquisa que para os professores, diferentemente do pensamento dos diretores e coordenadores, o uso das novas tecnologias na prática educativa vai além do uso mecânico e descontextualizado das mesmas; ou seja, elas até podem ser interessantes, modernas, estarem presentes no cotidiano dos alunos, usadas com finalidade no meio social sendo até comuns e corriqueiras, mas fazer uso na educação é considerar mais do que sua simples representação no mundo globalizado, é conceber e internalizar como essa

“novidade” pode fazer parte da ação de educar com os objetivos, ideais e metas que propõe, a formação que recebeu e os alunos que possui e com os quais constrói vínculos.

4.2 Uso das Novas Tecnologias no Espaço Digital de Aprendizagem

Com relação ao uso das novas tecnologias nos Espaços Digitais de Aprendizagem das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, os resultados da pesquisa demonstram que o uso feito pelos profissionais seguem uma concepção e tendência técnico-salvacionista, ou seja, há uma supervalorização dos recursos tecnológicos, atribuindo-lhes “poder” para resolver os problemas de aprendizagem dos alunos, as dificuldades nas metodologias aplicadas na sala de aula comum, o desinteresse aparente dos alunos pela rotina das disciplinas; embora o Núcleo de Educação e Novas Tecnologias busque através de suas propostas com o EDA ressignificar o uso dos recursos tecnológicos, como o computador, o vídeo, a TV, através de mudanças na prática pedagógica.

Apesar dos treinamentos oferecidos pelo Núcleo no primeiro semestre deste ano, da finalidade objetivada na criação desse “espaço” nas escolas, do interesse e participação dos diretores, coordenadores e técnicos na construção e planejamento de propostas, essas mudanças ainda não são visíveis no cotidiano das escolas pesquisadas.

Percebe-se que o uso do Espaço Digital de Aprendizagem ainda não é lugar e/ou prática comum nas ações educativas e como os próprios pesquisadores ressaltam, é preciso fazer alguma coisa ou qualquer coisa para que as máquinas não fiquem obsoletas e o espaço não seja fechado, afirmam os pesquisados.

Mesmo diante das dificuldades apresentadas pelos profissionais e da falta de uma política organizacional mais estruturada e coerente com as práticas específicas de cada Escola, o uso do Espaço Digital de Aprendizagem tem ocorrido de forma que a prática do professor tem sido a de um mero aplicador de propostas pensadas e planejadas por outros, contando com sua mínima participação na construção das mesmas. Isso evidencia que o professor não internalizou na sua prática o uso

desses recursos tecnológicos, embora o deseje, considere como o diferencial na educação nos dias de hoje.

Muitas são as dificuldades apresentadas pelos pesquisados, mas as principais estão relacionadas ao professor, a sua falta de conhecimento, prática e até mesmo, segundo os técnicos do NET, a falta de “querer”.

Mediante os resultados obtidos percebe-se através das afirmações dos professores que a falta de prática tem realmente dificultado o uso do Espaço Digital de Aprendizagem; o que confirma uma das hipóteses da presente pesquisa, ao afirmar que profissionais sem conhecimento técnico das ferramentas resistem ao uso do Espaço Digital de Aprendizagem. Embora seja necessário considerar que essa resistência não relaciona-se apenas a este aspecto e que a falta de prática não é a principal das dificuldades, mas somente uma delas.

É preciso considerar entretanto, os resultados quanto à faixa etária desses profissionais, o seu tempo de trabalho nas instituições educacionais, a carga horária que cumprem semanalmente tanto no trabalho quanto em casa, já que a maioria é do sexo feminino, bem como, os aspectos inerentes à profissão de educador.

Ao se considerar todos os aspectos que envolvem esse profissional, percebe-se que o uso do Espaço Digital de Aprendizagem requer não apenas treinamento técnico, mas a construção de propostas em que o agente da transformação, aquele que lida diretamente com o aluno e com o produto dessa relação, a participação efetiva em todos os momentos, considerando que para isso ocorrer é preciso estar consciente de todas as implicações que essa participação requer.

Como os próprios técnicos afirmam em pesquisa, não basta usar os recursos do Espaço Digital de Aprendizagem como se usa o livro em sala de aula, é preciso dar um novo sentido à ação exercida pelo professor, senão estarão apenas trocando um recurso pelo outro sem nenhuma ressignificação.

Os aspectos que envolvem a resistência ou dificuldade para usar o EDA estão além da simples falta de conhecimento, como pôde-se observar nos relatos da pesquisa com o profissional de saúde, quando ele afirma que não existe apenas um fator na quebra do vínculo afetivo que o professor estabelece com seu trabalho causando-lhe transtornos psíquicos, desgaste emocional, perda de energia, há a carga horária extensa, a demanda efetiva de trabalho, a desarticulação política educacional nas esferas estadual e municipal, a baixa remuneração, entre outros fatores, que normalmente levam o profissional a perder o ânimo, ter dificuldade de

se concentrar, de dormir tranqüilamente, ter fadiga excessiva, perder o dinamismo do trabalho, perder o autocontrole sobre a rotina, a incapacidade de relaxar, a queixa freqüente de dores, principalmente da “cefaléia tensional”, levando-o muitas vezes a conduzir seu trabalho de forma despersonalizada e sem nenhum envolvimento emocional.

O que se apresenta portanto, é o uso de um espaço que não faz parte da iniciativa do professor ou de suas necessidades de sua prática pedagógica, mas dos desejos e interesses daqueles que implementaram os recursos nas Escolas, como a Secretaria de Educação do Município, através da cobrança que fazem por meio do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), que por sua vez cobra por meio dos diretores e coordenadores responsáveis pelo Espaço Digital de Aprendizagem nas Escolas da Rede.

Assim, mais do que treinamento técnico das ferramentas para uso dos recursos tecnológicos, do que investimento financeiro há que se ter um investimento no recurso humano, ou seja, na pessoa do profissional e em todos os aspectos que envolvem essa pessoa humana.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, o trabalho em educação é um ofício especificamente humano, que exige do profissional posturas, atitudes e competências coerentes com o processo de humanização do ser e não apenas do ofício que se utiliza da técnica pela técnica; é um trabalho onde professor e aluno, através de uma corrente de afetividade, trocam e efetivam o ato de educar e aprender, onde um se propõe a ensinar e o outro se dispõe a aprender. Investir no potencial humano do profissional em educação é tornar o trabalho do professor e os aspectos inerentes ao mesmo impregnado de sentido e significado, considerando todas as suas necessidades pessoais e profissionais, não só de sobrevivência, mas também de afeto, como revelam as pesquisas bibliográficas.

4.3 As Condições Físico-Ambientais e Laborais dos Espaços Digitais de Aprendizagem

No que se refere às condições oferecidas aos profissionais de educação no Espaço Digital de Aprendizagem, quanto aos aspectos físico-ambientais e laborais,

os resultados da presente pesquisa demonstram que as condições encontradas têm também favorecido em certo grau de significância, o uso do Espaço e da utilização dos recursos disponíveis.

Mais do que as dificuldades por falta de conhecimento ou de prática com os recursos apontados pelos profissionais a questão da infra-estrutura é um dado comum entre os relatos dos pesquisados, quando destacam o número limitado de computadores, a demanda de usuários, a burocracia para conseguir a manutenção dos equipamentos, a falta de materiais e recursos para investimento em softwares, a indisponibilização de serviços como a Internet, bem como, as próprias condições físico-ambientais dos espaços. Por uma falta de compreensão e organização quanto a forma de como se utilizar do Espaço, os profissionais superlotam o Espaço, dividindo-se entre os poucos que estão desenvolvendo as atividades no computador e os que estão sentados no chão aguardando – ansiosos - a sua vez de usar o equipamento, isto quando o tempo permite, o que na maioria das vezes não ocorre por conta da quantidade de alunos, de computadores e do que é planejado para ser desenvolvido.

Essas afirmações são possíveis de comprovação a partir dos resultados obtidos na pesquisa observacional de um dos “espaços” disponíveis nas Escolas da Rede Municipal de Ensino, os quais apresentam um trabalho descontextualizado da prática docente, uma frustração pelo não cumprimento satisfatório das atividades planejadas, uma falta de preparo do profissional para lidar com as implicações e aplicações das novas tecnologias na prática educativa.

De acordo com o material bibliográfico da pesquisa as condições físico-ambientais e laborais oferecidas aos profissionais da educação exercem influência significativa na sua forma de lidar e conceber o trabalho que realiza. Sendo que estudos paralelos revelam que o trabalho em educação por ser um ofício que exige do profissional grande demanda de energia psíquica, pode levá-lo a assumir uma missão de tempo integral, exercendo-a na maioria das vezes com o mínimo indispensável e as condições laborais ruins, o que acaba por gerar desânimo no uso dos recursos, como é o caso das novas tecnologias, que dependendo da forma como é implantada no cotidiano escolar e na prática do professor pode funcionar como uma espécie de “rolo compressor”, pressionando os professores a desenvolver atividades para as quais não se sentem preparados, a aderir alegremente e sem

muita reflexão o seu uso, ou mesmo, a se sentirem culpados porque há a necessidade de fazer e ao mesmo tempo a impossibilidade de fazer.

Entretanto, vislumbrando a hipótese de que as condições de trabalho oferecidas nos Espaços Digitais de Aprendizagem seriam fatores proporcionais da resistência ou não da utilização das novas tecnologias, pôde-se constatar que a mesma não se confirmou considerando os resultados apresentados na pesquisa. As condições físico-ambientais e laborais do Espaço Digital de Aprendizagem não podem ser as únicas responsáveis ou nem as principais causadoras da não utilização ou dificuldades apresentadas pelos profissionais.

Considera-se que essas condições devem ser melhoradas para que possam corresponder às necessidades dos profissionais, bem como, da Escola como um todo, mas mesmo que elas correspondam aos anseios e solicitações dos trabalhadores da educação, ainda assim, não poderão resolver a não internalização das novas tecnologias na prática docente.

O que é preciso portanto, é voltar-se para o foco da análise do trabalho, do ofício do professor, percebendo o que de fato está acontecendo com ele.

Conforme estudos paralelos acerca do trabalho e dos trabalhadores que lidam diretamente com outros seres humanos, como é o caso do professor, começa-se a aceitar o fato de que muitas doenças e transtornos psíquicos podem ser causadas pelas dimensões psicológicas desses profissionais que acabam afetando o corpo já que este estabelece estreita relação com os aspectos neurais do cérebro. Essas considerações se confirmam nos relatos obtidos com o profissional da saúde quando afirma que a demanda de profissionais da educação com transtornos psíquicos provocados pelos diversos fatores que envolvem o seu trabalho, só tende a aumentar, principalmente se as condições oferecidas a esses trabalhadores em sua vida pessoal e profissional permanecerem as mesmas; visto que, o contexto (ambiente físico, estrutura organizacional, condições laborais...) educacional não contribui muito para a saúde mental do profissional da educação.

Muitos que se afastaram por motivo de doença ou por não saberem lidar com as exigências estressantes do ofício, voltam à sala de aula porque são forçados pelo sistema ou porque não querem ser vistos como um profissional que fracassou. Ele continua na sala de aula, mas deixa o barco correr, afirma o médico-psiquiatra em entrevista.

Portanto, mais do que se debruçar na inserção e investimento de recursos tecnológicos inovadores nas escolas; do que investir em treinamentos técnicos sem sentido para o professor, é preciso contemplar a valorização do ser social e humano que é o professor antes de mais nada e que, por meio de suas dimensões afetivas e humanas desempenha a sua função formadora dentro do contexto educacional.

4.4 Profissionais da Educação Susceptíveis à Síndrome de Burnout

Os resultados obtidos na pesquisa através dos depoimentos dos professores, das entrevistas com profissionais da área de saúde e tecnologia e dos dados levantados na pesquisa bibliográfica, revelam que o uso das novas tecnologias nos Espaços Digitais de Aprendizagem está comprometido pela forma como o profissional da educação tem concebido e tem se utilizado das mesmas na sua prática, principalmente o professor, que dentre os trabalhadores pesquisados é o que demonstra mais dificuldade para internalizar esse uso e torná-lo efetivo.

O professor é o profissional que está no centro das atenções daqueles que investem nos recursos tecnológicos das Escolas, dos que administram esses recursos e dos que esperam que o conhecimento e a aprendizagem sejam produzidos por meio da relação que este estabelece com o aluno.

Assim, o que temos é um profissional pressionado por todos os lados a cumprir um papel e atribuições que na maior parte das vezes está além do que suas forças permitem ou as condições favorecem.

É visível, através da pesquisa, perceber que por mais que o professor demonstre nos seus relatos o desejo em utilizar o Espaço Digital de Aprendizagem, as novas tecnologias em sua prática, as condições e demais fatores que permeiam a sua vida o impedem de realizar com qualidade o seu ofício.

Não é apenas a falta de conhecimento ou de prática como demonstra a pesquisa, o trabalho do professor requer mais do que a técnica pura e simples. Por mais que ele tente administrar sua economia psíquica de forma equilibrada na efetivação do seu trabalho, há sempre uma perda de energia.

A pesquisa bibliográfica e a pesquisa com o profissional de saúde revelam que há uma quebra no “circuito” de investimento entre aquilo que o professor faz (sua

força de trabalho e aplicação da sua “mercadoria”) e aquilo que ele recebe como reconhecimento pelo que fez. E mesmo diante das incansáveis tentativas e créditos de confiança que este despense no uso das novas tecnologias e do seu trabalho em si mesmo, o desgaste emocional é muito maior e mais forte, o que acaba por gerar uma perda de energia física e mental, por tentar, tentar e não conseguir. Não consegue pela forma como se vê envolto na situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não quer desistir, por isso, deixa o “barco correr”, como demonstra a pesquisa.

Conforme o que objetivou-se para pesquisa é possível constatar através dos resultados que as condições oferecidas pelos Espaços Digitais de Aprendizagem nas Escolas da Rede não são suficientes para tornarem os profissionais da educação mais susceptíveis a desenvolver a Síndrome de Burnout, vislumbrada pelas pesquisas bibliográficas e estudos paralelos, como a “exaustão emocional, a despersonalização (a eliminação simbólica do aluno), e o baixo envolvimento do profissional (a eliminação simbólica do professor)”, que afeta o trabalhador levando-o a desistir psicologicamente do seu ofício; visto que, há outros fatores que permeiam as condições laborais do profissional e que seriam muito mais significantes para desenvolver ou acentuar a Síndrome; além do mais o uso desses espaços ainda é recente, sendo vistos como novidade.

Portanto, o que se pode perceber é que a resistência ou não ao uso do EDA pelos professores, destacados na pesquisa pelos outros profissionais (coordenadores, diretores e técnicos) pode estar sendo causada por sintomas da Síndrome e que, portanto, a não internalização das novas tecnologias esteja sendo vítima dessa doença que tem afetado 48% dos professores em todo o Brasil, como revelam pesquisas paralelas.

Contudo, esse dado precisa ser melhor investigado de forma minuciosa e com mais precisão considerando-se outros fatores que envolvem o trabalho do professor.

4.5 Sugestões e Recomendações

Mediante a pesquisa realizada, acredita-se na produção de relações bem sucedidas entre educadores e o uso das novas tecnologias, onde é preciso ter claro,

como anda o ser humano que se relaciona com essas ferramentas, ou seja, com o uso do conhecimento científico.

Percebe-se que é imprescindível, antes de mais nada, tomar conhecimento de como se está lidando com esse profissional, que humanamente utiliza-se de seus mecanismos de afetividade e razão para estabelecer uma relação equilibrada e de qualidade com o conhecimento científico produzido e o que necessita ser produzido por ele mesmo.

Noutras palavras, seguir a idéia de pôr em primeiro plano o profissional e seus aspectos humanos – emoção e afetividade -, como a qualidade de vida diária no seu trabalho, é estar atento até que ponto se pode investir em recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados no cotidiano escolar; é pensar no produto que se poderá extrair de uma relação que não vai bem, que pode estar relacionada com um profissional que “está mental e emocionalmente doente”, que desconhece a si mesmo. E se ele está doente – vitimado por Burnout -, sem saber o que se passa consigo, “caminhando de um ponto a outro”, sem rumo ou direção, não

compreendendo a sua falta de “energia”, seu “esgotamento” contínuo, essa relação com as novas tecnologias não funciona, não permite a possibilidade de uma produção de qualidade efetiva, duradoura, com estabelecimento de vínculos, de compreensão do mundo.

Portanto, há a necessidade de desenvolver um estudo mais detalhado e cuidadoso do uso desses espaços, que abarque um tempo de análise das condições maior do que foi proposto, reavaliando o trabalho dos profissionais em seus aspectos técnico-pedagógicos, bem como, de seus aspectos pessoais, principalmente no que se refere a sua saúde física e mental; enfatizando que os mesmos tomem conhecimento e se sensibilizem com as questões que afetam o seu trabalho e a sua saúde.

Considera-se portanto, que o trabalho do profissional da Educação, principalmente do professor, seja visto além dos seus aspectos técnicos mas também nos aspectos humanos, levando-se em conta:

- O investimento na formação humana;
- Reconhecimento da força de trabalho empregada;
- Melhorar as condições oferecidas ao trabalhador;

- Rever os recursos e a forma como são implementados nas escolas;
- Dispor de um espaço maior e mais condizente com as necessidades das escolas;
- Propiciar a participação do professor em todas as fases de implantação de recursos, de forma que a mesma tenha sentido e significado na vida do profissional.

Essas medidas podem, a princípio, melhorar significativamente a relação dos professores com o uso dos Espaços Digitais de Aprendizagem, bem como, diminuir a distância do que se ensina e o que se aprende, permitindo a professores e alunos tornarem-se sujeitos da sua história e do processo de aprender e transformar o que está a sua volta.

Por outro lado, o que se objetivou nessa pesquisa pode conduzir à certeza de que um profissional despersonalizado, sem energia para trabalhar, para conduzir seu ofício como idealizou no início de sua carreira, pode até funcionar, como um barco a deriva que não sabe o rumo que está tomando, mas que sabe que pode continuar a navegar. Mas, nesse estado que envolve os professores, as novas tecnologias é que podem não continuar a funcionar, podem ficar “paradas”, ser subutilizadas ou transformar-se num amontado de sem-sentido educacional.

Apesar da pesquisa demonstrar, que o profissional não desiste com facilidade, nem mesmo quando defronta-se com as dificuldades impostas pelas suas relações de trabalho e pelo meio em que vive. Ele continua tentando, investindo física, emocional e racionalmente no seu ofício, na crença de que, com a força do seu ideal e do seu desejo, os objetivos serão alcançados, as dificuldades vencidas e a ação educativa e humana concretizada.

Por isso, é preciso que se desenvolvam novos estudos e pesquisas que possam promover e propor a construção de medidas que proporcionem a qualificação e ressignificação humana do trabalho do educador, resgatando a sua dignidade, o seu ideal de humanizar e o sentido primeiro que esse trabalho concebe: tornar o homem mais humano.

Portanto, recomenda-se uma pesquisa que envolva, conjuntamente, a participação de outros profissionais, das mais diversas áreas como saúde, engenharia, educação, tecnologia, política, entre outros, para que todas as esferas do trabalho docente sejam minuciosamente estudadas e possam, especificamente

no que se refere à ressignificação do trabalho docente e o uso das novas tecnologias presentes no cotidiano escolar atual, dar mais sentido e prazer ao trabalho daqueles que se dedicam em tempo integral à vida educacional, investindo toda a sua energia física e emocional, toda a sua afetividade na busca do porto seguro que o seu barco está a procurar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AYLMER, Roberto. **Síndrome da fadiga psíquica – o cansaço do fracasso**. Disponível em: <<http://www.assertiva.com.br>>. Acesso em: 18 abr. 2002.

BABIN, Pierre, KOULOUMDYIAN, Marie France. **Os novos modos de compreender – a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAZZO, Walter A. & COLOMBO, Ciciliana R.. Educação tecnológica contextualizada, ferramenta essencial para o desenvolvimento social brasileiro. In: BAZZO, Walter Antonio. **Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1998.

BENEVIDES, Ana Maria. Trabalhando com o stress. **Revista Amanhã**, n. 148, nov. 1999.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. Sociedade e desenvolvimento tecnológico: uma abordagem histórica. In: GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 220.

CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). Disponível em: <<http://www.cnte.org.br>>. Acesso em: 08 jan. 2001.

CORSI, Jorge. **Burnout**. Disponível em: <<http://www.fempres.c> / 219 / revista/ 219 _ burnout. html>. Acesso em: 05 fev. 2002.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4ª ed., São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: Unesco, 2000.

DICIONÁRIO DE PSIQUIATRIA. Disponível em: <<http://www.psiqweb.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2002.

FARBER, B. A. Crisis in education – stress and burnout in the American teacher. San Francisco, Oxford: Jossey-Bass Publishers, 1991. In: CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

—, 1991. In: CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout: um tipo de estresse ocupacional**. Disponível em: <<http://www.ulbranet.com.br/ulbra/educação>>. Acesso em: 12 fev. 2002.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi e RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e trabalho – uma abordagem psicossomática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 36.

FRÓES, Jorge Rodrigues de Mendonça. Educação e Tecnologia: questões, fundamentos, propostas. **Jornal Tema Livre**, Salvador, ano V, n. 52, p. 4, abr. 2002.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 48-49.

JACQUES, Maria da Graça Correa. Trabalhando com o stress. In: ZANUZZI, Fernanda. **Revista Amanhã**, n. 148, nov. 1999.

KRAMER, Sonia e SOUZA, Solange Jobim e (orgs.). **Histórias de Professores – leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996. p. 102, 114.

LAPO, Flavinês Rebolo & BUENO, Belmira Oliveira. **Professores retirantes: um estudo sobre a evasão docente no magistério público do Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.usp.br/educação>>. Acesso em: 05 fev. 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIGUORI, Laura M. Novas tecnologias da informação e da comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 79-81.

LIMA, Frederico O. **A sociedade digital: impacto da tecnologia na sociedade, na cultura, na educação e nas organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2000.

LION, Carina Gabriela. Mitos e realidades na tecnologia educacional. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 35.

LITWIN, Edith. Questões e tendências da pesquisa no campo da tecnologia educacional. —. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 110-114.

MASLACH, C. and JACKSON, S. E. The measurement of experienced Burnout. *Journal of Occupational Behavior*, n. 2, p. 99-113, 1981. In: CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 238.

— e LEITER, 1997. In: CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout: um tipo de estresse ocupacional**. Disponível em: <<http://www.ulbranet.com.br/ulbra/educação>>. Acesso em: 10 abr. 2002.

MEAD, Margaret. *Cultura e Compromisso*. Barcelona: Granica, 1972. In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, ano VI, n. 18, p. 17, mai./set. 2000.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MORAIS, Gelcivânia Mota Silva. Novas tecnologias no contexto escolar. In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, ano VI, n. 18, p. 17, mai./set. 2000.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/english/bureau/inf/pr/2000/37.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Disponível em: <http://www.who.int/home_page>. Acesso em: 08 jan. 2001.

PESQUISA EXCLUSIVA - O trabalho no século XXI. Disponível em: <http://www.uol.com.br/aprendiz/pesquisa_exclusiva/1d050699.html>. Acesso em: 17 dez. 2000.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 189.

POTTER, Bervely. **Cura do burnout inclui aprender a organizar dia-a-dia para reafirmar-se**. Disponível em: <<http://www.tsl.com.br/news/n01/bit0103.html>>. Acesso em: 08 jan. 2001.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

PUEYO, R. Capilla. **ATENCION PRIMARIA – Publicación oficial de la sociedad española**, jano, v. 58, n. 1334, p. 56-58. Disponível em: <<http://www.atencionprimaria.com>>. Acesso em: 17 abr. 2002.

REUNIÃO Anual da ANPED, 22^a, 1999. Da tecnologia à comunicação educacional... BELLONI, Maria Luiza, 1999.

SCHEIMBERG, Martha. Educação e comunicação: o rádio e a rádio educativa. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 40.

SILVA, Edna Lúcia da & MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. Ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001. 121p.

SILVA, Flávia Pietá Paulo da. **Burnout: um desafio à saúde do trabalhador**. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/resumov2n15.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2002.

TOSCHI, Mirza Seabra. Novas tecnologias e produção do conhecimento. **Anais do VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Florianópolis: Pallotti, 1996. v. 1, p. 95

VIRILIO, Paul. **Guerra Pura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionários

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

QUESTIONÁRIO

Caro Professor,

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, no que se refere especificamente ao trabalho do educador. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

Agradeço a sua colaboração. Kátia Guerreiro

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

a) Sexo: () Feminino () Masculino

b) Faixa Etária:

() Entre 18 e 33 anos () Entre 34 e 49 anos

() Entre 50 e 65 anos () 66 anos em diante

c) Formação:

() Ensino Médio: () Completo () Incompleto Curso: _____

() Ensino Superior: () Completo () Incompleto Curso: _____

d) Tempo de exercício no Magistério: _____

e) Ano de ingresso no Magistério na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus: _____

f) Nível de Ensino em que leciona na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus:

() Educação Infantil () Ens. Fundamental – 1ª à 4ª Série

() Ens. Fundamental – 5ª à 8ª Série- Disciplina(s) que Leciona: _____

g) Jornada de trabalho semanal:

() Rede Municipal – Carga horária: ___h.

() Rede Estadual – Carga horária: ___h.

() Rede Particular – Carga horária: ___h.

() Outra Categoria – Carga horária: ___h.

II – USO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

a) O uso do computador, da Internet faz parte da sua vida pessoal?

() Sim. Costumo utilizar para _____
_____.

() O que fez você optar por não usá-los? _____
_____.

b) Quando se fala no uso das novas tecnologias (computador, programas educativos, Internet...) na Escola, o que vem à sua cabeça?

c) O que fez você acreditar nisso?

III – USO DO ESPAÇO DIGITAL DE APRENDIZAGEM (EDA)

– Assinale apenas uma das alternativas e preencha as lacunas quando necessário:

a) O uso do Espaço Digital de Aprendizagem faz parte da sua prática docente:

() Sim, costumo utilizá-lo _____

_____.

() O que fez você optar por não usá-lo? _____

_____.

b) Quando você utilizou o Espaço Digital de Aprendizagem pela última vez:

() Há menos de uma semana

() Há uma semana

() Há mais de uma semana

() Há mais de um mês

() Não me lembro

() Ainda não usei este ano

- O que fez você optar por usá-lo? _____

_____.

c) Como você avalia a última atividade realizada por você no Espaço Digital de Aprendizagem:

() Superou todas as minhas expectativas.

() Satisfatória, alcancei os objetivos propostos.

() Com dificuldades no início, mas consegui concluir.

() Insatisfatória.

d) Você deseja usar novamente o Espaço Digital de Aprendizagem:

() Sim, pois _____

_____.

() Não, prefiro realizar as atividades em sala de aula.

e) O que diferencia a atividade quando ela é realizada em sala de aula ou no Espaço Digital?

f) Para planejar e/ou realizar as atividades no Espaço Digital de Aprendizagem, você prefere:

- Estar sempre só.
- Estar só no planejamento e com companhia durante a realização.
- Planejar com outra pessoa e realizar a atividade só.
- Ter sempre a ajuda de outras pessoas em todos os momentos.

g) Ao se utilizar do Espaço Digital de Aprendizagem para realizar de suas atividades já ocorreu algum incidente ou dificuldade?

Sim, ocorreu _____

- Como você imagina que poderia ter sido evitado? _____

Não, nunca ocorreu.

h) Que tipo de dificuldades são mais freqüentes no uso do Espaço Digital de Aprendizagem e de seus recursos?

i) Quando essas dificuldades ocorrem, você:

- Procura resolver a partir do que já sabe.
- Busca ajuda com colegas ou amigos.
- Busca ajuda nos livros ou outras fontes.
- Busca ajuda com o coordenador do EDA.

j) Na sua opinião, o que seria necessário para sanar e/ou minimizar essas dificuldades enfrentadas?

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

QUESTIONÁRIO

Caro Coordenador,

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

Agradeço a sua colaboração. Kátia Guerreiro

- Assinale apenas uma alternativa e preencha as lacunas quando necessário.

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

a) Sexo: () Feminino () Masculino

b) Faixa Etária:

() Entre 18 e 33 anos () Entre 34 e 49 anos

() Entre 50 e 65 anos () 66 anos em diante

c) Formação:

() Ensino Médio: () Completo () Incompleto Curso: _____

() Ensino Superior: () Completo () Incompleto Curso: _____

d) Tempo de exercício na área de educação: _____

e) Ano de ingresso na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus: _____

f) Tempo de exercício na função de coordenador do Espaço Digital de Aprendizagem: _____

g) Jornada de trabalho semanal:

() Rede Municipal – Carga horária: ___h.

() Rede Estadual – Carga horária: ___h.

() Rede Particular – Carga horária: ___h.

() Outra Categoria – Carga horária: ___h.

II – USO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

a) O uso do computador, da Internet faz parte da sua vida pessoal?

() Sim. Costumo utilizar para _____
_____.

() O que fez você optar por não usá-los? _____
_____.

b) Quando se fala no uso das novas tecnologias (computador, programas educativos, Internet...) na Escola, o que vem à sua cabeça?

c) O que faz você acreditar nisso?

III – O ESPAÇO DIGITAL DE APRENDIZAGEM (EDA)

a) Há quanto tempo o Espaço Digital de Aprendizagem funciona? _____

b) Como você se sente trabalhando com as novas tecnologias no Espaço Digital de Aprendizagem:

- Interessado(a), motivado(a) e muito satisfeito(a).
- Bem, completamente familiarizado(a).
- Com dificuldades, mas me familiarizando aos poucos.
- Com muitas dificuldades.
- Insatisfeito(a).

c) As atividades desenvolvidas no Espaço Digital de Aprendizagem são preparadas:

- Somente pelo coordenador.
- Pelo coordenador na maior parte das vezes.
- Às vezes pelo coordenador e às vezes pelo professor.
- Somente pelos professores.
- Pelo professor na maior parte das vezes.
- Conjuntamente pelo coordenador e o professor.

d) Com que freqüência o Espaço Digital de Aprendizagem é utilizado pelo professores?

- Diariamente.
- Mais de uma vez por semana.
- Uma vez por semana.
- Ocasionalmente.
- Não tem sido utilizado

e) Como é distribuído o tempo de uso do Espaço Digital de Aprendizagem?

f) Para quais atividades o Espaço Digital de Aprendizagem costuma ser utilizado pelos professores:

g) Qual o procedimento do professor para o planejamento de atividades no EDA?

h) Em que atividades o EDA auxilia o professor?

Planejamento de atividades

Produção de material

Acompanhamento de atividades

Avaliação

Outro. Qual? _____

i) O que diferencia a atividade quando ela é realizada em sala de aula ou no Espaço Digital?

- Por favor, explique o que faz você pensar dessa forma.

j) Aponte as principais dificuldades que você tem enfrentado no exercício dessa função.

k) Como você costuma enfrentar essas dificuldades?

Sempre só, buscando resolver a partir do conhecimentos que possuo.

Às vezes busco a ajuda de outra pessoa.

Busco sempre a ajuda de outras pessoas.

l) Na sua opinião, como você imagina que essas dificuldades poderiam ser evitadas?

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

QUESTIONÁRIO

Caro Diretor,

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

Agradeço a sua colaboração. Kátia Guerreiro

- Assinale apenas uma alternativa e preencha as lacunas quando necessário.

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

a) Sexo: () Feminino () Masculino

b) Faixa Etária:

() Entre 20 e 35 anos () Entre 36 e 45 anos

() Entre 46 e 60 anos () 61 anos em diante

c) Formação:

() Ensino Médio: () Completo () Incompleto Curso: _____

() Ensino Superior: () Completo () Incompleto Curso: _____

d) Tempo de exercício na área de educação: _____

e) Ano de ingresso na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus: _____

f) Tempo de exercício na função de diretor desta Escola: _____

g) Jornada de trabalho semanal:

() Rede Municipal – Carga horária: ___ h.

() Rede Estadual – Carga horária: ___ h.

() Rede Particular – Carga horária: ___ h.

() Outra Categoria – Carga horária: ___ h.

II – USO DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

a) O uso do computador, da Internet faz parte da sua vida pessoal?

() Sim. Costumo utilizar para _____

_____.

() O que fez você optar por não usá-los? _____

_____.

d) Quando se fala no uso das novas tecnologias (computador, programas educativos, Internet...) na Escola, o que vem à sua cabeça?

e) O que faz você acreditar nisso?

III – O ESPAÇO DIGITAL DE APRENDIZAGEM (EDA)

a) Com que finalidade foi criado o Espaço Digital de Aprendizagem nesta Escola?

b) Faz parte do Projeto Pedagógico da Escola ações envolvendo o Espaço Digital de Aprendizagem?

Sim Não

c) As atividades planejadas e/ou realizadas no Espaço Digital de Aprendizagem envolvem a participação da Direção:

Sempre.

Na maior parte das vezes.

Só quando há necessidade.

Nunca.

d) Há treinamento para os profissionais envolvidos com o Espaço Digital de Aprendizagem:

Sim Não

e) Quando ocorreu o último treinamento? E quem promoveu?

f) Haverá outros treinamentos ainda este ano?

Sim, ainda haverá. Quantos? _____

Talvez, se houver necessidade. Por enquanto não há previsão.

Não, só no próximo ano.

g) A que se referem os conteúdos desses treinamentos para os profissionais?

h) Aponte as principais dificuldades que você tem percebido no uso do Espaço Digital de Aprendizagem:

i) Na sua opinião, como você imagina que essas dificuldades poderiam ser evitadas?

APÊNDICE B – Roteiros de Entrevistas

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Profissionais do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias - NET

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem pelos profissionais da Educação, nas Escolas da Rede Municipal de Ilhéus. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

- a) Nome.
- b) Idade.
- c) Formação:
 - Ensino Médio: Completo ou incompleto. Em qual curso?
 - Ensino Superior: Completo ou incompleto. Em qual curso?
- d) Há quanto tempo está na área de educação?
- e) Em que ano ingressou na Rede Municipal de Ensino de Ilhéus?
- f) Que função você exerce no NET?
- g) Há quanto tempo está nessa função?
- h) Qual a sua carga horária semanal de trabalho no NET?

II – O NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS (NET) E OS ESPAÇOS DIGITAIS DE APRENDIZAGEM (EDA)

01. O que significa e como surgiu o NET?
02. Quem faz parte do NET?
03. Como é desenvolvido o trabalho do NET? E como são distribuídas as funções?
04. Como está sendo o crescimento do NET junto às Escolas da Rede?
05. Falem um pouco dos projetos que o NET está realizando junto aos EDA' s.
06. Manutenção de equipamentos é um problema para o trabalho do NET?
07. Então, além das dificuldades materiais, vocês enfrentam resistência por parte dos profissionais da educação?
08. Por que educação e novas tecnologias?
09. Com a implantação dos EDA's não corremos o risco de esquecermos dos outros recursos que já estão nas Escolas?
10. Qual o desafio do NET daqui para frente?

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Profissional de Saúde Especialista em Síndromes Psíquicas

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem pelos profissionais da Educação, nas Escolas da Rede Municipal de Ilhéus. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

- Nome.

01. Quais os requisitos pessoais para ser um psiquiatra? E qual a sua motivação em escolher a psiquiatria?

II – OS TRANSTORNOS SOFRIDOS PELOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

02. Quais as patologias mais comuns tratadas pelo psiquiatra?

03. Qual a incidência de pacientes que procuram seu serviço e que trabalham na área de educação? E quais as queixas mais frequentes?

04. Durante a terapia com seus pacientes, que trabalham em educação, é possível observar sintomas como ausência de auto-estima, exaustão física e emocional e baixa realização no trabalho?
05. Pode-se dizer que tais pacientes sofrem um tipo de Síndrome, como a de Burnout, caracterizada pela desistência psíquica em relação ao trabalho?
06. Na sua opinião, o stress pode ser considerado um mal da vida moderna? Quais as conseqüências que ele traz ao ser humano?
07. O uso de novas tecnologias pode ser um dos fatores desencadeadores da Síndrome de Burnout?
08. No âmbito da medicina, os profissionais de saúde demonstram ter conhecimento sobre a Síndrome de Burnout?
09. Pela sua vivência clínica, os profissionais de educação tem buscado ajuda psicológica com mais ou menos freqüência e com que finalidade?
10. Como você descreveria um profissional vítima da Síndrome de Burnout? Arriscaria um prognóstico?

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Profissional da Educação: Membro Executivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem pelos profissionais da Educação, nas Escolas da Rede Municipal de Ilhéus. Para isso, a sua contribuição é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a seriedade e honestidade das suas respostas, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações fornecidas por você.

I – DADOS PESSOAIS – PERFIL

- a) Nome
- b) Função dentro do CNTE

II – PESQUISA SOBRE “AS CONDIÇÕES DE SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO NO BRASIL”

01. Qual o objetivo da CNTE em realizar uma pesquisa sobre a Saúde dos Trabalhadores da Educação no Brasil?
02. Qual a sua experiência em divulgar essa pesquisa no Brasil e no exterior?

03. Sabe-se que a inserção das novas tecnologias na educação tem encontrado resistências (...). Você considera importante olhar essa questão sobre a ótica do Burnout?
04. É quase senso comum que as novas tecnologias trazem benefícios. A questão é, um profissional vitimado por Burnout tem condições de aprender e usar essas novas tecnologias?
05. Parece-me que a parceria entre o Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT) da UnB e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) foi bem sucedida, não?
06. Você se arriscaria a fazer um prognóstico para a Educação diante dos números apresentados na pesquisa realizada sobre a Saúde dos Trabalhadores?

APÊNDICE C – Roteiro de Observação

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO

Cotidiano de um Espaço Digital de Aprendizagem - EDA

O presente instrumento de coleta de dados visa colher subsídios para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, cujo tema vislumbra compreender os fatores que têm interferido ou que podem vir a interferir no uso das novas tecnologias no contexto educacional, especificamente no que se refere ao trabalho realizado nos Espaços Digitais de Aprendizagem pelos profissionais da Educação, nas Escolas da Rede Municipal de Ilhéus. Para isso, a contribuição dessa Unidade Escolar é de extrema importância e relevância para a pesquisa, onde conto com a colaboração de vocês, oferecendo por outro lado, o sigilo e o compromisso ético de minha parte nas informações coletadas aqui.

01. Caracterização da escola.
02. Universo de abrangência do EDA.
03. Condições físico-ambientais e laborais do EDA.
04. Caracterização dos recursos tecnológicos disponíveis no EDA.
05. Dinâmica de trabalho no EDA.
06. Papéis desempenhados no EDA (aluno, professor, coordenador e outros).
07. Atitudes dos alunos em relação à atividade desenvolvida no EDA.
08. Cronograma de funcionamento do EDA.
09. Aplicação prática do treinamento do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias – NET.
10. Expressões que revelam o sentimento de bem ou mal-estar no EDA.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevistas

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

Entrevista com Profissionais do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias – NET*

01. O que significa e como surgiu o NET?

NET significa “Núcleo de Educação e Novas Tecnologias” e, surgiu inicialmente de uma proposta do NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional), oriundo do PROINFO, através de sua diretora, professora Maria Aparecida, de criar em Ilhéus, um sub-núcleo do NTE, com a finalidade de assistir mais regularmente aos professores e às escolas pertencentes à rede municipal de ensino, nessa aprendizagem tecnológica.

02. Quem faz parte do NET?

O NET atualmente é formado por quatro especialistas em Informática na Educação e um Técnico. Esse grupo tem faixa etária média de 30 anos e o tempo de profissão varia entre 11 e 17 anos. Há diversificação quanto à formação: Pedagogia, Filosofia, Letras, Biologia e especialização em outras áreas.

Além do NET, exercemos outras atividades, sempre ligadas à educação ou à tecnologia, que nos ajuda a conhecer a realidade do professor e também do aluno (...); é como se tivéssemos a visão do outro lado, quais as dificuldades e expectativas, e claro, isso é muito rico para o grupo.

* Entrevista realizada com técnicos especialistas do Núcleo de Educação e Novas Tecnologias (NET), Agrinaldo Santos de Souza, Lindamara Caires de Almeida e Marilda Rocha Nascimento, na cidade de Ilhéus-BA, em 11 de julho de 2002.

Essa diversidade não atrapalha, ao contrário, temos afinidades e perspectivas em sintonia com a concepção de educação e tecnologia que acreditamos.

Hoje o NET não é apenas uma ramificação do NTE; temos trabalhado neste curto período de existência (fev/2001), com uma identidade própria, vislumbrando objetivos e métodos que atendam à realidade do nosso município e dos nossos oito laboratórios de informática educativa.

03. Como é desenvolvido o trabalho do NET? E como são distribuídas as funções?

O trabalho é de equipe, contudo, existe um coordenador que faz o elo de ligação da Secretaria de Educação de Ilhéus com o NTE, sediado em Itabuna, uma vez que a ação do NTE não se limita ao nosso município, mas abrange outras cidades como Canavieiras, Itajuípe, entre outras.

O que diferencia o trabalho do NET é, basicamente, a ressignificação que fazemos do uso da informática na educação. Substituímos a expressão “laboratório de informática”, por acharmos frio e mecânico, pela denominação “Espaço Digital de Aprendizagem”, por ampliar o conceito de informática educativa como mais um espaço de aprendizagem nas escolas.

04. Como está sendo o crescimento do NET junto às Escolas da Rede?

Em 2001 iniciamos o trabalho de diagnóstico. Fizemos inventário do que a escola tinha em termos de “laboratório” e equipamentos, bem como das condições de uso dos mesmos. Fizemos entrevistas, algumas diretas, outras na forma de questionários, reuniões e, através dessa pesquisa pudemos apresentar aos diretores e coordenadores, dados que mostravam a realidade.

Esse primeiro ano ficou caracterizado como ano da estruturação interna, tanto da equipe de trabalho como do projeto original, que sofreu modificações a fim de atender às necessidades diagnosticadas. Não era proposta do NET ficar confinado elaborando projetos!

Podemos dizer que estamos vivendo em 2002 o momento de concretização dessa parceria. Estamos mais próximos do professor, até mesmo geograficamente e isso faz com que ele exponha com mais facilidade suas dificuldades.

Embora o NET seja um desdobramento da ação do NTE, ele hoje já tem cara própria, e como todo projeto, passa também por limitações de recursos. Estamos sediados na Secretaria de Educação, dispomos de uma sala com alguns equipamentos, mas ainda não é o ideal, pois as novas tecnologias correm, enquanto que nós, em educação, caminhamos. Existem muitos softwares interessantes que melhorariam a qualidade do nosso trabalho, mas por serem caros ainda não adquirimos.

05. Falem um pouco dos projetos que o NET está realizando junto aos EDA' s.

Depois do diagnóstico em 2001 e do perfil de cada unidade escolar, tivemos uma idéia das necessidades e interesses que foram traduzidos na forma de projeto. Foi aí que verificamos que os professores não usavam o EDA porque não sabiam usar o computador. O NET proporcionou um treinamento de informática básica em dois módulos, com 45 vagas, nos três turnos, para que todo professor pudesse Ter acesso. O primeiro módulo foi em março (2002) e o segundo aconteceu agora em maio-junho (2002). A partir daí sugerimos o projeto “Construção do Jornal”, com o objetivo de proporcionar a comunicação entre os sujeitos da escola, tornando-os participativos e construtores da história. Outros projetos virão: “Aluno monitor”, “Pais no EDA – elo entre escola e comunidade”, parceria com empresas, entre outros.

O projeto piloto ensina como você trabalhar, que tem que ter objetivo, planejamento... para dar significado ao que é realizado, senão, o fazer fica sem sentido. E nosso interesse é gerar autonomia com consciência crítica.

06. Manutenção de equipamentos é um problema para o trabalho do NET?

O nosso suporte fica na parte logística, não podendo ir além disso. Temos um técnico na equipe que pode resolver problemas relativos à rede ou à programação,

mas quando o problema envolve a parte física, no caso da necessidade de abrir uma máquina, repor peças ou trocar acessórios, aí fazemos um comunicado ao NTE, que solicita um técnico de Salvador para realizar essa operação. É uma barreira, sem dúvida! Outra ainda, é a dificuldade de inovação de equipamentos e programas (...), entretanto, talvez o maior dos problemas é desmistificar o uso dos computadores.

07. Então, além das dificuldades materiais, vocês enfrentam resistência por parte dos profissionais da educação?

Já trabalhei numa escola que tinha um laboratório de informática e não só nessa escola, como nas outras, percebemos que, quando o laboratório foi implantado a comunidade, pais, alunos e professores esperavam que o espaço tivesse pelo menos 15 computadores e um professor à disposição dos alunos para dar aulas de informática. Isso não aconteceu, nem era a proposta. Muitos, ainda hoje, não entendem a finalidade das novas tecnologias na escola. Não houve uma comunicação clara sobre o que seria esse espaço na escola, todo mundo sabia que tinha, as autoridades, a comunidade, mas não sabiam para quê. Foi aí que começou o trabalho do NET em promover o uso do computador como recursos tecnológico que pode ser integrado ao espaço escolar.

08. Por que educação e novas tecnologias?

As pessoas perguntam “por que o nome NET”, por que o “Educação e Novas Tecnologias”. E respondemos que é porque o nosso objetivo é a educação; tecnologia é mais um recurso que a gente usa para otimizar a aprendizagem de forma significativa, talvez, por isso, a equipe do NET seja composta de educadores.

09. Com a implantação dos EDA's não corremos o risco de esquecermos dos outros recursos que já estão nas Escolas?

O computador não soluciona todos os problemas de aprendizagem, por isso, não deve ser visto como tal. O NET apenas mostra como utilizar esse e outros recursos tecnológicos, de forma significativa para a aprendizagem, pois muitos recursos já

estiveram em moda e hoje são esquecidos. O computador seria o próximo...

Quando perguntam “por que o NET foi criado”, respondemos que foi para gerenciar, integrar e otimizar tanto os recursos humanos quanto físicos em torno de todas as tecnologias. O Núcleo não é só computador e sim, o que chamamos de novas tecnologias, que pode ser a TV, o vídeo, a câmera fotográfica ou o aparelho de som. Até porque o número de computadores numa escola é muito limitado para o número de usuários (...); sem planejamento e sem a utilização de outros recursos é impossível trabalhar.

10. Qual o desafio do NET daqui para frente?

Antes de mais nada, você tem que compreender o processo de mudança na educação. São tantos projetos, tantos cursos (...), e a coisa não funciona. Aí, quando a gente se pergunta por que não está acontecendo, podemos encontrar algumas respostas:

- por que uma coisa é Ter e outra é existir. Você pode ter a tecnologia e ela não existir para você enquanto não for internalizada na sua prática, no seu cotidiano, seja do professor ou do aluno. É melhor que você use o quadro de giz com uma nova concepção metodológica, e aí estará se utilizando de nova tecnologia, do que colocar o aluno na frente do computador para fazer o mesmo que ele faria ao ler um texto num livro, sem nada de novo;
- porque não existe o “querer” para mudar ou porque dá trabalho mudar. O professor já está saturado com a sobrecarga de trabalho (...); ele desanima diante de projetos e cursos que não mudam praticamente nada;
- porque queremos receitas prontas! A nossa tendência, talvez pela herança do pacote da Microsoft, é esperar programas prontos, ainda que não sejam adequados a nossa realidade. É um erro colocar a prática antes do planejamento. Precisamos formar educadores e alunos que construam.

Hoje temos que vencer desafios a cada segundo, para isso o educador precisa Ter conhecimento das novas ferramentas, mas não deve competir com o aluno em termos de informação, deve, junto com ele, construir conhecimento (...); a gente tem que abandonar o medo de não saber tudo.

O computador e a Internet desestabilizaram o professor porque dividiu o poder. É uma via de mão dupla: você pode banalizar o conhecimento ou construir algo original.

Quem trabalha com tecnologia tem que trabalhar com novos tempos e espaços, novas velocidades. A grande alavanca, porém, será quando o professor descobrir o que ele pode aprender e produzir com as novas tecnologias.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

Entrevista com Profissional de Saúde Especialista em Síndromes Psíquicas*

01. Quais os requisitos pessoais para ser um psiquiatra? E qual a sua motivação em escolher a psiquiatria?

Aprioristicamente, o profissional da área de saúde deve ter a capacidade de “gostar de pessoas”. Embora a medicina seja uma ciência originalmente biológica, tem essência humanista, pois, na sua prática, ela possibilita a articulação de várias outras ciências. Se o médico não apresentar essa capacidade, estará susceptível ao fracasso profissional.

No meu caso, já trago essa formação de “gostar de pessoas” desde a infância. Lembro-me, no bairro em que morava, que havia “doentes mentais” andando pelas ruas, sem assistência médica e sem família. Entretanto, recordo, também, que minha mãe não tinha medo dessas pessoas e sempre lhes oferecia ajuda, comida e roupas e eu, menino, observava aquilo com receio e admiração. O tempo passou, mas essa marca ficou.

Mais tarde, encontrei um livro da época do Renascimento que despertou minha curiosidade, a começar pelo título, “O Elogio da Loucura”, mas foi no 3º ano de medicina que defini minha futura opção profissional, quando entrei num hospital psiquiátrico pela primeira vez e comecei a estudar a loucura numa concepção, não só biológica, mas filosófica e social.

* Entrevista com **Dr. Elson Marcos Reis da Silva**, médico-psiquiatra, com larga experiência em ambulatório público psiquiátrico, realizada em 07 de agosto de 2002, na cidade de Itabuna-BA.

02. Quais as patologias mais comuns tratadas pelo psiquiatra?

Se para a medicina é imprescindível “gostar de pessoas”, imagine para a psiquiatria em que você se solidariza com o sofrimento do outro. A Psiquiatria é uma especialidade médica que se propõe a fazer o diagnóstico e o tratamento dos transtornos mentais, segundo nomenclatura mais atual.

Os principais transtornos são os que comprometem o cérebro, como as doenças degenerativas cerebrais, a exemplo da demência ou outras provenientes de acidentes vasculares cerebrais que causam danos a uma ou mais funções do cérebro. Há casos de doenças sistêmicas, como hipertensão, diabetes, deficiência renal que comprometem a atividade cerebral, caracterizando-se como transtornos sintomáticos ou síndromes psiquiátricas.

Outra categoria são os transtornos mentais propriamente ditos, das alterações do comportamento humano, pela apresentação dos sintomas decorrentes do funcionamento cerebral como os transtornos do humor, depressão, doença maníaco-depressiva. Alias, a depressão ocupa o 2º lugar como doença que mais atinge as pessoas, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares. Na mulher, porém, tem-se que levar em consideração o ciclo menstrual, a oscilação de hormônios que são responsáveis pelo desequilíbrio metabólico cerebral, provocando alterações de humor.

Outros transtornos muito freqüentes são os da ansiedade, como o transtorno do pânico, caracterizado pela sensação de medo e mal estar repentino, aceleração dos batimentos cardíacos, dormência, dificuldade de respirar, enfim, uma sensação de morte eminente.

O conceito de neurose e psicose são oriundos da psicanálise e hoje é preciso ter muito cuidado ao usa-los. A neurose pressupõe que a pessoa manifesta conflitos de ordem psicológica por conta de traumas e recalques ao longo da vida. Já a psicose pressupõe um transtorno mental grave que se caracteriza pela perda da consciência daquilo que está acontecendo, manifestada por delírios, alucinações, sentimentos hostis e comportamentos totalmente inadequados.

03. Qual a incidência de pacientes que procuram seu serviço e que trabalham na área de educação? E quais as queixas mais freqüentes?

Não posso precisar estatisticamente, mas posso afirmar que o número de pacientes que são profissionais da educação é bastante significativo, diria melhor, são professores que estão em sala de aula, na relação direta com o aluno. Geralmente são pessoas que trabalham em escolas públicas, em bairros afastados, com número excedente de alunos na sala e por conseguinte não tem quase ou nenhum controle sobre o trabalho que realizam, se é que podemos chamar de disciplina!

A principal queixa que compromete o bem estar desse paciente-professor é o desinteresse dos alunos ou como se costuma dizer, contam-se nos dedos os alunos que querem aprender alguma coisa. Num relato de um paciente, ele me disse “Olha, doutor, preparei uma aula durante o final de semana com todo capricho e no outro dia, simplesmente, não consegui realizar”.

Logo, fatores como: carga horária ou demanda efetiva de trabalho; infra-estrutura deficiente, ou seja, condições de trabalho precárias; desarticulação da política educacional nas esferas estadual e municipal, principalmente; baixa remuneração, que leva o professor a trabalhar em vários lugares numa super jornada, para garantir a sua sobrevivência e a de sua família, são determinantes para o surgimento desses transtornos.

04. Durante a terapia com seus pacientes, que trabalham em educação, é possível observar sintomas como ausência de auto-estima, exaustão física e emocional e baixa realização no trabalho?

Não precisa ser psiquiatra para observar sintomas como esses, pois o professor que passa o dia todo fora de casa trabalhando e quando chega ainda traz tarefas para fazer, que é cobrado e exigido a se atualizar e que tem que provar para todos que , ainda assim, consegue ser competente, esse professor vive um elevado nível de ansiedade, onde ele passa a questionar a sua capacidade de trabalho, desacreditando, muitas vezes, em si mesmo.

Os programas educacionais não se tornam aliados dos professores, mas verdadeiros campos de combate, cujo o único atacado é sempre o professor. Projetos pedagógicos que são colocados de uma hora para outra e espera-se que o professor tenha tempo e recursos para aplica-los com sucesso. Projetos, inclusive, desvinculados da realidade vivida pelo professor e aluno.

05. Pode-se dizer que tais pacientes sofrem um tipo de Síndrome, como a de Burnout, caracterizada pela desistência psíquica em relação ao trabalho?

Todos esses problemas e outros mais geram conflitos e terminam por acarretar ao professor problemas de saúde, principalmente na esfera mental, onde os quadros mais freqüentes são os transtornos depressivos e os transtornos de ansiedade. Os depressivos são normalmente recorrentes, em que o paciente perde o ânimo, tem dificuldade de concentração, distúrbio do sono, fadiga, perda da condição dinâmica do trabalho. Quando ele procura o profissional de saúde já é para se afastar da sua atividade profissional. Tenho vários casos em que o paciente solicitou relatório médico para se afastar da sala de aula a fim de passar por uma readaptação funcional, mediante seu estado físico-emocional. Isso, para aqueles que conseguem chegar a um serviço especializado (o atendimento público é bastante restrito!), quando não, eles enfrentam uma maratona médica, passando de um profissional para outro.

No caso do transtorno de ansiedade ou do pânico, também acontecem manifestações semelhantes; o paciente tenta manter o máximo de autocontrole sobre sua rotina de trabalho, só que num dado momento ele perde essa capacidade, então, é quando ele reage de forma inesperada diante da indisciplina de um aluno, da crítica de um colega ou mesmo sem qualquer motivo aparente.

Tanto num tipo quanto no outro, a cefaléia tensional é a queixa mais freqüente e a que mais incomoda o paciente. Ela decorre da condição emocional da pessoa pela incapacidade de relaxar. Na tentativa de manter o autocontrole, a tensão é constante e sobrecarrega a musculatura do segmento cefálico, dando uma sensação desagradável de peso e dor, que não desaparece facilmente com o uso de analgésicos comuns.

06. Na sua opinião, o stress pode ser considerado um mal da vida moderna? Quais as conseqüências que ele traz ao ser humano?

É muito comum um paciente ouvir de um médico “isso é stress!”

O conceito de stress é um conceito fisio-patológico em que tem um agente estressor como fator que leva a pessoa ao mal estar e abre a porta para outros problemas de saúde. Muitas vezes, o paciente passa por uma extensa lista de diagnósticos que não levam à verdadeira etiologia da doença, ficando na sintomatologia reincidente.

A psiquiatria, no entanto, permite uma escuta através da verbalização do paciente, podendo-se chegar a um diagnóstico mais evidente.

07. O uso de novas tecnologias pode ser um dos fatores desencadeadores da Síndrome de Burnout?

Entre outros fatores, o uso de novas tecnologias pode desencadear o stress. São novas exigências de tecnologia e comunicação em que o professor não dispõe de tempo e recurso para aprender a lidar com elas, embora, sejam cobrados no seu cotidiano, esse exercício.

Tal conflito faz com que o paciente se sinta desqualificado para o trabalho. A gênese desse problema está na formação profissional, cujas deficiências são transferidas de uma etapa para outra.

08. No âmbito da medicina, os profissionais de saúde demonstram ter conhecimento sobre a Síndrome de Burnout?

A Síndrome de Burnout ainda é desconhecida pelos profissionais de saúde, em sua maioria. O que não quer dizer que não haja atendimento aos pacientes, prováveis vítimas da Síndrome, que apresentam estado clínico similar como exaustão física e emocional, perda do interesse e motivação pelo trabalho, para o qual eles estudaram e se propuseram a realizar.

Contudo, falta-nos informação teórica para realizarmos um diagnóstico mais preciso e a medicina tem pecado em rotular diagnóstico a partir da sua prática ou atribuir diagnósticos nosológicos.

09. Pela sua vivência clínica, os profissionais de educação tem buscado ajuda psicológica com mais ou menos frequência e com que finalidade?

Na minha prática, o número de pacientes é significativo, diria que esse número ainda é maior por conta daqueles que não conseguem chegar a um profissional em busca de ajuda específica. Os diagnósticos mais freqüentes são os transtornos depressivos e os transtornos de ansiedade, tipo do pânico. Através da fala do paciente, observa-se a queixa em relação ao trabalho, à demanda, às dificuldades, à performance (que não é a mesma do início da carreira), à sensação de incompetência e posterior sentimento de impotência, aliado a outros conflitos de ordem pessoal, na família, no casamento e no relacionamento com outras pessoas.

Apesar desse sentimento de impotência, o paciente-professor vê-se obrigado a continuar trabalhando; sente que não pode dar mais, contudo, não pode (e não deve) desistir. Para muitos, a alternativa é buscar o amparo da Previdência Social e então eles enfrentam outro processo perverso que é o olhar de desconfiança e demérito para os reais motivos que levam o profissional ao afastamento temporário ou definitivo.

A perícia costuma pressionar o professor, alias, a professora, pois a maioria é composta de mulheres, para retornar ao trabalho. Aí temos duas situações desanimadoras. Se a paciente é jovem, não aceita o afastamento por invalidez, temendo o preconceito de que será vítima e se a paciente tem mais tempo de profissão, canaliza suas forças para a aposentadoria que julga mais honroso.

10. Como você descreveria um profissional vítima da Síndrome de Burnout? Arriscaria um prognóstico?

Quando um profissional de educação chega até o psiquiatra é porque já passou por tudo e, lógico, chega em condições emocionais muito frágeis, alguns até

submetem-se à terapia de internamento. O profissional tem sua economia psíquica comprometida em sua relação com o trabalho, talvez fosse isso que eu não conhecesse pelo nome de Burnout e agora vou olhar sobre essa analogia, aplicando esse conceito de economia psíquica - perda de energia.

É difícil arriscar um prognóstico. Muitos voltam à sala de aula porque são forçados ou porque não querem ser vistos como um professor que fracassou. Ele continua na sala de aula, mas deixa o barco correr...

O contexto da educação não contribui muito para a saúde mental do profissional de educação. Há muito interesse, hoje, em índices que são revertidos em números que financiam os programas das políticas educacionais e há pouco interesse em que o aluno aprenda.

O professor é desprestigiado, desempenha seu trabalho em condições ineficazes, tem salário muito abaixo dos profissionais de mesmo nível de formação e ainda assim, espera-se que ele garanta que a escola funcione bem, que o aluno seja aprovado e que os projetos pedagógicos tenham êxito (...)

Aí está o **X** da questão do fracasso da escola pública no Brasil!

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

Entrevista com Profissional da Educação: Membro Executivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE*

01. Qual o objetivo da CNTE em realizar uma pesquisa sobre a Saúde dos Trabalhadores da Educação no Brasil?

A pesquisa foi feita no sentido de dar condições para que os trabalhadores em educação conhecessem a si mesmos. A nossa primeira descoberta foi que, para saber sobre a saúde mental dos trabalhadores em educação, era necessário conhecer tudo (ou quase tudo) sobre os trabalhadores em educação. Duas questões básicas foram evidenciadas: uma que comprova cientificamente o que, empiricamente a categoria já sabia, e outra, que 48% dos trabalhadores em educação no Brasil apresentam a Síndrome de Burnout, isto é, uma espécie de desistência do educador, uma retirada psicológica “de quem desistiu mas ainda está lá (...)”. Para nós Burnout foi a grande novidade!

02. Qual a sua experiência em divulgar essa pesquisa no Brasil e no exterior?

No Brasil a pesquisa foi divulgada regionalmente, com mais intensidade em alguns Estados do que em outros, mas não houve uma divulgação nacional como merecia o tema.

* Entrevista com Francisco das Chagas Fernandes, coordenador político da Pesquisa sobre as “Condições de Saúde Mental dos Trabalhadores em Educação no Brasil”, realizada pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho/UnB e Membro Executivo da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), realizada num Encontro de Educação, na cidade de Itabuna-BA, em 23 de fevereiro de 2002.

Fora do Brasil a pesquisa ganhou mais repercussão por ser única em abrangência sobre o Burnout, pois por dois anos pesquisadores da UnB trabalharam com mais de 52.000 sujeitos nos 27 Estados da Federação brasileira.

Ao divulgar os resultados da pesquisa no Congresso de Pedagogia, em 2001, em Cuba, e também na Argentina, recebemos a proposta para traduzir o livro “Educação: carinho e trabalho” para o espanhol.

O fato é que nossa pesquisa tem sido considerada referência internacional sobre o tema.

03. Sabe-se que a inserção das novas tecnologias na educação tem encontrado resistências (...). Você considera importante olhar essa questão sobre a ótica do Burnout?

Como falei anteriormente, o objetivo inicial da pesquisa era conhecer as condições de saúde mental dos trabalhadores em educação. A partir daí várias outras questões foram trabalhadas: gênero, condições de trabalho, salário (...), não houve tempo para investigarmos sobre o uso das novas tecnologias, entretanto, essa é uma discussão muito séria; não no sentido de que o professor não quer a tecnologia, mas da forma como ela é apresentada. Por exemplo, pensar que o computador substitui o professor, ou até mesmo, colocar computadores na escola e o auxiliar de serviços gerais não limpar a sala por medo de quebrar o computador (!).

04. É quase senso comum que as novas tecnologias trazem benefícios. A questão é, um profissional vitimado por Burnout tem condições de aprender e usar essas novas tecnologias?

Bem, Burnout é a desistência, mas você ainda vai lá. Imagine que você ensina 2+2 e não está interessado se o aluno aprendeu. Burnout é isso, a falta de interesse, a perda do carinho e dedicação, pois ele “coisifica” o aluno como se este fosse uma cadeira, uma mesa (...). No exemplo do computador, ele não é capaz de transmitir afeto: vale a pena pensar sobre isso!

05. Parece-me que a parceria entre o Laboratório de Psicologia do Trabalho (LPT) da UnB e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) foi bem sucedida, não?

Sim, coube ao LPT a responsabilidade da pesquisa e à CNTE o financiamento e as condições para que a mesma acontecesse. Agora estamos realizando outra pesquisa – Retrato da Escola – sobre a realidade da educação brasileira que, provavelmente também resultará num livro.

06. Você se arriscaria a fazer um prognóstico para a Educação diante dos números apresentados na pesquisa realizada sobre a Saúde dos Trabalhadores?

A Síndrome não é invenção nossa, mas ela é proveniente da realidade educacional que, se não mudar, pode agravar-se ainda mais.

Se fizermos uma nova pesquisa daqui a dez anos, por exemplo, não encontraremos os 48%, mas índices cada vez maiores. Por quê? Porque os salários continuam os piores; os professores trabalham duas ou três jornadas, não têm tempo nem dinheiro para se atualizarem; as escolas não funcionam em condições apropriadas (...), enfim, porque o educador se vê diante da impossibilidade frustrada de realizar seu trabalho.

Para concluir, eu diria que é preciso mudar a realidade educacional e cultural do país. O jeito mais fácil de prevenir o Burnout é mudando o cenário da educação pública no Brasil hoje.

ANEXO B – Observação

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Mestrado em Mídia e Conhecimento.

Pesquisa: **Os Profissionais da Educação e o Uso das Novas Tecnologias**

Responsável: Kátia Bomfim de Carvalho Guerreiro

Observação do Cotidiano de um Espaço Digital de Aprendizagem –

EDA – Rede Municipal de Ensino de Ilhéus-BA*

O Espaço Digital de Aprendizagem (EDA), em observação, pertence à Escola H. D., da Rede Municipal de Ensino de Ilhéus, possuindo aproximadamente 1.500 alunos de 1^a à 4^a Série do Ensino Fundamental, nos três turnos de funcionamento.

O EDA dispõe de sala própria (24m²), composta por 05 computadores em ambiente de rede, 01 scanner e 01 impressora; e mais um computador completo, como prêmio recebido pela escola por participar do Programa “Sua Nota Vale um Show”, do governo federal.

As máquinas são dispostas sobre uma bancada em formato de “L”, fixadas em fio de aço, por medida de segurança, e acomoda com razoável conforto 10 alunos sentados, sendo 02 por máquina. As paredes e o piso são revestidos de cerâmica, janelas e portas de madeira com fixação de grades.

As condições ambientais da sala não são ideais, pois não há cadeiras suficientes para todos os alunos, inclusive para o professor e o coordenador; a iluminação é precária, apenas com 02 lâmpadas acesas; a umidade e o mofo prejudicam a qualidade do ar mesmo em ambiente refrigerado, com uso de ar condicionado a renovação do ar é deficiente.

* Observação realizada num Espaço Digital de Aprendizagem (EDA) pertencente a uma das escolas da Rede Municipal de Ensino, na cidade Ilhéus-BA, no período de 29 a 31 de julho de 2002.

Quanto ao uso do EDA, a coordenadora L. afirma que “procura adequar a sua carga horária na escola às necessidades dos alunos e professores”, mas salienta que o turno matutino não contempla a todos, acrescentando que, “por isso mesmo o trabalho no EDA deve ser planejado e inserido ao projeto pedagógico da escola”.

No período observado, os professores da 3ª e 4ª séries se revezam no uso do EDA, segundo o cronograma estabelecido e fixado em uma das paredes da sala, para dar continuidade ao projeto “Construção do Jornal”. Os alunos desenvolvem em sala de aula textos, notícias e sugestões que farão parte do jornal da escola. No EDA eles utilizam o programa WORD para digitarem os textos elaborados anteriormente. O objetivo desse projeto é possibilitar aos atores escolares uma melhor comunicação, além do domínio tecnológico, a autonomia na construção do conhecimento.

A coordenadora L. está a espera de mais uma turma que entra acompanhada da professora, sendo que apenas 10 alunos, por vez, terão assento para realizar a atividade proposta no computador. Os demais (20 alunos em média) ficam sentados no chão da sala, encostados à parede aguardando serem chamados pela professora à medida que alguma dupla conclui a atividade.

Segundo a professora não há outra alternativa, “ou traz todos para o EDA e tenta fazer com que eles utilizem o computador ou ficam todos na sala de aula”. A coordenadora justifica: “sabemos que as condições não são ideais, mas não podemos ficar parados, de portas fechadas, como muitos por aí, enquanto o mundo corre lá fora (...); temos planos de otimizar os espaços, por exemplo, utilizar a sala de vídeo e TV e a dos computadores simultaneamente, evitando essa espera que só gera ansiedade e indisciplina”.

Observa-se também que os alunos exploram o teclado procurando descobrir comandos e funções que lhes auxiliem na digitação do texto. Eles se utilizam da “tentativa e erro” para aprenderem, numa demonstração simples e direta, estabelecendo uma comunicação entre os componentes da dupla.

A coordenadora L. e a professora se dividem em dar assistência aos alunos em atividade, tirando dúvidas ou fazendo demonstrações. Vez por outra interrompem essa assessoria para chamar a atenção dos outros alunos que fazem muito barulho conversando, brincando ou até mesmo brigando entre eles.

Na atividade prevista para 60 minutos por uma turma, percebe-se o interesse e a atenção dos alunos quando ficam diante do computador. A concentração e o desejo de permanecerem ali sentados, mesmo quando precisam dar oportunidade aos demais colegas, é uma prova disso. A coordenadora L. tenta envolver os demais alunos em atividades improvisadas que não dão certo, por faltarem recursos ou não terem sido planejadas com antecedência.

Terminado o tempo, nem todos têm a chance de “experimentar” o computador, já que o número de equipamentos é pequeno diante do número de alunos (...); observa-se os olhares frustrados de alguns (...).

Nova turma já aguarda à porta do EDA. Enquanto os alunos se acomodam pela sala, a coordenadora L. executa o procedimento de salvar em arquivo os textos digitados pela turma anterior.

A rotina é a mesma com as turmas que se seguem (...).

É possível perceber o olhar angustiado da professora que não consegue acompanhar todos os alunos, dividindo-se “aqui” e “ali”, entre os que estão “aprendendo” e os que estão “bagunçando”.

Encontram-se distribuídos pelas paredes da sala, cartazes ilustrados sobre os cuidados que se deve ter no uso do EDA, como “não comer ou não beber na sala”, “não jogar lixo no chão”, etc.

Observa-se que a frequência, tanto dos alunos quanto dos professores ao EDA dá-se por meio de projetos, exceto para alguns funcionários ou professores a serviço de outras atividades escolares.

O atendimento da coordenadora do EDA (L.), ocorre no turno da manhã, ficando os demais turnos a critério do coordenador pedagógico ou professor, à medida que se sentem seguros para usá-lo.

Apesar do treinamento recebido pelo NTE/NET, observa-se que muitos professores ainda não se sentem familiarizados com o ambiente tecnológico ou com os recursos computacionais, tanto que foram várias as solicitações feitas pelos professores para serem assessorados pela coordenadora do EDA em procedimentos comuns como salvar arquivos, fechar programas, abrir pastas ou até mesmo, que a própria coordenadora realize tais tarefas.

Pode-se dizer que durante esse breve período de observação, o EDA ainda não é lugar-comum entre os professores, mas é percebido como “espaço diferente” que precisa e deve ser usado.

Por que? Para que? Como? São perguntas que se repetem no dia-a-dia dos profissionais da educação, na tentativa de usar as novas tecnologias como se usa o lápis e o papel.